



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METAFÍSICA

**A TYCHE DE ALEXANDRE MAGNO ENTRE A VULGATA E O ROMANCE  
GREGO:  
Um estudo comparado a partir de paralelos nas duas tradições**

STEPHANY GUEDES KRAUSE

**BRASÍLIA  
2023**

**STEPHANY GUEDES KRAUSE**

**A *TYCHE* DE ALEXANDRE MAGNO ENTRE A VULGATA E O  
ROMANCE GREGO:**

**Um estudo comparado a partir de paralelos nas duas tradições**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Mestre em Metafísica.

**Linha de pesquisa:** Origens do Pensamento Ocidental.

**Orientador:** Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna.

**BRASÍLIA  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

KK91t

Krause, Stephany Guedes

A TYCHE DE ALEXANDRE MAGNO ENTRE A VULGATA E O ROMANCE GREGO: Um estudo comparado a partir de paralelos nas duas tradições / Stephany Guedes Krause; orientador Henrique Modanez de Sant'Anna. -- Brasília, 2023.  
94 p.

Dissertação(Mestrado em Metafísica) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Alexandre Magno. 2. Romance de Alexandre. 3. Vulgata. 4. Grécia Anrīga. 5. História Antiga. I. Sant'Anna, Henrique Modanez de, orient. II. Título.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna (UnB)  
(Orientador)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup>. Ivanete Pereira (UFAM)

---

Prof. Dr. Silvio Marino (UnB)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Tupá Guerra Guimarães da Silva (UnB)  
(Suplente)

**Data de Defesa:** 26 de maio, 2023.

**BRASÍLIA**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Para que esta dissertação pudesse ser concluída, contei com a ajuda primordial de várias pessoas, dentre as quais tenho prazer em agradecer:

À minha família, que me deu todo o apoio durante o desenvolvimento desse trabalho, em especial a minha irmã Cristina que tem sido minha base há alguns anos.

Ao Prof. Dr. Henrique Modanez Sant'Anna por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com paciência, profissionalismo, dedicação e compreensão.

Às queridas Adriana Riquena, Jackeline Sebastião, Carol Menon e à toda equipe do Educandário Humberto de Campos pela compreensão e empatia no momento em que mais precisei. Quem dera todas as escolas tivessem diretores e professores como vocês.

Aos professores Ivanete Pereira, Silvio Marino e Tupá Guerra por aceitarem o convite para compor a banca examinadora.

E ao Lucas por ser meu companheiro de vida e cúmplice incondicional. Obrigada, sem você, eu não teria conseguido.

*Alexander the Great*

*His name struck fear into hearts of men*

*Alexander the Great*

*Became a legend amongst mortal men*

Iron Maiden. *Alexander, The Great.*

## RESUMO

Esta dissertação baseia-se na comparação de episódios da vida de Alexandre Magno, narrados tanto nas fontes da tradição vulgar, representada por Quinto Cúrcio, Diodoro Sículo e Justino, quanto no Romance Grego de Alexandre atribuído a Pseudo-Calístenes. O estudo comparativo tem como elemento central as passagens que tratam do mito do nascimento de Alexandre; de sua estadia no Egito, com foco na visita ao oráculo de Amon e na fundação de Alexandria; da simbologia da derrota de Dario na batalha de Gaugamela (331 AEC); e da morte de Alexandre na Babilônia em 323 AEC. Esse estudo analisou os pontos de convergência e divergência entre ambas as tradições, visto que tanto a Vulgata quanto o Romance possuem narrativas fantásticas amplamente conhecidas no mundo antigo e medieval, de ânimo teleológico e em que um suposto fator divino possui papel relevante. O trabalho faz ainda uma reflexão sobre a construção da personalidade de Alexandre Magno ao longo dos séculos a partir de alguns exemplos emblemáticos, e sobre como cada época e autor, desde a antiguidade até a contemporaneidade, descreveu seu próprio Alexandre. Por fim, o texto também aborda a relação entre o Romance Grego e a Morfologia do Conto Maravilhoso, tal qual elaborada por Vladimir Propp, e como esse aspecto colaborou para a difusão do mito do Alexandre heroico.

**Palavras chave:** Alexandre Magno, Romance de Alexandre, Vulgata, Grécia Antiga.

## ABSTRACT

This dissertation is based on the comparison of episodes in the life of Alexander the Great, narrated both in the sources of the vulgar tradition, represented by Quintus Curtius, Diodorus Siculus and Justin, and in The Greek Alexander Romance attributed to Pseudo-Calisthenes. The comparative study has as its central element the passages that deal with the myth of Alexander's birth; of his stay in Egypt, focusing on his visit to the oracle of Amun and the founding of Alexandria; the symbology of Darius's defeat at the battle of Gaugamela (331 BCE); and of Alexander's death in Babylon in 323 BCE. This study analyzed the points of convergence and divergence between both traditions, since both the Vulgate and the Romance have fantastic narratives widely known in the ancient and medieval world, teleological in spirit and in which a supposed divine factor plays a relevant role. The work also reflects on the construction of the personality of Alexander the Great over the centuries based on some emblematic examples, and on how each era and author, from antiquity to the present day, described his own Alexander. Finally, the text also addresses the relationship between the Greek Romance and the Morphology of Folktale, as elaborated by Vladimir Propp, and how this aspect contributed to the dissemination of the myth of the heroic Alexander.

**Keywords:** Alexander the Great, Romance of Alexander, Vulgate, Ancient Greece.

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIACÕES .....	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
<b>1 UM REI, UM HOMEM E VÁRIAS LENDAS .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Entre fontes, tradições e mitos .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Vulgata .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 O Romance de Alexandre – recensões e tradições.....</b>	<b>26</b>
<b>2 INTIMAÇÕES DE IMORTALIDADE .....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 A criação de um rei: antes de Siwa.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 A legitimação de um deus: após Siwa.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 As metamorfoses de Alexandre: a construção da sua figura através de textos e autores .....</b>	<b>40</b>
<b>2.4 O Romance de Alexandre e o conto maravilhoso.....</b>	<b>44</b>
<b>3 ALEXANDRE ATRAVÉS DE FATO E FICÇÃO: UM ESTUDO COMPARADO.....</b>	<b>54</b>
<b>3.1 O mito do nascimento .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1.1 O mito do nascimento em Ps.-Callisthenes .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1.2 O mito do nascimento em Plut. <i>Vit. Alex.</i> .....</b>	<b>59</b>
<b>3.2 Alexandre no Egito: a visita ao oráculo e a construção de Alexandria .....</b>	<b>63</b>
<b>3.2.1 Alexandre no Egito em Ps.-Callisthenes.....</b>	<b>65</b>
<b>3.2.2 Alexandre no Egito em Diod. Sic. ....</b>	<b>67</b>
<b>3.3 A derrota dos persas em Gaugamela e a morte de Dario .....</b>	<b>70</b>
<b>3.3.1 A derrota dos persas e a morte de Dario em Ps.-Callisthenes.....</b>	<b>72</b>
<b>3.3.2 A derrota dos persas e a morte de Dario em Just. <i>Epit.</i>.....</b>	<b>76</b>
<b>3.4 A morte de Alexandre na Babilônia .....</b>	<b>80</b>
<b>3.4.1 A morte de Alexandre em Ps.-Callisthenes .....</b>	<b>80</b>
<b>3.4.2 A morte de Alexandre em Diod. Sic. e Curt.....</b>	<b>84</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

## LISTA DE ABREVIACOES

<i>Arr. Anab.</i>	Arriano, <i>Anbase de Alexandre</i>
<i>Curt.</i>	Quinto Cúrcio, <i>Histria de Alexandre</i>
<i>Diod. Sic.</i>	Diodoro, <i>Biblioteca Histrica</i>
<i>Just. Epit.</i>	Justino, <i>Epítome das Histrias Filpicas de Pompeu Trogo</i>
<i>Plut. Mor.</i>	Plutarco, <i>A Fortuna de Alexandre</i>
<i>Plut. Vit. Alex.</i>	Plutarco, <i>Vida de Alexandre</i>
<i>Ps.-Callisthenes</i>	Pseudo-Calístenes, <i>Romance de Alexandre</i>

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1- Tetradracma de prata de Lisímaco, emitida entre 308-281 AEC .....	16
Figura 2 - Historiadores de Alexandre .....	24
Figura 3 - Esquema de recensões do Romance de Alexandre .....	28

## INTRODUÇÃO

Conspiração e envenenamento, alcoolismo, malária ou síndrome de *Guillain Barré*<sup>1</sup>: seja qual for a forma, Alexandre se despediu do mundo tangível aos 33 anos, em 323 AEC, tendo a Babilônia como sua última morada. Sua memória, no entanto, se mostrou mais perene.

Desde fontes originais escritas com Alexandre ainda vivo, passando por contos ficcionais do medievo, até canções de *heavy metal* de bandas oitentistas, a vida do rei macedônio foi explorada de várias formas, e a veracidade das informações nem sempre foi um fator primordial. Considerando que em vida, a produção textual sobre Alexandre já mesclava realidade e mito, após sua morte isso virou tradição.

A vida de Alexandre, seus feitos e conquistas deram origem a um imenso conjunto de histórias a respeito de sua figura. Desde textos que procuram narrar sua vida até versões completamente fictícias, grande parte dessas obras nem sempre era baseada em eventos datados e apresentava um inegável elemento teleológico: a vitória completa dos gregos sobre os persas e a conquista de todo o Oriente por um rei macedônio movido por um misto de vício, virtude, fortuna, audácia e cólera - ou, em outros casos, predestinação.

As fontes antigas sobre Alexandre seguem basicamente duas tradições: uma tradição cortesã e uma vulgar. A tradição cortesã coloca em evidência os eventos políticos e régios de vida de Alexandre, destacando seu caráter estrategista, suas virtudes e fortuna. Essa tradição tem como principal representante Arriano, que por sua vez usou como fonte Ptolomeu e Aristobulo, ambos considerados confiáveis por Arriano (ca. 92 – 175 EC) por serem relatos ligados à realeza. Essa tradição ganhou primazia nos estudos alexandrinos a partir do século XX por ter sido privilegiada por autores contemporâneos.

A Vulgata, ou tradição comum, é representada por Quinto Cúrcio (séc. I EC), Diodoro Sículo (ca. 90 AEC — 30 AEC) e Justino (séc. II EC), autores que tendem a destacar os eventos de maior apelo popular, passagens romanceadas e eventos fantásticos. Os autores da Vulgata basearam-se no relato primário de Cleitarco como fonte para suas obras.

A Vulgata tornou-se muito popular na Idade Média e contém várias histórias completas sobre o reinado de Alexandre. Essas histórias são partes relevantes das seguintes obras: a história universal escrita por Diodoro Sículo, conhecida como *Biblioteca Histórica*; a *História*

---

<sup>1</sup> HALL, Katherine. *Did Alexander the Great Die from Guillain-Barré Syndrome?* The Ancient History Bulletin (106-128), 2019. Disponível em: <https://ancienthistorybulletin.org/downloads/katherine-hall-did-alexander-the-great-die-from-guillain-barre-syndrome-106-128/>

de *Alexandre Magno*, de Quinto Cúrcio; e as *Histórias de Filipe por Pompeo Trogo*, preservadas apenas em uma versão resumida por Justino.

Outro corpus textual que muito provavelmente se baseou no relato de Cleitarco é o Romance de Alexandre. O Romance de Alexandre (doravante RA) é o nome de uma coleção geral de histórias ficcionais e fabulosas acerca da vida do rei macedônico que ajudou a difundir a tradição imaginária e mitológica que se criou sobre sua figura.

A primeira versão consolidada conhecida provavelmente foi composta no séc. III EC, porém a data de elaboração da versão mais antiga deve ter ocorrido pouco depois da morte de Alexandre. Essa história evoluiu constantemente ao longo dos séculos, com novos episódios sendo adicionados geração após geração.

O texto grego do RA tem uma composição complexa, fragmentada, duradoura e, de certa forma, coletiva. Conta com algumas recensões que deram origem a várias versões em diversos idiomas. Foi traduzido para o latim no séc. IV EC e se espalhou para todas as principais línguas vernáculas da Europa. Mais ou menos na mesma época, traduzido no Oriente para o siríaco, essa versão tornou-se a matriz das traduções para idiomas do Oriente Médio, da Ásia Central e do Sul da Ásia.

Apesar do aspecto fantástico, um dos intrigantes na Vulgata e no RA é o uso de um fundo histórico. A partir disso, é possível que os relatos primários dos historiadores de Alexandre tenham servido como *background* para o início da composição da obra, assim como os autores secundários e suas obras que chegaram à atualidade.

Por conta da pluralidade da figura de Alexandre, bem como a relação entre o real e o fictício que envolve sua interpretação, tais paralelos revelam-se profícuos, tendo em conta a popularidade e o consumo dessas fontes no medievo e suas diversas confluências em temas comuns. Outra possibilidade é que o RA, sendo uma fonte de consumo popular e com diversas variações adicionadas ao longo dos séculos, absorveu elementos dos contos maravilhosos, e isso contribuiu para a perpetuação do caráter heroico de Alexandre dentro da esfera fictícia.

A presente dissertação tem como objetivo comparar as semelhanças e as correspondências que existem entre as fontes clássicas da Vulgata e o RA, elaborando paralelos onde eles se aproximam, a fim de que se possa analisar os trechos em que o suposto favor divino e a visão teleológica dessas fontes são mais evidentes.

Para tanto, o primeiro capítulo intitulado *Um rei, um homem e várias lendas*, aborda a origem das diferentes tradições literárias antigas que retratam a vida de Alexandre na

antiguidade, essencialmente a Vulgata e suas características. O capítulo também aborda as origens e composição do RA e suas particularidades e recensões.

O segundo capítulo, *Intimações de Imortalidade*, se propõe a tratar do processo de transformação de Alexandre de figura histórica para personagem imortal. Desde seu nascimento e criação, elementos divinatórios estiveram presentes em sua jornada, primeiramente por conta da influência familiar, depois por um processo de autopromoção que ficou mais evidente após a visita ao oráculo de Amon em Siwa. Outro ponto destacado é a influência que os autores e comentadores que se dedicaram a escrever sobre Alexandre tiveram na perpetuação dessa imagem, com cada época criando seu próprio Alexandre.

Ainda nesse capítulo, apresenta-se uma abordagem sobre os elementos do chamado conto maravilhoso que estão presentes no RA, e como esse fato pode ter colaborado para a difusão da ideia de Alexandre como herói ficcional dentro das camadas populares da sociedade. Para essa abordagem, a pesquisa apoiou-se nas ideias apresentadas na obra *A Morfologia do Conto Maravilhoso*, do estruturalista russo Vladimir Propp.

Por fim, o terceiro capítulo, *Alexandre através de fato e ficção: um estudo comparado*, trata-se da comparação pontual de episódios específicos da cronologia de Alexandre presentes na Vulgata e no RA. Os episódios selecionados para a comparação são: o mito do nascimento; sua passagem no Egito, como foco na visita ao oráculo de Amon e a construção de Alexandria; a derrota de Dario em Gaugamela, e por fim, a morte de Alexandre na Babilônia.

Para a elaboração deste trabalho, foram usadas as versões da *Loeb Classical Library* para todas as fontes gregas e latinas, ao passo que para o RA optei por usar apenas a recensão  $\beta$  e sua tradução moderna para o inglês, por Richard Stoneman (1991), dada sua factibilidade. A recensão  $\beta$  é derivada de uma recensão mais antiga denominada  $\alpha$ . Essa versão caracteriza-se por ter um texto mais completo e conhecido em vários manuscritos, provavelmente datando de entre 300 e 550 EC. Nessa versão, as passagens foram reformuladas de verso para prosa, e algumas tentativas infrutíferas foram feitas a fim de restaurar a cronologia confusa da primeira recensão. As traduções do inglês para o português dos comentadores contemporâneos e textos clássicos, quando não indicadas na bibliografia, foram traduzidas livremente mim.

Além dos autores da Vulgata, também recorri ao texto de Plutarco, que apesar de não fazer parte da tradição vulgar, elabora uma obra baseada na demonstração de caráter de Alexandre, o que o torna bastante elucidativo em alguns aspectos de comparação. Arriano também foi usado quando se fez necessário.

Ao longo de todo o trabalho, comentadores modernos foram usados para referenciar as ideias e trazer elementos já antes abordados sobre Alexandre, sendo os principais A.B. Bosworth, E.J. Baynham, Ernest Badian, Peter Green, Z. David Zuwiyya, Johann Gustav Droysen; N.G.I. Hammond, Robin Lane Fox, Eugene N. Borza, e mais frequentemente, Richard Stoneman. Para as análises literárias, ressaltam-se Mikhail Bakhtin, Vladimir Propp, Peter Burke, Jean Jacques Le Goff e Carlo Ginzburg.

# 1 UM REI, UM HOMEM E VÁRIAS LENDAS

## 1.1 Entre fontes, tradições e mitos

Uma das grandes questões paradoxais dentro dos estudos sobre Alexandre são as fontes. Se por um lado existe a escassez de obras completas contemporâneas ao macedônio, por outro, a historiografia está bem servida de fragmentos desses textos (GREEN, 2007, p. 19).

De característica fragmentária, esses textos são geralmente de difícil conexão, inacessíveis por não especialistas, e frequentemente apresentam interpretações heterogêneas da figura de Alexandre (BADIAN, 1976, p. 297; GREEN, 2007, p. 19). Além das obras com transcrições diretas desses fragmentos antigos, existem também aquelas que são “versões condensadas” desses textos, escrito por autores tardios (o *Epítome de Pompeu Trogo*, escrito por Justino, uma das fontes primordiais desse trabalho, é um exemplo desses compêndios) (GREEN, 2007, p. 20).

As fontes sobre Alexandre são de modo geral literárias. Papiros e inscrições são escassos, sendo a numismática a única fonte material realmente rica e abundante, ainda que póstuma (GREEN 2007, p. 20). Como veremos mais profundamente no capítulo 2, a autopromoção de Alexandre foi uma medida de propaganda pessoal empregada pelo rei, que desejava substituir o sistema monetário local por moedas próprias, com várias delas chegando até a atualidade<sup>2</sup>. Além das moedas contemporâneas a Alexandre, seguiu-se também moedas cunhadas por seus sucessores, já que o uso de moedas com a cabeça de Alexandre transmitia a ideia de legitimidade de um sucessor herdeiro. Essa tática foi usada por Ptolomeu, Lisímaco e outros (GREEN, 2014, p. 31).

Figura 1- Tetradracma de prata de Lisímaco, emitida entre 308-281 AEC



Fonte: Museu Britânico.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre as moedas, ver: Prince (1991); Bellinger (1963); Oikonomides (1981) e Kraay (1966) (GREEN, 2007, p. 20).

Ao longo da campanha pela Ásia, Alexandre foi acompanhado por uma comitiva bastante variada de intelectuais e estudiosos de várias áreas, incluindo bematistas (βηματισταί) que anotavam os avanços da expedição diariamente, além de um historiador oficial, Calístenes<sup>3</sup>, escritores e filósofos como Onesícrito<sup>4</sup> e Anaxarco<sup>5</sup>, Carés<sup>6</sup> e outros profissionais que estudavam a geografia, fauna e etnografia das regiões onde passavam (STONEMAN, 1997, p.25).

Além dos encarregados oficiais, companheiros, gerais e comandantes de Alexandre também deixaram relatos semibiográficos, sendo Ptolomeu<sup>7</sup>, Aristobulo<sup>8</sup> e Nearco<sup>9</sup> os mais conhecidos (GREEN, 2014, p. 20-21). Como afirma Green (2014, p. 21), “todos esses, nem é preciso dizer, embora ostensivamente oferecessem relatos objetivos, tinham diversas campanhas particulares, interesses velados e contas a acertar”.

Estes relatos primários deram origem a fontes antigas e de caráter secundário. Dentre elas, existem aquelas que são mais verossímeis e outras claramente mais fantasiosas e dadas a grandezas pouco prováveis. Esse corpus textual de fontes secundárias sobre Alexandre é representado basicamente por cinco autores, e seus textos se dividem em duas tradições: uma mais historicamente centrada, também conhecida como “tradição cortesã”; e outra denominada “tradição vulgar” ou comum.

A tradição cortesã é representada principalmente Arriano, que por sua vez considera Ptolomeu, Aristobulo e Nearco como os relatos mais confiáveis (Arr. *Anab.* prefácio; TARN, 1948, p. 1; GREEN, 2014, p. 22-24). Já a Vulgata é representada por Quinto Cúrcio (séc. I EC), Diodoro Sículo (ca. 90 AEC — 30 AEC) e Justino (séc. II EC), que usaram como fonte os textos de Cleitarco (GREEN, 2014, p. 22-23).

Arriano justifica a escolha de Aristobulo e Ptolomeu como fontes principais e dignas de crédito, pois enquanto o primeiro serviu na expedição de Alexandre, o segundo não só o acompanhou na expedição, mas foi também rei, e mentir ou falsificar fatos seria inglório para um rei (Arr. *Anab.* prefácio). Já a obra de Cleitarco tornou-se muito conhecida no medievo por

---

<sup>3</sup> Calístenes (c. 360 AEC- c. 328 AEC), sobrinho de Aristóteles por casamento, e o historiador oficial da expedição na Ásia.

<sup>4</sup> Onesícrito de Atipaleia (c. 360 AEC – c. 290 AEC) foi o chefe timoneiro de Alexandre.

<sup>5</sup> Anaxarco de Abdera (c. 380 AEC – c. 320 AEC) foi um dos filósofos da expedição.

<sup>6</sup> Carés de Mitilene foi o camareiro da corte de Alexandre.

<sup>7</sup> Ptolomeu Sóter (c. 367 AEC – c. 283 AEC) foi um general macedônio, e mais tarde rei fundador da dinastia lágida no Egito (305 AEC a 283 AEC).

<sup>8</sup> Aristobulo de Cassandreia (c. 375 AEC-c. 301 AEC) engenheiro ou oficial não militar de Alexandre.

<sup>9</sup> Nearco (c. 356 AEC – 300 AEC) foi o comandante da frota de Alexandre.

seu caráter popular, romanceado e maravilhoso, que apesar dessa condição, contém várias histórias completas sobre o reinado de Alexandre (STONEMAN, 1997, p. 28).

Essas histórias são partes relevantes das seguintes obras: a história universal escrita por Diodoro Sículo, conhecida como Biblioteca Histórica; a História de Alexandre Magno, de Quinto Cúrcio, e as Histórias de Filipe por Pompeu Trogo, preservadas apenas em uma versão resumida por Justino. Embora exista um vasto conjunto de descrições detalhadas acerca dos acontecimentos, a interpretação contida nesses textos é de caráter tardio (a tradição *Vulgata* será tratada de forma mais aprofundada no tópico 1.2).

Por fim, existe ainda Plutarco, que não entra de fato na tradição vulgar, mas que se propõem a fazer uma biografia da personalidade de Alexandre. Ele escreveu uma série de biografias em pares, sendo sempre uma personalidade grega e uma romana, denominada '*Vidas Paralelas*'. Em Vida de Alexandre, Plutarco se preocupa em ilustrar o caráter de Alexandre ao dar destaque a episódios, independente da grandiosidade, que revele seu gênio e sua personalidade, e não apenas narrar de fato sua cronologia.

Além do trabalho biográfico, Plutarco também tratou da personalidade do rei em suas obras morais. Para Plutarco, atribuir os feitos e conquistas de Alexandre apenas à Fortuna, de responsabilidade da divindade Τύχη, é injusto e indigno, haja visto que a divindade é capaz de mudar o destino dos fatos, e sua influência pode aumentar ou diminuir o poder humano. Sendo assim, essa manipulação tiraria a grandiosidade e relevância das conquistas de Alexandre que foram efetivadas a duras penas. A Fortuna, portanto, se contrapõem a Virtude.

Além disso, Plutarco também julga que a Fortuna na verdade assumiu um comportamento antagonista na trajetória do macedônio, como ele cita na *Moralia* (LIPAROTTI, 2017, p. 25). Sobre a questão, ele diz que “no que diz respeito ao meu corpo, são muitos os sintomas que carrega de uma Fortuna adversária e não aliada” (Plut. *Mor.* 327A). Além das fontes supracitadas, o corpus textual de Alexandre conta ainda com o Romance de Alexandre, uma fonte excepcional, de caráter complexo e controverso.

O Romance de Alexandre (doravante RA) é o nome de uma coleção geral de histórias ficcionais e fabulosas acerca da vida do rei macedônico que ajudou a difundir a tradição imaginária e mitológica que se criou sobre sua figura. A primeira versão consolidada conhecida foi provavelmente composta no séc. III EC, porém a data de elaboração da versão mais antiga deve ter ocorrido pouco depois da morte de Alexandre. Essa história evoluiu constantemente ao longo dos séculos, com novos episódios sendo adicionados geração após geração. Alguns manuscritos do século XV atribuem a obra ao historiador Calístenes de Olinto; todavia, é sabido

que o verdadeiro Calístenes, após episódios de desgaste com o rei, foi preso e morto por ordem de Alexandre em razão da “conspiração dos pajens”. Sendo assim, Calístenes não poderia ter escrito um relato completo de sua vida e morte, portanto, o autor da obra é denominado Pseudo-Calístenes (STONEMAN, 1991, p. 8; GREEN, 2014, p.21). Sobre a morte de Calístenes, Plutarco destaca esse episódio em *Vida de Alexandre*:

Quanto à morte de Calístenes, há quem diga que Alexandre o mandou enforcar; outros que foi posto a ferros e morreu de doença; Cares, por sua vez, relata que ele foi capturado, ficou preso durante sete meses, até ser julgado perante o conselho, na presença de Aristóteles; e que, na altura em que Alexandre foi ferido na Índia, ele morreu de obesidade e mordido por percevejos (Plut. *Vit. Alex* LV-9).

O texto grego do RA tem uma composição complexa, fragmentada, duradoura e, de certa forma, coletiva. Conta com algumas recensões que deram origem a várias versões em diversos idiomas. O RA será mais profundamente abordado no tópico 1.3.

A circularidade entre o real e o fictício também tem papel relevante, e marcou a trajetória de Alexandre, tendo o mito desempenhado um papel importante no delineamento das relações políticas durante todo o período helenístico (AMITAY, 2010, p.10).

A existência das duas tradições de fontes e comentadores dentro dos termos apresentados remete ao conceito de cultura popular x cultura erudita de Mikhail Bakhtin (1965). Bakhtin elabora uma teorização do cômico e da cultura popular, sublinhando que o riso e o aspecto jocoso das manifestações culturais populares tinham a capacidade de produzir uma dualidade do mundo, o que, portanto, configura uma oposição à cultura oficial (da Igreja e do Estado) (BAKHTIN, 1987, p.4-5).

Sobre o conceito de cultura popular que se aplica a Vulgata, também pode se aplicar a definição de Gramsci de uma cultura não oficial, da não elite e de classes subalternas (GRAMSCI, 1958). A cultura cômica (popular) expressou a visão de mundo peculiar das camadas menos letradas da sociedade. Mas, apesar disso, essa cultura manteve um contato permanente, orgânico e dinâmico com a cultura “oficial”, influenciando e sendo influenciada por ela (BAKHTIN, 1987, p. 5-6). Se o conceito de cultura popular se associa à tradição vulgar, o Romance de Alexandre é o suprassumo dessa relação. “O RA não é uma obra prima da literatura. Ele é definitivamente literatura popular” (STONEMAN, 1991, p. 31).

Tanto os textos fragmentários e as fontes secundárias antigas também deram origem a outra camada de textos que se propõem a interpretar a vida e a figura de Alexandre. Desde o século XIX, um número relevante de comentaristas modernos se propôs a escrever trabalhos sobre Alexandre e seus feitos.

Na historiografia, as interpretações modernas variaram bastante, e de Droysen (1877) a Briant (2016), muito já se falou sobre Alexandre, ao longo de um século e meio desde o início dos estudos históricos contemporâneos (STONEMAN, 1997, p. 33). Os contextos sociopolíticos e econômicos que a sociedade europeia passou ao longo dos dois últimos séculos foram primordiais para interpretação e a descrição da personalidade de Alexandre.

Na contemporaneidade, a partir da década de 1930, Tarn (1938) iniciou a tradição de valorizar Arriano, e com isso eclipsou o tratamento e interpretação que se faz dos outros autores. Assim como Plutarco, Arriano está mais interessado no *ethos* do que nas *práxis*. Essa abordagem moderna abre mais precedentes na disputa entre o popular e o erudito, já que enquanto Arriano se apresenta como a fonte oficial e baseada nos relatos do “poder oficial”, Cleitarco, que se baseia nos relatos dos soldados rasos, perdeu seu posto de principal fonte sobre Alexandre.

Independente da qualidade das fontes, esses trabalhos foram as fontes para uma sucessão de textos secundários, escritos até séculos depois, que tratam da vida de Alexandre e são referências até os dias atuais. Como é de se esperar, esses textos tardios vão refletir diferentes pontos de vista moral, desde uma abordagem heroica até outras que tratam Alexandre como um tirano vaidoso corrompido pela Fortuna (STONEMAN, 1997, p. 25).

Esse tipo de interpretação, que ficou inicialmente marcada por uma das obras morais de Plutarco (*Moralia*), *A Fortuna de Alexandre*, estende-se até a atualidade, com comentadores e historiadores contemporâneos produzindo biografias de Alexandre com base no contexto político do presente. Plutarco tende a demonstrar as virtudes de Alexandre sobrepondo aos vícios que as épocas eram caricaturadas.

A maioria dos autores aceitam que Alexandre não deixou escritos oficiais. Porém a existência dos *Diários de Alexandre* é debatida. Enquanto Stoneman apenas cita brevemente, duvidando de sua veracidade (STONEMAN, 1997, p. 26), Hammond (1997, p. 61) afirma a existência deles, justificando que o diário era particular durante a vida do rei, e após a morte do mesmo, os escritos eram recolhidos juntos com os outros pertences. Assim como Hammond, Tarn (1948, p. 1) também acredita na existência dos Diários, e afirma que Ptolomeu pode usá-los, além e outros materiais oficiais.

As obras modernas sobre Alexandre recaem na máxima apresentada por Michel de Certeau, que afirma que a escrita da história é fruto tanto dos resultados da análise do passado, quanto do tempo e do espaço presente que o autor está inserido (CERTEAU, 1982, p. 57).

Essa ideia se aplica de forma prática na concepção dos textos antigos, haja visto que o contexto, cargo ou profissão do autor influencia diretamente nas fontes escolhidas e o foco que esse autor vai dar no tratamento de sua obra. O fato de Arriano ter se baseado primordialmente em Ptolomeu e Aristobulo, conversa diretamente com a vida e cargo do próprio Arriano que estava “do lado do poder oficial” das autoridades oficiais (GREEN, 2014, p. 24). A visão de Ptolomeu, e, portanto, de Arriano, era uma visão de classe dominante, enquanto Cleitarco usou os relatos das camadas mais baixas.

Se aplicarmos essas concepções aos estudos alexandrinos na modernidade, também veremos razões para que a figura de Alexandre tenha se metamorfoseado em tantos aspectos. Em resumo, devemos perceber que “cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios” (CERTEAU, 2011, p. 57). Isso se aplica perfeitamente no primeiro tratamento acadêmico sobre Alexandre (Droysen, 1877) e outros que vieram depois.

Enquanto Droysen monta seu relato romântico e eurocêntrico bem característico de uma historiografia do século XIX, comparando Filipe e Alexandre aos Bismarks da Alemanha imperial (BADIAN, 1976, p. 280; STONEMAN, 1997, p. 33), Badian (1958) e outros historiadores pós Segunda Guerra, profundamente influenciados pelo totalitarismo e a visão da ascensão nazi ao poder, interpretaram Alexandre como um tirano sem piedade e cruel. A imagem romântica de Alexandre foi posta de lado em favor de um olhar frio e duro a terrível devastação causada de fato por suas ações (AMITAY, 2010, p. 1). Essa perspectiva fica mais clara ao descrever os últimos anos de Alexandre, no qual ele é caracterizado por instável, neurótico com mania de grandeza e síndrome de perseguição (STONEMAN, 1997, p. 33).

Passagens como a conspiração dos pajens, a fracassada tentativa de implantar a *proskynesis*, e a ênfase nas vestes de caráter oriental e na alusão divina que Alexandre aderiu ao final da vida, são exemplos da construção deliberada dessa imagem de tirano com síndrome de grandeza. Um Alexandre “corrompido pelo oriente, seu poder e misticismo”.

Sobre a *proskynesis*, o culto ao governante não era exatamente uma novidade, ou algo necessariamente mal visto, embora Badian (2013, p. 244) afirme que possa haver algumas dúvidas entre os filósofos quanto ao adorar o monarca vivo. Sobre a deificação de mortais e como os gregos enxergavam esse processo, Badian afirma que:

No mito grego (que era até certo ponto considerado como história antiga), os deuses se associavam aos mortais de várias maneiras e podiam gerar filhos mortais nascidos de mulheres mortais – filhos que, após a morte, poderiam (como Hércules) ser admitidos no círculo dos deuses, ou (como a maioria dos outros) talvez não; nesse caso eles se tornaram heróis, com suas próprias formas de culto, diferentes daquela devida aos deuses. Em tempos totalmente históricos, os homens mortais alcançaram status heroico após a morte –

especialmente os fundadores de cidades e aqueles que se tornaram iguais a eles (BADIAN, 2013, p. 244).

A influência de Alexandre no mundo do mito e sua contraparte divina não dependia apenas de seus feitos, mas também do que as outras pessoas pensaram, contaram e escreveram sobre ele. Os discursos de Plutarco sobre a Fortuna de Alexandre vão tratar muito mais da personalidade fictícia do que histórica de Alexandre (AMITAY, 2010, p. 2).

Por conta de todo o processo de transformação de pessoa em personagem (sobretudo no RA), a figura de Alexandre, e como ele é interpretado nas fontes, pode encontrar paralelos no conto maravilhoso, estruturado por Vladimir Propp (1928), como será mais profundamente abordado no capítulo 2. Para Propp, “no âmbito do conto popular, folclórico, o estudo das formas e o estabelecimento das leis que regem sua disposição é possível com a mesma precisão da morfologia das formações orgânicas” (PROPP, 1984, p. 7). Propp propõem uma classificação dos personagens e seus arcos dentro do conto maravilhoso:

O conto maravilhoso, habitualmente, começa com certa situação inicial. Enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplos um soldado) é apresentado simplesmente pela menção de seu nome ou indicação de sua situação (PROPP, 1984, p. 19).

Ao aplicarmos essa estruturação ao arcabouço de histórias do Alexandre imaginário, é possível encontrar várias correspondências.

São duas narrativas que se apresentam em relação à construção literária de Alexandre, a depender da tradição (século XIX e pós II Guerra): a relação de pai e filho conflituosa, mas admirável entre Filipe e Alexandre, onde o pai (herói sábio e espelho do filho) morre de forma inesperada, e o filho dá continuidade ao seu trabalho se tornando o grande herói e honrando a memória do pai; e o clássico e mais moderno, onde o personagem principal, Alexandre, nasce bom, admirado e inteligente desde pequeno, passa pela saga do herói, se torna grande e com o tempo, as traições, os jogos de poder se torna inseguro, neurótico e acaba morrendo como um herói que viveu suficiente para se tornar um vilão que em seus últimos anos já não é mais do que um rascunho fraco daquele personagem apresentado no início da história.

Outras personalidades também ganharam ares de personagens do conto maravilhoso, como Olímpia. Nenhuma fonte a tratou de forma gentil, tanto na abordagem antiga, quanto na moderna. Plutarco a toma como “de feitio difícil e ciumento” (Plut. *Vit. Alex* IX-5, p. 65), e Robin Lane Fox (1973, p. 17) descreve uma Olímpia cruel, vingativa, amargurada e responsável pela morte de Filipe.

Nesse conjunto, nossa ferramenta mais eficaz como historiadores, é a comparação crítica entre as muitas fontes disponíveis, pelo que não se deve aceitar ou rejeitar informações

com base na reputação dos seus autores. Por fim, é ter noção do período temporal e espaço social que a obra foi escrita, e a partir disso construir uma narrativa que faça sentido.

## 1.2 Vulgata

A chamada ‘Vulgata’ é caracterizada pelo conjunto de textos que abordam a vida de Alexandre e seus feitos, baseada em fontes com passagens fantasiosas e exacerbadas. Por apelar para o incrível, o belo e passagens aventurescas, o texto teve grande apelo popular, mas não tanto verossímil, como destaca Peter Green:

Por último, mas de longe o mais influente - omito muitos títulos e autores menores que são pouco além de nomes para nós-, temos Cleitarco de Alexandria, provavelmente jovem demais para ter servido na Ásia, mas cujo relato vívido, romantizado, e não tão lisonjeiro assim do reinado de Alexandre estava em circulação por volta do ano 310. A obra de Cleitarco foi a principal fonte para uma abordagem crítica, muitas vezes ferozmente hostil, das conquistas de Alexandre, com base moral, especialmente popular junto aos intelectuais estoicos, e em oposição direta e deliberada à tradição ufanista que louvava as gloriosas realizações de Alexandre e sua suposta busca pela concórdia universal (GREEN, 2017, p. 21).

Essa tradição contém várias histórias completas sobre a vida e o reinado de Alexandre, tendo elas usado uma seleção de autores agora perdidos. Essas histórias são partes relevantes das seguintes obras: a história universal escrita por Diodoro Sículo, conhecida como Biblioteca Histórica; a História de Alexandre Magno, de Quinto Cúrcio; e as Histórias de Filipe por Pompeu Trogo, preservadas apenas em uma versão resumida por Justino. Embora exista um vasto leque de descrições detalhadas acerca dos acontecimentos, a interpretação contida nesses textos é de caráter terciário ou tardio, já que a tradição vulgar tem como base os relatos secundários de Cleitarco.

Cleitarco viveu em Alexandria, e era filho de um historiador chamado Dinon de Colofão, conhecido por ser autor de História Persa. Ele foi contemporâneo a Alexandre, porém provavelmente novo demais para ter servido na Ásia (ATKINSON, 2013, p. 32; GREEN, 2007, p. 21), é possível que Cleitarco tenha começado sua pesquisa depois que Ptolomeu ordenou que o cadáver de Alexandre fosse trazido para o Egito. Sua obra *A História de Alexandre* foi concluída provavelmente entre 310 e 301 AEC<sup>10</sup>.

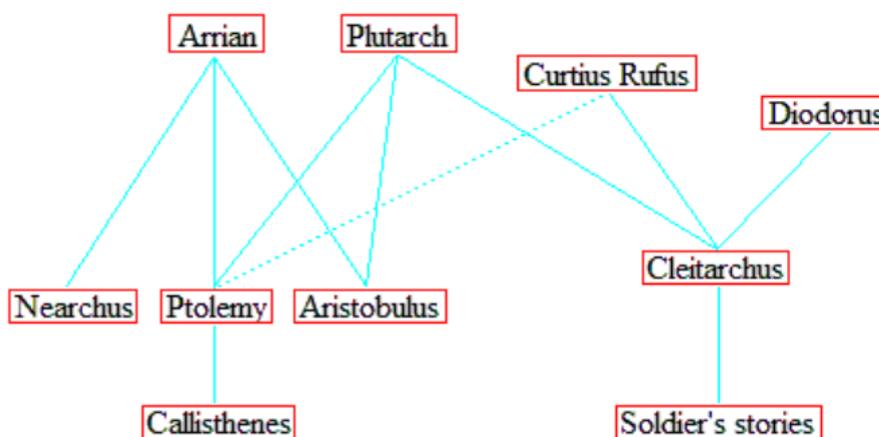
---

<sup>10</sup>CHISHOLM, Hugh, ed. (1911). *Cleitarco*. Encyclopædia Britannica. Vol. 6 (11ª edição). Cambridge University Press. p. 481.

Cleitarco se baseia primeiramente nos relatos de Calístenes e completa seu texto com histórias de alguns soldados e outros veteranos que estavam com Alexandre durante a campanha pela Ásia.<sup>11</sup>

Os relatos de Cleitarco, hoje perdidos, foram fontes para uma tradição popular das histórias de Alexandre, e tem Quinto Cúrcio, Diodoro e Justino como seus representantes (STONEMAN, 1997, p. 28). Estruturado em um esquema simplificado<sup>12</sup>, temos:

Figura 2 - Historiadores de Alexandre



Fonte: Livius.org.

Cleitarco é considerado uma fonte de pouca credibilidade, pois se dedicou a registrar tudo que fosse belo, e a escrever uma história mais divertida do que um relato histórico confiável, uma característica não observável em outros historiadores antigos (STONEMAN, 1997, p. 28).

Isso se justifica por suas fontes, pois, ao usar os relatos dos veteranos e soldados de Alexandre, é possível que tenha dado mais atenção e priorizado histórias aventurescas e passagens gloriosas, que provavelmente já foram contadas de forma aumentadas.

Porém, se por um lado a obra de Cleitarco se baseia em eventos fantásticos que diminui a confiabilidade de sua obra, por outro a tornou mais popular. O valor de Cleitarco está em alguns detalhes e passagens que os relatos de Ptolomeu, um comandante, não daria atenção, como o sofrimento das tropas no Hindu Kush; ou a crucificação em massa em Tiro que um

<sup>11</sup>LENDERING, Jona. *Alexander the Great: the vulgate tradition*. Disponível em: [www.livius.org](http://www.livius.org).

<sup>12</sup>Quadro adaptado do artigo “*Alexander the Great: the vulgate tradition*”, Disponível em: [www.livius.org](http://www.livius.org). Acesso em: 21 de junho, 2022.

historiador da corte como Calístenes não escreveria. Se não fosse Cleitarco, essas histórias seriam perdidas<sup>13</sup>.

Cleitarco, e conseqüentemente Diodoro e Cúrcio, podem estar associados na questão da cultura popular, uma vez que traz relatos do povo comum, dos soldados rasos da expedição, e por isso sua história é tão apreciada nos primeiros anos.

Sobre a face psicológica de Alexandre, Cleitarco a pinta como obscura. O jovem rei foi corrompido por sua constante boa sorte (fortuna) e se tornou um alcoólatra, um tirano e um assassino. Dentre os autores que usaram a obra de Cleitarco e que compõem a *Vulgata*, o livro XVII da Biblioteca de História Mundial, de Diodoro é a mais antiga fonte grega sobrevivente sobre as conquistas de Alexandre. A obra completa consistia em quarenta livros, dos quais I - V e XI - XX sobrevivem, porém, outros volumes são conhecidos através de trechos bizantinos<sup>14</sup>.

Além de Cleitarco, Diodoro também se vale de fontes como Hecateu de Abdera, Ctesias, Megastenes, Éforo e Jeronimo de Cárdia para compor sua obra<sup>15</sup>. Outro autor da *Vulgata*, Quinto Cúrcio Rufo foi provavelmente um comandante militar que compôs a História de Alexandre, provavelmente sob o reinado do imperador Cláudio (41 EC- 54 EC).

A História de Alexandre consistia originalmente em dez livros, e foi bastante popular no medievo. Os dois primeiros volumes não chegaram à atualidade, sendo assim a obra que temos acesso hoje começa quando o exército macedônio marchou pela Frígia, na primavera de 333 AEC, e termina com o enterro de Alexandre, que posteriormente foi levado ao Egito.

Como anteriormente mencionado, Justino não é propriamente um autor, mas um escritor do século II, que resumiu uma obra pré existente. A *Historiae Philippicae*, de Pompeu Trogo, foi uma obra extensa, com prefácio e 44 capítulos, e supõe-se que seu objetivo era escrever sobre o processo e ascensão, e o declínio da monarquia macedônia. Sobre sua vida, pouco se sabe. A maior parte do Epítome não é exatamente um resumo, mas citações de passagens de Trogo conectadas, com pouca interferência de interpretação própria<sup>16</sup>. A obra de Justino foi bastante utilizada durante o medievo, com uma boa quantidade de manuscritos chegando à atualidade.

Por conta das características supracitadas, é possível que a obra de Cleitarco tenha influenciado o RA. Stoneman diz que apesar de Cleitarco ter influenciado os textos do RA, “o

---

<sup>13</sup> LENDERING, Jona. *Cleitarchus*. Disponível em: [www.livius.org](http://www.livius.org). Acesso em: 23 de junho, 2022.

<sup>14</sup> LENDERING, Jona. *Diodorus*. Disponível em: [www.livius.org](http://www.livius.org). Acesso em: 23 de junho, 2022.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Enciclopédia Britannica. Justin. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Justin-Roman-historian#ref154969>. Acesso em: 14 de julho, 2022.

RA não pode ser ligado à tradição iniciada por Cleitarco: contém demasiado material próprio” (STONEMAN, 1997, p. 28).

### 1.3 O Romance de Alexandre – resenhas e tradições

O RA é o nome de uma coleção geral de histórias ficcionais e fabulosas acerca da vida de Alexandre, que ajudou a difundir a tradição imaginária e mitológica que se criou sobre sua figura. A primeira versão consolidada conhecida foi provavelmente composta em Alexandria no séc. III EC (KROLL, 1926, introdução, p. XV), porém, a data de elaboração da versão mais antiga deve ter ocorrido pouco depois da morte de Alexandre.

A formação da lenda como conhecida no medievo consiste num processo gradual. As circunstâncias de sua origem são controversas. Se o primeiro texto data do séc. III EC, a composição deve ter ocorrido entre morte de Alexandre em 323 AEC, e o séc. III, ou seja, um período de 600 anos. De toda forma, essa história evoluiu constantemente ao longo dos séculos, com novos episódios sendo adicionados geração após geração (STONEMAN, 1991, p. 08).

Sobre a autoria do texto, a variedade de candidatos que aparecem ao longo dos anos é quase tão diversa quanto as resenhas que existem do RA. Enquanto Valério atribuiu a obra a Esopo, e manuscritos armênios à Aristóteles, outros manuscritos do século XV colocam o historiador Calístenes de Olinto (c. 360 AEC - c. 328 AEC) como o autor, e assim ficou marcado pelos historiadores modernos (WOLOHOJIAN, 1969, introdução, p. 1). Porém, apesar de Calístenes ter levado a autoria, o verdadeiro Calístenes foi morto na Bácia, em razão da “conspiração dos pajens”, como descreveu Plutarco:

Instalada esta animosidade entre o filósofo e o rei, a primeira consequência foi tornar-se credível a história de Heféstio, ao dizer que Calístenes se tinha comprometido com o cerimonial da vência ao rei e faltado ao compromisso. Mais tarde, homens como Lisímaco e Hágnon insistiram em afirmar que o sofista andava por ali a gabar-se de abolir a monarquia e que isso lhe valeu a admiração dos jovens, que o seguiam por ele ser o único homem livre entre dezenas de milhar de outros. Foi também por este motivo que, quando a conspiração de Hermolau e dos seus cúmplices contra Alexandre foi descoberta, se teve a ideia de que as acusações dos detratores de Calístenes tinham razão de ser. Comentou-se, por exemplo, que à pergunta de Hermolau sobre como poderia alguém tornar-se no mais ilustre dos homens, Calístenes teria respondido: ‘Linchando o mais ilustre dos homens’. E que teria incentivado Hermolau a agir sem rezear o leito de ouro, com o único pensamento de que investia contra um sujeito vulnerável à doença e aos ferimentos como qualquer outro. E, no entanto, não houve um só cúmplice de Hermolau que, mesmo sob a maior pressão, denunciasse Calístenes. O próprio Alexandre, nas cartas que logo na altura escreveu a Crátero, Átalo e Alcetas, diz que os rapazes confessaram sob tortura que a conspiração tinha sido da sua inteira responsabilidade e que não havia mais ninguém implicado. Só mais tarde, numa carta que escreveu a Antípatro, ele envolveu também Calístenes

no crime, ao afirmar: ‘Os rapazes foram apedrejados até à morte pelos Macedónios; mas o filósofo quem o vai castigar sou eu, juntamente com quem o mandou ter comigo e com quem acolhe nas suas cidades os que conspiram contra a minha vida’ (Plut. *Vit. Alex* LV, 1-7).

Considerando que o texto do RA narra muitas outras aventuras após a morte de Calístenes, o mesmo não poderia ter escrito um relato completo de sua vida e morte, portanto o autor da obra é denominado Pseudo-Calístenes. O mais provável é que tenha existido uma espécie de “editor” do século III EC, que compilou as histórias sobre Alexandre que já circulavam desde sua morte em uma obra final.

O texto grego do RA tem uma composição complexa, fragmentada, duradoura e, de certa forma, coletiva. Sua narrativa é extraordinariamente complicada, e, portanto, uma abordagem sobre as recensões e traduções não pode ser ignorada. Ainda durante a antiguidade, o RA foi reescrito e ampliado várias vezes até resultar em três versões gregas divergentes entre si, identificadas como  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\gamma$ , cada uma contendo material que difere consideravelmente uma das outras (STONEMAN, 2011, p. 03).

A versão mais antiga é conhecida como A, resultado de um único manuscrito do século III EC. Esta recensão fornece a estrutura narrativa na qual as versões posteriores se baseiam (STONEMAN, 2011, p. 03). Ela foi escrita em verso, tem um caráter menos fantasioso e se assemelha mais a um relato histórico convencional, detalhando as ações de Alexandre do que o compêndio fantástico que chegou aos dias atuais (STONEMAN, 1991, p. 28).

O primeiro manuscrito de A deu origem à recensão conhecida como  $\alpha$ . As primeiras traduções feitas de A foram para o latim no séc. III EC, e o armênio no séc. V EC. Mais tarde essas traduções serviram para suplantam as lacunas que o texto A apresenta (STONEMAN, 1991, p. 28).

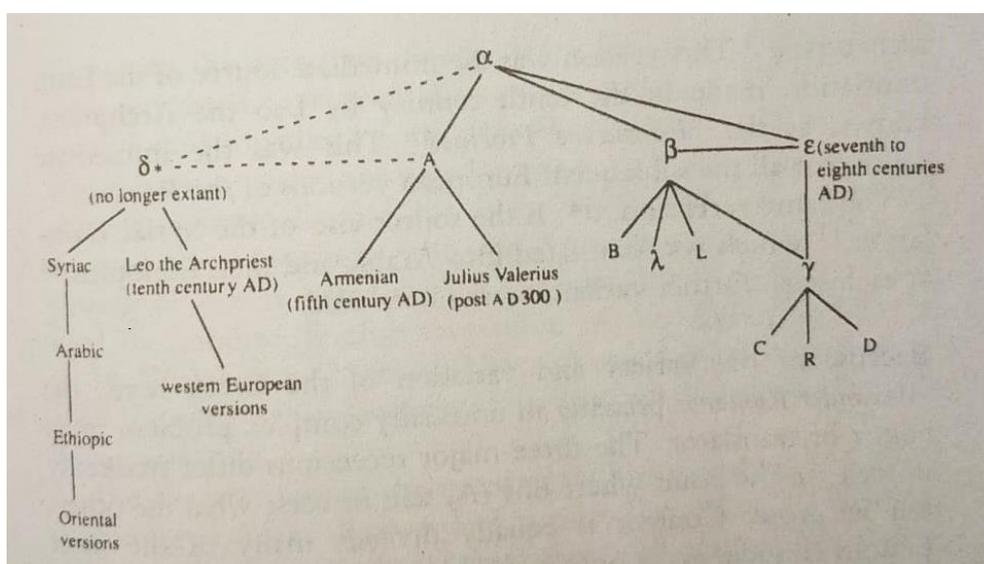
Derivando de  $\alpha$  originou-se  $\beta$ .  $\beta$  é uma versão mais completa, com mais histórias adicionadas, e com o aspecto mais próximo do texto que se popularizou no medievo. Provavelmente datando entre 300 e 550,  $\beta$  parece uma tentativa de organizar a estrutura e a geografia das histórias de  $\alpha$ . Diferentemente de  $\alpha$ ,  $\beta$  foi escrito em prosa, e conta com vários manuscritos (STONEMAN, 1991, p. 28).

A recensão  $\lambda$  é uma variação de  $\beta$ . Ela expande a versão com novas histórias de aventuras, e por isso foi bastante popular entre os leitores e tradutores (STONEMAN, 2011, p. 08). Por volta do século VIII, uma nova versão, foi composta a partir de uma combinação do  $\alpha$  original e algum material de  $\beta$ . Essa versão é denominada  $\epsilon$ . Ambos,  $\epsilon$  e  $\beta$  foram então

combinados na composição da versão mais recente e mais longa,  $\gamma$  (STONEMAN, 1991, p. 29).

Essas três recensões foram amplamente traduzidas ao longo dos séculos, primeiramente para o siríaco, que se tornou a matriz de tradução para outros idiomas da do Oriente Médio, da Ásia Central e do Sul da Ásia<sup>17</sup>; etíope, armênio e pahlavi. Essas traduções deram origem a outras versões e influenciou outros autores e textos, como os escritores persas Firdausi e Nizami. O quadro abaixo apresenta o esquema de recensões e como elas se estruturam<sup>18</sup>:

Figura 3 - Esquema de recensões do Romance de Alexandre



Fonte: The Greek Alexander Romance (1991)

A tradução do RA para o latim serviu como base para a tradução do RA para todas as principais línguas vernáculas da Europa.

Cada época e cada versão apresenta seu próprio Alexandre. Na literatura hebraica, ele é apresentado como um profeta que vai até Jerusalém. No contexto cristão, ele é um servo enviado por deus. Já no contexto persa, a interpretação da figura de Alexandre tem duas faces: uma que o demoniza e outra que o engrandece. Nos textos religiosos, Alexandre aparece como um inimigo que destruiu os altares do zoroastrismo, enquanto que no épico nacionalista *Shahnameh*<sup>19</sup>, Alexandre é *Sikander* ou *Eskandar*, um rei legítimo e descendente de Dário. É

<sup>17</sup> Enciclopédia Iranica. *Eskandar-nāma*. Disponível em: <http://www.iranicaonline.org/articles/eskandar-nama>. Acesso em: 20 de maio, 2022.

<sup>18</sup> STONEMAN, Richard. *The Greek Alexander Romance*. New York: Penguin, 1991. p. 29.

<sup>19</sup> *Shahnameh*, literalmente o Livro dos Reis, é uma grande obra poética composta pelo escritor iraniano Abu al-Qasem Ferdowsi, no século X, que narra a história e a mitologia da Pérsia. É considerada a primeira grande obra do idioma persa moderno. A narrativa inicia com heróis e reis persas pré-islâmicos, começando com os relatos

nessa adaptabilidade como figura lendária que provavelmente está a razão da resistência da lenda através dos séculos. “Não seria exagero dizer que as lendas de Alexandre são tão amplamente divulgadas e tão influentes na arte e na literatura quanto a história dos Evangelhos” (STONEMAN, 1991, p. 8).

Apesar do aspecto fantasioso do RA, seu arcabouço é claramente historiográfico. Com algumas exceções, a cronologia do Romance é basicamente a mesma que as fontes antigas apresentam. Dos episódios do Romance, um dos únicos que não tem base historiográfica é a paternidade de Alexandre. Nos relatos dos historiadores, Alexandre é filho de Filipe, e talvez também de Amon, mas nunca de Nectanebo. Como Stoneman afirma, “A ideia de que Alexandre era filho de Nectanebo pertence essencialmente à tradição egípcia e está relacionada às crenças nacionalistas egípcias no retorno de um rei a Mênfis” (STONEMAN, 1991, p. 11).

É possível que o autor grego tenha pegado a passagem que representava uma parábola nacionalista para os egípcios, e transformado em um engano ridículo, já que no texto, Alexandre mata Nectanebo sem nenhuma cerimônia ou simpatia (STONEMAN, 1991, p. 11).

Para esse trabalho, optei metodologicamente por usar a recensão  $\beta$  como base primordial, que é a recensão que Stoneman usa em sua tradução para o inglês (1991), e consultas pontuais a versão  $\alpha$ , do armênio, traduzido por Wolohojian (1969). Para a comparação dos paralelos, usei, sempre que necessário e pertinente, algumas passagens de outras recensões. Essas passagens, quando diferirem de  $\beta$ , estarão indicadas no início de cada citação.

O enredo central do Romance grego de Alexandre se baseia primordialmente na questão da filiação de Alexandre, que na história é atribuída a Nectanebo, o último faraó nativo do Egito, e toda a predestinação que acerca os feitos de Alexandre que essa paternidade lhe atribui. Em resumo, a obra se baseia na seguinte cronologia:

Nectanebo, prevendo, por suas artes mágicas, a derrota de seu país pelos persas, foge para a corte macedônia, onde apaixona-se por Olímpia, a esposa do rei Filipe. Durante sua estadia na corte, ele inventa uma maneira de fazer amor com ela, disfarçando-se como o deus Amon. No devido tempo, Olímpia engravida e Nectanebo explica que a criança será o filho de um deus e o vingador de seu pai. Filipe chega a desconfiar da gravidez de Olímpia, mas Nectanebo age para dissipar essas suspeitas através de um falcão mágico enviado em sonho para explicar a situação.

---

míticos da criação do mundo e do primeiro homem, Keyumars, e as guerras heroicas. A obra termina com a história dos últimos reis sassânidas e a conquista da Pérsia pelos muçulmanos.

Enquanto adolescente, Alexandre assassina Nectanebo, que antes de morrer, lhe conta a verdade sobre sua paternidade. Após isso, o texto segue com Alexandre sendo educado por Aristóteles, doma o cavalo Bucéfalo e vai competir nos Jogos Olímpicos. Ao retornar, ele se desentende com Filipe, e na ausência de seu pai, ele recebe uma embaixada da Pérsia que vieram recolher sua homenagem habitual e os trata com uma demonstração de potencial juvenil.

Filipe, morre e Alexandre faz uma série de campanhas pela Grécia, em seguida parte para a Ásia. Nesse momento, a expedição na Ásia é interrompida por mais uma série de campanhas na Grécia e na Itália, deixando claro a confusão que o autor faz com a cronologia e geografia do texto.

Alexandre chega ao Egito e vai direto ao oráculo do deus Amon, onde esse lhe dá instruções de onde construir Alexandria. A construção da cidade é descrita em detalhes. Alexandre segue para Mênfis, onde é recebido como a reencarnação de Nectanebo, pois lá existe uma estátua do antigo faraó com uma inscrição profética.

Alexandre continua a expedição, conquista Tiro e inicia a longa campanha contra o rei persa Dario, durante a qual ele e Dario trocam uma série de cartas diplomáticas. Os eventos históricos desta campanha são dados com algum detalhe e com razoável, mas são interrompidos novamente por uma reprise das campanhas na Grécia.

A história da campanha persa recomeça e Dario procura a ajuda do rei indiano Poro. Alexandre usa vários truques para desmoralizar os persas, incluindo uma visita a corte persa disfarçado. Ele atravessa, para esse fim, o misterioso rio Stranga que pode congelar e descongelar em um momento, e a seguir dar-se a batalha do Stranga, que corresponde a de Gaugamela nos relatos históricos. Dario é assassinado por seus sátrapas e Alexandre os condena a morte.

Alexandre se casa com Roxane e escreve uma série de cartas para Olímpia, contando suas aventuras por terras estranhas, incluindo animais estranhos, centauros, sereias, árvores e pedras mágicas; a Terra dos Abençoados e a Terra das trevas. Ele encontra a água da vida, mas não bebe. Ele continua e avança para a Índia e para a Cidade do Sol, onde recebe um oráculo que prediz sua morte. A campanha contra Poro é interrompida por um motim dos soldados, mas Alexandre derrota o rei Poro em combate único. Ele visita os brâmanes e escreve uma carta para Aristóteles. Após visitar as árvores do Sol e da Lua, ele recebe um oráculo que novamente prevê sua morte. Ele conhece a rainha Candace de Meroé e seu filho Candaules, que o leva para as Moradas dos Deuses, onde o faraó Sesonchosis o avisa de sua morte inevitável.

Alexandre visita as amazonas e as torna suas súditas. Uma segunda carta a Olímpia repete esse relato e depois descreve sua visita à Cidade do Sol e ao Palácio de Ciro com seus ornamentos de ouro. De lá, ele segue para a Babilônia, onde um nascimento monstruoso é interpretado como um presságio de sua morte. Enquanto isso, Antípatro envia seu filho para envenenar Alexandre. O veneno é a ele dado por seu copeiro Iolas, e Alexandre adocece. Ele faz seu testamento nomeando seus companheiros como governantes para todas as províncias de seu Império. Ele, então, morre e Ptolomeu leva o corpo para Mênfis, onde os sacerdotes ordenam que seja transferido para Alexandria. A obra termina com uma lista das cidades que fundou. (STONEMAN, 1997, p. 5-7).

A historiografia e o Romance se cruzam em vários momentos, e o elemento teleológico é comum a eles. Nas fontes, Alexandre apresenta a certeza inegável da vitória completa dos gregos sobre os persas e a conquista do oriente movido por um misto de fortuna, enquanto no RA isso é tratado como predestinação por conta de sua paternidade divina.

Por fim, remetendo novamente ao conto maravilhoso, é possível encontrar vários paralelos entre a morfologia do conto e as sagas fantásticas do Romance. Um dos temas dominantes dos contos maravilhosos é a busca pela imortalidade. No RA, Alexandre tem a própria busca pela fonte da vida eterna, e assim como os outros heróis fabulários, ele acaba por não beber a água da vida. É preciso morrer para entrar na história.

## 2 INTIMAÇÕES DE IMORTALIDADE

*“My son, ask for thyself another kingdom  
For that which I leave is  
too small for thee”  
Near to the East, in a part of ancient Greece  
In an ancient land called Macedonia  
Was born a son to Philip of Macedon  
The legend his name was Alexander  
(Iron Maiden. **Alexander, The Great**. Nassau/Hilversum:EMI:  
1986. Lado B, faixa 8 (08:35)).*

A construção de Alexandre como lenda é um processo gradual que perpassa por três grandes fatores: trajetória marcante, autopromoção e variedade textual. Além desses elementos, o Romance de Alexandre como obra ficcional popular no medievo marcou a figura do macedônio como um personagem de uma obra que encontra correspondência nos arquétipos do conto maravilhoso, haja visto que o RA é considerado o precursor do romance de cavalaria, gênero literário marcado por histórias fantásticas de um herói, ressaltando suas proezas e façanhas ao longo de aventuras.

### 2.1 A criação de um rei: antes de Siwa

Ao longo de sua vida, Alexandre associou sua jornada a diversas divindades e heróis, seja Zeus, Amon ou Dioniso, seja Aquiles ou Hércules (Plut. Alex. II:1; Curt. 4.6.29). Sua vida foi marcada desde o nascimento até a morte por fatores que, instrumentalizados posteriormente, viabilizaram a construção de sua faceta divina. Filho de Felipe II, rei da Macedônia e Olímpia, princesa do Épiro, Alexandre cresceu informado de sua genealogia, pois descendia do lendário Aquiles por parte de mãe, e do semideus Hércules por parte de pai. Segundo Plutarco:

No que à linhagem diz respeito, Alexandre, do lado paterno, descendia de Hércules, através de Carano; e do lado materno, provinha de Éaco, através de Neoptólemo, matéria esta que não suscita qualquer controvérsia (Plut. Vit. Alex II. 1)<sup>20</sup>.

Diodoro corrobora Plutarco afirmando que:

Por parte de pai, Alexandre era descendente de Hércules e por parte de mãe ele poderia reivindicar o sangue dos Eácidas, de modo que herdou de seus ancestrais de ambos os lados as qualidades físicas e morais da grandeza (Diod. Sic. XVII, 1. 5).

Sobre a ascendência de Alexandre, Arriano diz:

---

<sup>20</sup> Do grego: “Ἀλέξανδρος ὅτι τῷ γένει πρὸς πατρός μὲν ἦν Ἡρακλείδης ἀπὸ Καρανοῦ, πρὸς δὲ μητρός Αἰακίδης ἀπὸ Νεοπτολέμου, τῶν πάνυ πεπιστευμένων ἐστί” (Plut. Vit. Alex II. 1).

O relato predominante também o mostra sacrificando a Príamo no altar de Zeus do Pátio, para evitar a raiva de Príamo pela raça de Neoptólemo, da qual ele próprio era descendente (Arr. *Anab.* 1.11: 8).

Segundo as fontes antigas, o primeiro grande fato envolvendo toda a aura sobrenatural que viria envolver sua figura, deu-se nos sonhos proféticos que seus pais tiveram na ocasião de sua concepção. Plutarco, por exemplo, registra o sonho de Olímpia e Filipe:

Pois bem, na noite anterior à consumação do casamento, a noiva sonhou que tinha havido uma trovoadas e que um raio a atingiu no ventre; dessa descarga gerou-se um fogo enorme, que se propagou em chamas por todo o lado, antes de se extinguir. Filipe, tempos mais tarde, já depois de realizado o casamento, viu-se em sonhos a pôr um selo no ventre da mulher. A efígie do selo parecia-lhe representar um leão. Os adivinhos em geral, perante esta visão, levantaram suspeitas e aconselharam-no a estar mais vigilante nas questões do casamento. Apenas Aristandro de Telmesso lhe anunciou que a mulher estava grávida – porque não se sela o que está vazio – e grávida de um filho com uma natureza impulsiva que nem um leão (Plut. *Vit. Alex* II. 4-5)<sup>21</sup>.

O nascimento de Alexandre coincide com o dia que ocorreu o incêndio no templo de Ártemis, em Éfeso. Plutarco, ao citar Hegésias de Magnésia, disse “que o templo de Ártemis tinha ardido porque a deusa estava ocupada com o parto de Alexandre”. Assim, negligenciara a segurança de seu próprio Santuário, pois supervisionava o parto.

Sobre esse acontecimento, Plutarco afirma:

Seja como for, Alexandre nasceu no início do mês Hecatombéon [outono], a que os Macedónios chamam Loo, a seis, no mesmo dia em que o templo de Ártemis em Éfeso ardeu. Foi em função dessa coincidência que Hegésias de Magnésia se saiu com uma piada capaz, pela frieza, de extinguir o tal incêndio. Disse ele nomeadamente que o templo de Ártemis tinha ardido porque a deusa estava ocupada com o parto de Alexandre. Mas todos os Magos, que então, por casualidade, se encontravam em Éfeso, considerando o incidente com o templo sinal de futuros incidentes, lançaram-se em corrida a bater no rosto e a gritar que uma desgraça calamitosa para a Ásia tinha nascido naquele dia. Filipe, que acabava de conquistar Potideia, recebeu três mensagens ao mesmo tempo: primeiro, que Parménion tinha vencido os Ilírios numa grande batalha; segundo, que o seu cavalo tinha vencido a corrida nos jogos olímpicos; e, em terceiro lugar, que Alexandre tinha nascido. Ficou encantado com todas elas, como é natural, e mais exultante ficou quando os Magos lhe revelaram que o filho, cujo nascimento coincidia com três vitórias, havia de ser invencível (Plut. *Vit. Alex* III. 3-4)<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Do grego: “ή μὲν οὖν νύμφη, πρὸ τῆς νυκτὸς ἧ συνείρχθησαν εἰς τὸν θάλαμον, ἔδοξε βροντῆς γενομένης ἐμπεσεῖν αὐτῆς τῇ γαστρὶ κεραυνόν, ἐκ δὲ τῆς πληγῆς πολὺ πῦρ ἀναφθέν, εἶτα ῥηγνύμενον εἰς φλόγας πάντη φερομένης διαλυθῆναι. ὁ δὲ Φίλιππος υστέρω χρόνῳ μετὰ τον γάμον εἶδεν ὄναρ αὐτον ἐπιβάλλοντα σφραγίδα τῇ γαστρὶ τῆς γυναικός. ἡ δὲ γλυφὴ τῆς σφραγίδος, ὡς ετο, λέοντος εἶχεν εἰκόνα. των δε ἄλλων μάντεων υφορωμένων την ὄψιν, ὡς ακριβεστέρως φυλακῆς δεομένων των Φιλίππων των περί τον γάμον, Ἀρίστανδρος ὁ Τελμησεύς κύειν ἔφη την ανθρωπον, οὐθεν γαρ αποσφραγίζεσθαι των κενών, και κύειν παῖδα θυμοειδῆ και λεοντώδη την φύσιν (Plut. *Vit. Alex* II. 4-5).

<sup>22</sup> Do grego: “Ἐγεννήθη δ’ οὖν Ἀλεξανδρος ἰσταμένου μηνός Ἐκατομβαιωνος, ὃν Μακεδόωες Λωον καλοῦσιν, ἑκατῆ, καθ’ ἣν ἡμέραν ὁ τῆς Ἐφεσίας Ἀρτέμιδος ἐνεπρήσθη νεῶς. ὡ γ’ Ἠγησίας ὁ Μάγνης ἐπιπεφώνηκεν ἐπιφώνημα κατασβέσαι τήν πυρκαϊάν ἐκείνην ὑπὸ ψυχρίας δυνάμενον. Εἰκότως γάρ ἔφη καταφλεχθῆναι τόν νεών τῆς Ἀρτέμιδος ἀσχολουμένης περί τήν Ἀλεξάνδρου μαίωσιν. ὁ σοι δέ των μαγων

Posteriormente, os acontecimentos relativos ao templo de Ártemis foram interpretados como um presságio em relação ao que viria ser a personalidade de Alexandre e sua campanha devastadora pela Ásia.

A influência tanto de Olímpia como a de Filipe sobre o jovem Alexandre foi significativa em sua formação, e determinante em alguns pontos. Ele cresce sob padrões que o exigiam excelência e proeminência, principalmente no que se refere à moral marcial, sobretudo na arte da guerra (ANSON, 2013, p.83).

Olímpia provavelmente o influenciou religiosamente, fator que ela própria era referência (Plut. *Vit. Alex.* II. 7-9). Alexandre acreditava na manifestação de vários deuses e vários cultos, além do laço de afeição entre mãe e filho ser excepcionalmente forte, como salienta Hammond:

Ele tornou-se profundamente religioso, pronto para acreditar nas manifestações dos deuses em muitos cultos e em muitos lugares, e com muitos nomes. Porém, por mais forte que fosse a personalidade dela, Alexandre não foi dominado por sua mãe. Depois de se tornar rei, contava inteiramente com seu próprio julgamento nos assuntos públicos (HAMMOND, 2005, P.21).

Plutarco destaca a forte religiosidade de Olímpia, sendo ela adepta de muitos cultos, e vários deuses (Plut. *Vit. Alex.* II. 7-9). Essa proximidade maternal se estende tanto no curso quanto no final da vida de Alexandre. Quando Olímpia se desentende com Filipe, é o lado dela que o filho toma; a conspiração de Antípatro é colocada em prática quando Olímpia se queixa dos excessos e abusos que o administrador da Macedônia cometia, inclusive contra ela mesma (Diod. Sic. XVII, 118. 1). Sobre a relação entre Olímpia e Alexandre, Tarn comenta:

Provavelmente é seguro dizer que ele nunca se importou com nenhuma mulher, exceto sua terrível mãe, isso é certo - e possivelmente sua mãe adotiva Sisigambis, que certamente teve alguma influência com ele (TARN, 1948, p. 326).

Desde a infância, é sabido que Alexandre cultuava Hércules e Aquiles, ambos filhos de um deus com um mortal. Para Alexandre, esses heróis clássicos não eram fantasia mitológica, mas pessoas reais que acreditavam que seus descendentes honrariam suas jornadas como grandes guerreiros e benfeitores da humanidade.

---

ἐν Εφέσω διατρίβοντες ἔτυχον , τό περι τόν νεών πάθος ἡγούμενοι πάθους ἐτέρου σημειον εἶναι, διέθεον τά πρόσωπα τυπτόμενοι καί βοωντες ατην αμα και συμφοράν μεγάλην τη Ἄσια τήν ἡμεραν ἐκείνην τετοκέσαι. Φιλιππω δέ αρτι Ποτιδαίαν ἤρηκότι τρεις ηκον ἀγγελίαι κατα τόν αὐτόν χρόνον. ἡ μέν Ιλλυριοῦς ἠττασθαι μάχη μεγάλη διά Παρμενίωνος , ἡ δὲ Ὀλυμπίασιν ἵππω κελητι νενικηκέναι , Τρίτη δὲ περί της Ἄλεξάνδρου γενέσεως. Ἐφ οισήδόμενον ὡς εἶκος, ετι μαλλον οί μάντεις ἐπηραν ἀποφαινόμενοι τόν παιδα τρισί ἡκίαις συγγεγενημένον ἀνίκητον εσεσθαι” (Plut. *Vit. Alex.* III. 3-4).

Plutarco destaca que Alexandre considerava a *Ilíada* um manual de arte militar e durante a expedição pela Ásia a levava sempre consigo e dormia com o livro embaixo do travesseiro juntamente com um punhal (Plut. *Vit. Alex.* VIII, 1). Diodoro e Arriano, respectivamente, destacam que ao cruzar o Helesponto, Alexandre visitou os túmulos e honrou seus heróis, como é possível ver abaixo:

Alexandre avançou com seu exército para o Helesponto e o transportou da Europa para a Ásia. Ele navegou pessoalmente com sessenta navios de guerra para o outro lado, onde arremessou sua lança do navio e a cravou no chão, e então ele mesmo saltou em terra como o primeiro dos macedônios, significando que ele recebeu a Ásia dos deuses como um prêmio ganho por lança. Ele visitou os túmulos dos heróis Aquiles, Ajax e os demais e os honrou com oferendas e outras marcas apropriadas de respeito, e então passou a fazer uma contagem precisa de suas forças acompanhantes (Diod. Sic. XVII, 17. 1-3).

Dizem também que ele foi o primeiro a desembarcar no continente da Ásia, e o fez com armadura completa; que ele ergueu altares onde deixou a Europa e onde desembarcou na Ásia para Zeus, o Protetor de Desembarques, para Atena e para Hércules; que ele então subiu a Tróia, sacrificou à troiana Atena, e dedicou toda a sua armadura em seu templo, tomando em seu lugar algumas das armas consagradas ainda preservadas lá da Guerra de Tróia (que, diz-se, seus escudeiros costumavam carregar antes dele em suas batalhas). O relato predominante também o mostra sacrificando a Príamo no altar de Zeus do Pátio, para evitar a raiva de Príamo pela raça de Neoptólemo, da qual ele próprio era descendente (Arr. *Anab.* 1.11: 7-8).

Filipe também teve muita influência no desenvolvimento de Alexandre ao ponto em que na fase inicial de sua vida, Plutarco compara paralelamente o jovem Alexandre não a seus companheiros de mesma idade, mas ao seu próprio pai em idade adulta e já instalado no poder (SILVA/BRANDÃO, 2019, p. 23).

Além disso, o impulso pela fama também foi algo compartilhado pelos dois, porém em diferentes graus de exigência. Enquanto Filipe se contentava com qualquer fama - ou “fama a qualquer preço” (Plut. *Vit. Alex.* IV, 8-9) -, Alexandre era mais rigoroso e preferia ter como adversários apenas os melhores, além de priorizar concursos de cunho intelectual e poesia. Plutarco destaca ainda que não apenas no desporto essa competição se estabelece, mas também do que diz a função régia (Plut. *Vit. Alex.* IV. 10-11), aspecto que Justino também traça uma comparação entre pai e filho, colocando lado a lado seus vícios, virtudes, e modos de conquistar e reinar.

A Filipe sucedeu seu filho Alexandre, um príncipe maior que seu pai, tanto em suas virtudes quanto em seus vícios. Cada um dos dois tinha um modo diferente de conquistar; um prosseguiu suas guerras com força aberta, o outro com sutileza; um se deleitava em enganar seus inimigos, o outro em repeli-los com ousadia. Um era mais prudente no conselho, o outro mais nobre no sentimento. O pai dissimulava seu ressentimento e muitas vezes o subjugava;

quando o filho foi provocado, não houve demora nem limites para sua vingança. Ambos gostavam muito de vinho, mas os efeitos nocivos de sua embriaguez eram totalmente diferentes; o pai saía correndo de um banquete para enfrentar o inimigo, brigava com ele e se expunha precipitadamente a perigos; o filho descarregou sua raiva, não sobre seus inimigos, mas sobre seus amigos. Uma batalha muitas vezes mandava embora Filipe ferido; Alexandre costumava deixar um banquete manchado com o sangue de seus companheiros. Um desejava reinar com seus amigos, o outro, reinar sobre eles. Um preferiu ser amado, o outro ser temido. À literatura, ambos deram igual atenção. O pai tinha mais astúcia, o filho mais honra. Filipe foi mais sóbrio em suas palavras, Alexandre em suas ações. O filho sentiu impulsos mais prontos e nobres para poupar os vencidos; o pai não mostrou misericórdia nem mesmo para com seus aliados. O pai era mais inclinado à frugalidade, o filho ao luxo. Pelo mesmo curso pelo qual o pai lançou os fundamentos do império do mundo, o filho consumou a glória de conquistar o mundo inteiro (Just. *Epit.* 9.8, 21).

Outro paralelo possível traçar entre pai e filho é a continuidade dada por Alexandre aos planos de Filipe, como destaca Diodoro:

Ele declarou que o rei havia mudado apenas de nome e que o estado seria regido por princípios não menos eficazes do que os da administração de seu pai (Diod. Sic. XVII. 2, 2).

A reação de Filipe após a guerra com as cidades gregas ajuda a explicar os relatos antigos com relação às origens do posterior comportamento de Alexandre. A generosidade (*μεγαλοψυχία*) e a clemência de Filipe teriam sido legadas a Alexandre, fazendo dele um modelo real. A generosidade está diretamente ligada ao exercício da gentileza, e a de Alexandre pode ser percebida claramente na descrição do tratamento que deu a Dario na ocasião de sua morte, e à sua família quando essa foi capturada após o episódio em Isso (Just. *Epit.* 11.9, 11-16; Diod. Sic. XVII. 37, 3-5; LIPAROTI, 2010, p. 23).

De maneira análoga, Quinto Cúrcio também narra em detalhes um catálogo de virtudes e vícios em que lhe valorizava Alexandre: a força de ânimo, a resistência à fadiga, a coragem, a generosidade, a clemência aos vencidos, o desprezo da morte, o desejo de glória, a magnanimidade, a piedade aos pais, a benevolência aos companheiros, a perspicácia, o autodomínio e a temperança (Curt. V, 26-33).

Assim como Olímpia, Filipe também era adepto à religiosidade, tanto que ambos se conheceram no culto dos mistérios de Samotrácia (Plut. *Vit Alex.* 2, 2). Porém, para Filipe a religiosidade e o culto aos deuses se expressavam em festivais, como por exemplo a ocasião do festival de Aigai, no qual se celebravam casamentos na Macedônia.

As cerimônias começaram com sacrifícios aos deuses e, logo em seguida, o casamento de Cleópatra, filha de Filipe e Olímpia com o rei Alexandre I do Épiro. O segundo dia de festividade contava com procissões religiosas e outras apresentações artísticas. Durante a

procissão, foram apresentadas doze estátuas ricamente adornadas dos deuses do Olimpo, e uma décima terceira igualmente enfeitada do rei Filipe, dando a ideia de que o rei exibia a si mesmo entronado junto com os doze deuses (Diod. Sic. XVI. 92, 5; HAMMOND, 2005, p.43). Para os gregos existiam basicamente três status religiosos oficiais: mortal, deus e herói. Porém, Peter Green (GREEN, 1990, p. 402) observa que no período helenístico as honras normalmente reservadas aos deuses tornaram-se um reconhecimento extravagante para os vivos. Quando Filipe morre dias depois desse desfile, disseram que os deuses o castigaram por sua “imodéstia descabida” (GREEN, 2014, p.35).

Alexandre crescera como herdeiro legítimo de Filipe, acompanhando o pai em campanhas militares e assumindo o trono na ausência do rei (Plut. *Vit. Alex.* IV, 8). Nas fontes antigas (Plut. *Vit. Alex.* VI, 6; IX, 4), documenta-se uma nítida admiração do pai pelo filho, no entanto os ressentimentos que haviam se acumulado entre Filipe e Olímpia – decorrentes de seus casamentos posteriores e do nascimento de filhos ilegítimos – culminaram em desavenças e desgostos que evoluíram para grandes disputas entre Filipe e Alexandre (Plut. *Vit. Alex.* V, 5).

Outro elemento que se sobressai a respeito da fabricação de Alexandre como mito, e está ligado à sua relação familiar, é a questão da sua dupla paternidade: humana, por parte de Filipe; e divina por Zeus-Amon. São várias as passagens que remetem à paternidade divina de Alexandre, como na ocasião em que Olímpia teria confessado a Filipe que ele não era o verdadeiro pai de Alexandre, como nos é passado por Justino:

Pois sua mãe Olímpia havia confessado a seu marido Filipe que ela concebera Alexandre, não dele, mas de uma serpente de tamanho extraordinário (Just. 11.11.3).

Diferentemente da tradição grega, na tradição secular persa, Alexandre é filho do rei *Darab* (presumivelmente Dario II) com uma filha de Filipe II, o que o liga consanguineamente à dinastia Aquemênida. Isto lhe daria, não surpreendentemente, direito ao trono da Pérsia. Essa versão se assemelha à versão grega no sentido de herança e sucessão real, tanto com Nectanebo no Egito quanto com Darab na Pérsia (STONEMAN, 1991, p.11), sendo mais um aspecto da incorporação de sua grandiosidade nas culturas onde ele passou.

## **2.2 A legitimação de um deus: após Siwa**

Apesar da criação e de todas as influências ao longo de sua juventude como príncipe, é possível notar que o ponto de virada para a deificação de Alexandre se dá, nas fontes antigas, após a visita ao oráculo de Amon, no oásis de Siwa, no Egito.

A visita de Alexandre ao oráculo de Siwa será tratada de forma mais específica no capítulo 3, porém, como o contexto, se faz necessário. Vale citar brevemente que após a visita ao oráculo de Amon, onde o oráculo revelara a paternidade divina de Alexandre, o rei viria a escrever para sua mãe que tinha ouvido notícias surpreendentes no santuário, mas que lhe contaria os detalhes pessoalmente quando voltasse para a Macedônia.

O oráculo do deus Amon e Siwa desfrutava de boa reputação entre gregos e egípcios desde antes da visita de Alexandre. Para os gregos, o deus Amon era a manifestação egípcia de Zeus, como destaca Martin e Blackwell:

Quando estava em Tebas e seu exército destruíra todas as construções, exceto a casa de Píndaro, Alexandre deve ter visto a estátua de Amon que o poeta inaugurara num templo. Os heróis Perseu e Hércules haviam consultado esse oráculo de seu mais distante ancestral situado no deserto, e Alexandre não poderia deixar o Egito sem ao menos se igualar a essas proezas. Tratava-se também de uma missão pessoal. Hércules havia enfrentado o desafio de desvendar sua identidade, seu status como filho de uma mortal e um pai divino, e Alexandre também se sentia impelido a descobrir sua verdadeira ascendência. Era ele filho de Filipe ou de Zeus? Teria um pai divino, assim como um mortal? Para fazer essa pergunta à suprema autoridade no assunto, tinha de marchar 320 km através de areias abrasadoras (MARTIN E BLACKWELL, 2012, p.105).

Grande parte das fontes que narram a jornada de Alexandre até o oráculo tem um aspecto em comum: em praticamente todas, Alexandre teve assistência divina para atravessar o deserto. Enquanto Arriano fala de serpentes Ureus (οὐραῖος), Quinto Cúrcio, Diodoro e Plutarco falam que foram corvos, o que é interessante visto que a simbologia de serpentes sempre esteve presente na relação divina com Alexandre (Arr. *Anab.* 3.3-4; Curt. 4.7.1- 32; Diod. Sic XVII. 49-51, Plut. *Vit. Alex.* XXVII. 5-9).

Alexandre adquiriu o hábito de visitar oráculos em sua vida, principalmente antes de algum grande objetivo, como em Delfos (GREEN, 2013, p. 272), tendo recebido respostas e previsões que o permitiram continuar em sua jornada apoteótica, porém em Siwa é que ele ouviu ser filho da divindade. Com toda essa carga de aspectos divinizadores e emulação de heróis, o próprio Alexandre, em vida, colabora com sua fabricação como mito.

Seu incontestável sucesso militar estava em escalada nesse momento. Toda a atmosfera na qual ele estava inserido contribuíra para a construção de seu mito ainda em vida, e o que se seguiu após sua morte é a consolidação e a ampliação desenfreada da figura que, em parte, prevalece no senso comum.

O exemplo de Alexandre em manter as tradições locais é algo herdado de Filipe e seguindo por seus sucessores, como Ptolomeu no Egito, que absorve muito da grandiosa tradição egípcia e a mescla com a sua própria, como a endogamia, por exemplo. Uma vez rei

da Pérsia, a ambição de Alexandre cresceu em grandeza. Foi educado pelo filósofo Aristóteles, que parece ter incutido nele o gosto por descobrir os segredos de terras distantes.

Apesar de ser o primeiro difusor do helenismo, o próprio Alexandre absorveu parte da cultura e dos costumes dos territórios pelos quais passou ao longo de sua vida. Essa questão fica bastante clara com o desconforto e o desentendimento que se passou entre Alexandre e Calístenes (TARN, 2013, p. 244). Além das vestes tipicamente persas, uma cerimônia de genuflexão também foi cogitada e logo abortada. A prática da *proskynesis* (προσκύνησις) que consistia no ato de prostrar-se perante o rei, era costume persa, mas estranho aos gregos. Badian afirma que o fato de Calístenes ter se incomodado com a *proskynesis* baseia-se propriamente na crença do homem comum inserido em uma sociedade com status definidos para as categorias de deuses, heróis e homens, e seu medo de perturbá-la (BADIAN, 1987, p. 244). Aparentemente, adorar um herói morto não seria tão condenável, mas isso não se aplica a um monarca vivo.

Os persas executaram a cerimônia de prostração desde o início para Alexandre como era esperado, visto que essa era um gesto natural diante de alguém hierarquicamente superior. Após a morte de Dario, Alexandre não achou oportuno descontinuar a prática entre os orientais, o que significa que ele também esperava isso das tropas gregas e macedônicas. Os macedônios e gregos, por sua vez, não praticavam o ato, pois esse costume era reservado apenas para os deuses (FREDRICKSMEYER, 2000, p.156; GREEN, 2013, p.373).

Plutarco menciona que o espartano Damis, ao saber da resolução de deificação de Alexandre, comentou: “Vamos concordar que Alexandre seja chamado de deus, se é isso que ele quer” (Plut. *Mor.* 219e). É também dito que Anaxarco apoiou a ideia de adorar Alexandre como um deus, pois era melhor fazer isso em vida do que inutilmente após sua morte (BADIAN, 2013, p. 244).

A assimilação de Alexandre como um deus, assim como outros aspectos de sua deificação, foram instrumentos de legitimação de seu poder a exemplo da experiência no Egito. Ele não foi apenas reconhecido como alguém que expulsou os persas, mas também aceito como faraó. Para Peter Green e no RA, Alexandre chegou a ser de fato coroado faraó quando chegou ao Egito (GREEN, 2013, p.272). Já Claude Mossé, assim com a maioria dos outros comentadores, afirma que não se pode afirmar que Alexandre foi de fato coroado faraó, mas que em todo caso ele teria adotado parte da titulação tradicional (MOSSÉ, 2004, p.31). A partir daí, lendas que o legitimaram foram divulgadas.

O processo de divinização de Alexandre é algo gradual, que toma mais forma e legitimidade de acordo com suas conquistas e acertos. Sua morte e tudo que se escreveu após faz parte do seu processo apoteótico.

### **2.3 As metamorfoses de Alexandre: a construção da sua figura através de textos e autores**

Ao longo dos séculos, vários autores, de diferentes lugares, se propuseram a escrever sobre sua vida e suas conquistas, cada um subjugado a alteridade de seu tempo, espaço e influência. Além disso, o contexto político-social no qual os textos foram recebidos também influenciou em como essa personalidade foi absorvida e interpretada.

A figura de Alexandre não muda apenas de forma geográfica, mas também de modo temporal: cada época fez seu próprio Alexandre, visto que na tradição hebraica torna-se pregador e profeta; nas versões posteriores em grego koiné e siríaco, enfatiza-se sua obediência fiel a Deus. Mais tarde, já na Idade Média europeia, ele é um exemplo de cavaleiro; para os persas, ele é tanto um “maldito” por ter destruído os altares do Zoroastrismo, quanto um rei legítimo da Pérsia (STONEMAN, 1991, p. 2).

Seja como um herói romântico para Droysen ou um militar obstinado para Badian, a construção da figura de Alexandre transpassou a antiguidade e foi remodelada até a atualidade. O que temos hoje é uma figura construída através de séculos e autores diferentes, cada um promovendo sua própria versão do rei.

Mesmo os autores da antiguidade têm responsabilidade nisso. O fato de Arriano preferir as “fontes oficiais” constrói um Alexandre rei, com episódios que exaltam sua desenvoltura régia, e dá foco a assuntos e passagens que enfatizam o desempenho como governante, administrador e estrategista; enquanto Diodoro deu destaque aos acontecimentos diários e populares, vinde Cleitarco. Já Plutarco destaca o caráter, privilegiando as passagens que a personalidade de Alexandre se destaca, não necessariamente os eventos mais relevantes de sua cronologia.

Além disso, o lugar de escrita e o contexto dos autores também influenciou na construção do personagem que chegou à atualidade, como é característico dos autores citados acima. Diodoro, por exemplo, escreveu, durante um período político volátil, o primeiro triunvirato romano, e enquanto no Egito a dinastia ptolomaica ainda ameaçava Roma, de modo que ele preferiu não abordar a parte de que Alexandre recebeu uma embaixada romana pouco antes de sua morte por ser um assunto delicado. O mesmo não se aplica a Cleitarco, que deu destaque a essa passagem (BOSWORTH, 2000, p. 7).

Essa visão é compartilhada por John Atkinson (1938-2022), que ao invés de focar a figura de Alexandre, se concentra na escrita dos autores primários, visto que nenhum historiador pode escrever sobre o passado sem ser influenciado pelo seu presente, e isso também se aplica aos autores da antiguidade (BOSWORTH, 2000, p. 21).

Sobre a visão de Atkinson, Bosworth diz que:

Atkinson mostra como a interpretação do reinado de Alexandre foi influenciada pela sabedoria da retrospectiva e pela teoria clássica da transmissão do Império, que começou com Heródoto e se estendeu à medida que cada poder imperial sucessivo (medo, persa, macedônio e romano) se esvaiu (BOSWORTH, 2000, p. 21).

Outro autor que reforça essa ideia é Timothy Howe, no sentido que ele argumenta:

As técnicas narrativas da historiografia antiga inevitavelmente tendiam para a propaganda, pois os escritores antigos tentavam relatar eventos históricos experimentalmente, ficcionalizando ferramentas como fala e “focalização” (a representação de percepções, expectativas, intenções e motivos) a fim de retratar o material histórico de uma forma que se encaixe na agenda e perspectiva particular do autor. Isso não significa que os historiadores antigos fabricaram seus relatos, mas visavam como seu público experimental a apresentação das informações que haviam selecionado (BAYNHAM, 2021, p. 7).

Os autores contemporâneos também não fogem a essa regra. Os dois primeiros autores modernos a dar tratamento crítico para a história de Alexandre são Johann Gustav Droysen (1808-1884) e William Woodthorpe Tarn (1869-1957).

Droysen, com seu ufanismo prussiano e suas crenças monarquistas, dá a Alexandre a vestimenta de um herói nacionalista claramente sob influência do contexto da unificação alemã. Para Droysen, “o rei macedônio Filipe II foi - através da guerra e da diplomacia - o grande unificador das cidades-estado gregas, e seu filho, Alexandre, o agente da expansão da civilização grega” (BORZA, 2012, p. 14). Ele trata Alexandre como o principal agente do helenismo, a figura que promoveu a fusão da cultura grega com a asiática. Claramente uma visão afetada pela promoção que o próprio Droysen fazia da unificação dos estados alemães e do poder da cultura alemã. Apesar de grande parte de seus argumentos terem sido refutados, a ideia de Alexandre como grande impulsionador persistiu e influenciou gerações de pesquisadores alemães, e encontrou ecos em Tarn (BORZA, 2012, p. 15).

A visão que William Woodthorpe Tarn estabelece sobre Alexandre é uma construção influenciada pelo seu contexto social pretencioso, como destaca Sant’Anna:

Originalmente, o entendimento de Tarn não foi mais do que uma conveniente e utópica apropriação britânica da leitura de matriz hegeliana da história do helenismo (SANT’ANNA, 2020, p. 13).

Tarn é quem inicia a ideia de duas grandes tradições antigas sobre Alexandre, que fundamentam as fontes narrativas sobreviventes: uma que trata Alexandre como um bom rei se se torna mau, imoral e inebriado pelo poder conquistado; e outra que mostra um bom militar, honrado e cavalheiresco.

A primeira tradição é representada por Cleitarco e teve maior apelo popular até o início do século XX, pois destaca os aspectos mais “apelativos” da vida do rei. A segunda é representada por Arriano, sendo essa a tradição abraçada por Tarn, visto que as fontes de Arriano são ligadas à realeza, como Ptolomeu. Tarn escreve de um contexto rural escocês e revela um Alexandre cavalheiresco, honrado e afeito ao desporto, práticas associadas ao elitismo da nobreza inglesa. Através dessa construção, ele rejeita a versão de um Alexandre com excessiva sede de vinho, bissexual, desonesto e devasso, como Alexandre é descrito na Vulgata.

O esquema de duas vertentes de Tarn, apesar de didática em termos de organização, é problemática pois, do modo que ele propôs, priorizando a narrativa de Ptolomeu e Aristóbulo em detrimento de Cleitarco, apenas por uma questão de lugar de fala dos autores, deu origem a uma estrutura elitista e presunçosa que subjuga as fontes populares como não realistas, enquanto promove o relato de Arriano como o mais crível por conta de suas fontes.

Essa versão idealista de Alexandre vai se expandir ao longo dos anos e definir o imaginário popular até a atualidade. Porém, essa visão sofre forte refutação com a chegada do texto de Ernst Badian (1925-2011) na segunda metade do século XX.

A crítica de Badian sobre a obra de Tarn é que ele muitas vezes deturpava ou ignorava as evidências antigas para colocar suas próprias ideias. Ele mostrou ainda que Tarn muitas vezes usava de uma “interpretação imaginativa livre onde suas restrições e precisão são cansativas, e uso vago de palavras carregadas de emoção” (BORZA, 2012, p. 1). Para Borza:

O trabalho de Badian começou a modificar a interpretação alemã padrão, não negando a importância de Alexandre como uma importante figura histórica, mas examinando em detalhes as opiniões de Tarn e outros que promulgaram uma visão de Alexandre como um rei-filósofo (BORZA, 2012, p. 15).

A versão de Badian descaracteriza Alexandre de todos seus objetivos filosóficos e culturais tão populares e enfatizados por outros estudiosos da época. Além de minimizar o helenismo como força motivadora do macedônio, o autor destaca que o sucesso militar e as conquistas é que justificam o seu desempenho (BORZA, 2012, 16).

Um dos principais argumentos que embasa a teoria de Badian é o fato de Alexandre não ser o primeiro filho de Filipe, portanto não contava com a vantagem da primazia, e até a morte

de seu pai, ele ainda não tinha se afirmado como um grande guerreiro, ideia que encontra base em Diodoro:

Ele estabeleceu sua autoridade com muito mais firmeza do que qualquer um de fato supunha ser possível pois era muito jovem e, por esse motivo, não era uniformemente respeitado, mas primeiro ele prontamente conquistou o apoio dos macedônios por meio de declarações diplomáticas (Diod. Sic. XVII, 2. 2-3).

Apesar de uma infância e uma juventude promissoras, no contexto da sucessão que se deu com a morte de Filipe, o jovem Alexandre estava cercado por um conselho sênior que precisava ser convencido. Sendo assim, as conquistas e os sucessos de Alexandre foram o principal meio de ele se provar apto para sustentar o trono da Macedônia.

Badian quebra a visão romântica construída até o momento. Estabelece novos padrões e estreia uma abordagem crítica à experiência alexandrina na Ásia. Inclusive, ele mesmo afirmou jamais escrever uma biografia de Alexandre, preferindo analisar questões históricas específicas- uma espécie de “autópsia das evidências” (BORZA, 2012, p. 17). Um dos riscos em se escrever biografias é de se limitar e dar forma a seu objeto, deixando-o preso em padrões, e esse possivelmente foi o caso de Badian, como afirma Borza:

A maioria dos biógrafos discerne padrões no comportamento de seus temas suficientes para criar um retrato arredondado. Badian raramente parecia interessado nisso, preferindo lidar com Alexandre em termos de suas ações. Talvez ele tenha reconhecido que um dos riscos da biografia é que o biógrafo, tendo criado um retrato de seu tema, corte o perigo de forçá-lo a se conformar ao padrão que desenvolveu (BORZA, 2012, p. 17).

Ainda sobre a roupagem que Badian atribui a Alexandre, Richard Stoneman destaca que a obra de Badian “foi profundamente influenciada pela visão da ascensão nazi ao poder e ao totalitarismo”, portanto ele o interpreta como um tirano cruel e sem piedade e características redentoras, principalmente no que tange os acontecimentos de seus últimos anos (STONEMAN, 1997, p. 35).

Seja na antiguidade ou na contemporaneidade, parte do processo que trouxe Alexandre como grande personagem até a atualidade é de responsabilidade dos autores, principalmente se voltarmos à questão que as fontes são secundárias e tardias. Sobre essa questão, Bosworth afirma:

Na superfície, aparece uma rica veia de memórias contemporâneas, obras dos tenentes de Alexandre e contemporâneos mais humildes: Ptolomeu, Aristóbulo, Nearco, Onesícrito e Cleitarco, todos escreveram obras significativas, mas todas são conhecidas apenas por autores derivados escritos séculos depois, quando o objetivo era o embelezamento literário, não a reportagem factual (BOSWORTH, 2000, p.25).

O outro aspecto que colabora com a construção da figura de Alexandre é o processo de autopromoção que ele próprio empregou durante a vida, pois sua grandiosidade não foi resultado apenas de uma construção tardia de autores romanos, mas um esforço de propaganda e imagem produzido por ele mesmo ainda em vida. Prova desse controle e curadoria que ele queria ter sobre sua imagem é o emprego de Calístenes como historiador (assim como Homero foi para Aquiles), Lísipo como escultor, Apeles como pintor e Pyrgoteles como lapidador (ANSON, 2021, p. 14).

O controle de sua imagem era algo tão regulado que, como se não bastasse o emprego de especialistas próprios, através de decretos, eles também foram os únicos autorizados a retratar o físico do rei (Plut. *Vit. Alex.* IV, 1). A respeito disso, Anson declara que “Alexandre não foi apenas uma lenda em seu próprio tempo, mas também uma lenda em sua própria mente” (ANSON, 2021, p. 14).

O fato de os feitos de Alexandre serem realmente extraordinários (Diod. Sic. XVII, 1.3) provavelmente colaborou para que ele próprio pensasse que descendia de uma divindade, ou procurasse a imortalidade, visto que pela primeira vez no ocidente um rei e seus exércitos atravessaram continentes e conquistaram outros impérios, inclusive superando seus heróis (BAYNHAM, 2021, p. 6). Fazendo eco à ideia de imortalidade, o RA dedica uma história a Alexandre encontrando a água da vida, ainda que ele não tenha bebido (Ps.-Callisthenes, II, 39), criando novamente uma relação entre Alexandre e Aquiles, a quem lhe é dado a opção da morte precoce e imortalidade dentro da história. Com Alexandre acreditando na própria divindade, ele não precisava de mais ninguém para “vendê-lo”, por assim dizer, ele vendeu a si mesmo (BAYNHAM, 2021, p. 7).

Outro ponto relevante da promoção de Alexandre é a influência que Ptolomeu teve, principalmente no que se refere à visita ao oráculo de Siwa. Ao escrever sobre o rei, Ptolomeu se associa a Alexandre e promove a ligação de Alexandre com Amon, assim ele acaba reforçando sua própria propaganda como sucessor digno, pois precisava legitimar seu governo dinástico. Como a obra de Ptolomeu não existe mais, restou a Arriano dar continuidade a essa promoção (BAYNHAM, 2021, p. 7).

## **2.4 O Romance de Alexandre e o conto maravilhoso**

Um dos principais temas dos contos maravilhosos é a busca pela imortalidade. Por toda historiografia alexandrina, os esforços de Alexandre para ser adorado como um deus é equiparável a essa busca, sendo esse o meio que ele encontra de adquirir a perpetuidade. Os

sinais desses esforços ganham força após a visita a Siwa, e ficaram mais claros após a conquista da Pérsia. A ideia de imortalidade de Alexandre ultrapassa as barreiras da historiografia e também é um tema tratado no RA, com algumas passagens que mostra Alexandre questionando oráculos sobre seu tempo de vida.

Episódios como o encontro com amazonas, sereias, faunos e centauros; a procura pela água da vida, e a viagem a Terra das Trevas e a Terra dos Abençoados; o mergulho nas profundezas do oceano em um cesto improvisado, são aventuras que estão presentes no RA e fazem parte de um compendio de histórias que encontram fortes características nos contos maravilhosos.

Os contos maravilhosos são histórias populares de tradição oral caracterizadas por uma fórmula onde as personagens, os lugares e o tempo são apresentados de modo que, apesar da variação de cultura e autoria, podem ser recontadas ao longo dos séculos, mantendo a mesma essência. Essas histórias podem ser sobre seres mágicos, animais e terminar com uma lição de moral.

Ao longo dos anos, diversos pesquisadores e folcloristas se esforçaram para classificar as estruturas do conto maravilhoso em categorias a partir do estudo de suas formas, como afirma Vladimir Propp:

No âmbito do conto popular, folclórico, o estudo das formas e o estabelecimento das leis que regem sua disposição é possível com a mesma precisão da morfologia das formações orgânicas (PROPP, 2001, p. 7).

Propp elenca alguns autores que propuseram fórmulas de classificação que se baseavam nos tipos de contos. Todos eles foram falhos em algum ponto, pois as categorias nunca se enquadravam sem alguma contradição ou exceção. Em *A Morfologia do Conto Maravilhoso* (1928), Propp se dedica a analisar as estruturas do chamado contos de magia, categoria no qual o RA encontra fortes paralelos. Ao invés de classificar os tipos de conto, ele se dedica a categorizar “as partes que o constituem, e as relações destas partes entre si e com o conjunto” (PROPP, 2011, p. 16). Apesar de escrever a partir de um contexto cultural e de contos russos, o argumento que Propp defende se baseia em:

Apesar dos cenários diferentes, o que muda são os nomes (e, com eles, os atributos) dos personagens; o que não muda são suas ações, ou *funções*. Daí a conclusão de que o conto maravilhoso atribui frequentemente ações iguais a personagens diferentes. Isto nos permite estudar os contos a partir das *funções dos personagens* (PROPP, 2011, p. 17).

A circularidade das recensões e o consumo popular do RA colaboram com a transformação de Alexandre de pessoa para mito em várias culturas. É muito provável que esse processo tenha cooperado para a permanência da lenda ao longo dos anos, principalmente

dentro de uma cultura não oficial e de classes subalternas. A regionalização da lenda e as traduções como existem no cenário persa, hebraico, siríaco, árabe, etíope e até francês, apenas corrobora com as características de uma fonte popular bastante difundida e consumida, comparando-se com os evangelhos cristãos durante o medievo (STONEMAN, 1991, p. 2; ZUWIYYA, 2011, p. 19).

À medida que os séculos vão passando, a figura de Alexandre passa por um processo de metamorfose, fazendo com que cada época tenha seu próprio Alexandre. Ele vai desde um general consumado na antiguidade, passando por um servo sábio enviado por deus na tradição hebraica, até um cavaleiro honrado no medievo. Pode-se associar essa mudança à interpretação que a sociedade fez da figura do herói, como afirma Le Goff:

O termo “herói”, que na Antiguidade designava uma personagem fora do comum em função da sua coragem e vitórias sem que por isso ela pertencesse às categorias superiores dos deuses e semideuses, desapareceu da cultura e da linguagem com a Idade Média e o cristianismo no Ocidente. Os homens que a partir de então eram considerados como heróis – sem que este termo fosse empregado – eram um novo tipo de homem, o santo, e um tipo de governante promovido ao primeiro plano, o rei (LE GOFF, 2004, p. 11).

Essa afirmação de Le Goff ganha força com o fato de que as descrições de Alexandre durante o início da era cristã o promovem como um sábio, um servo enviado por deus, mudando seu status de herói corajoso da antiguidade para um filósofo erudito, que possibilitou a difusão do cristianismo. Já durante o período moderno, o cavaleiro nobre se converte em herói popular, visto os ideais da aristocracia cavaleiresca ligados à coragem, à eficácia militar e à lealdade. Sendo assim, essas figuras receberam por parte das camadas populares uma acolhida extremamente favorável (BURKE, 1978, p. 120-121).

Sobre a estrutura do conto maravilhoso, Propp destaca que as funções representam a parte fundamental do conto e não o personagem em si, pois personagens podem existir em diversos contextos, mas as funções são limitadas. Sobre o conceito e a relevância de função, ele diz que:

Por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação. (...) Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto (PROPP, 2001, p. 17).

Segundo Propp, todo conto maravilhoso começa a partir de uma Situação Inicial. Essa situação é bem definida, com os personagens vivendo em um cenário específico, num tempo e lugar nem sempre muito bem delimitados. Após a descrição da situação inicial, enumera-se os

membros da família ou futuro herói, por simples menção ao seu nome ou a indicação de sua situação.

A partir disso, segue uma amostra de 31 possíveis funções dos personagens, que ele classifica como “a maior parte dos exemplos possíveis”, mas servem apenas de amostra e não esgotam o material completo. A ordem que as funções aparecem são ditadas pelos próprios contos maravilhosos (PROPP, 2001, p. 19).

O RA, apesar de fictício, não pode ser taxativamente considerado um conto maravilhoso, visto sua gênese, características históricas e personagens reais. Apesar disso, é notável que a obra contém elementos que o aproxima desse gênero literário. A partir dessas especificações, e considerando que nem todas as ações propostas serão comparadas e nem aparecerão na mesma ordem proposta, segue abaixo uma amostra de como partes do RA encontram correspondência na estrutura elaborada por Propp:

#### **Situação inicial:**

A obra se propõe a apresentar os feitos de Alexandre, suas virtudes de corpo e espírito, boa fortuna e bravura.

#### **Enumeração da família ou do herói:**

O herói é apresentado: Alexandre é descrito como o rei macedônio, o melhor e mais nobre dos homens. E por fim, enumera seus familiares: Alexandre não é filho Filipe II como todos pensam, mas do último rei do Egito, Nectanebo, e de Olímpia do Épiro.

O parágrafo inicial do RA cumpre com todos requisitos da situação inicial e a enumeração da família, como se pode ver abaixo:

Em nossa opinião, Alexandre, o rei dos macedônios, foi o melhor e mais nobre dos homens, pois fez tudo à sua maneira, achando que sua previsão sempre trabalhou em conjunto com suas virtudes. Quando guerreava contra um povo, o tempo que passava em suas campanhas não era suficiente para quem desejava pesquisar os ares das cidades. Vamos agora falar dos feitos de Alexandre, das virtudes de seu corpo e de seu espírito, de sua boa fortuna em ação e de sua bravura; e começaremos com sua família e sua paternidade. Muitos dizem que ele era filho do rei Filipe, mas são enganadores. Isso não é verdade: ele não era filho de Filipe, mas os mais sábios egípcios dizem que ele era filho de Nectanebo, quando este último havia caído de seu status real (Ps.-Callisthenes, I. 1).

Em seguida é apresentada uma sequência de funções, na ordem que geralmente aparece nos contos. Propp finaliza a lista de funções justificando:

Cabe-nos assinalar, ainda, que algumas ações dos heróis, em determinados casos de contos maravilhosos, não se submetem à nossa classificação, e não se definem dentro de nenhuma das funções citadas. Mas estes casos são muito raros. Trata-se, na realidade, ou de formas incompreensíveis devido à falta de

elementos de comparação, ou de formas tomadas de contos que pertencem a outras categorias (anedotas, lendas etc.) (PROPP, 2001, p. 36).

### **I - Um dos membros da família sai de casa**

Propp destaca que os motivos para esse afastamento podem ser para o trabalho, para a mata, para dedicar-se ao comércio, ou para guerra a “negócios”. No RA, é a expedição para a Ásia que cumpre esse papel. Nesse segundo tópico, a morte dos pais também é um exemplo de afastamento intensificado. Nesse caso, é a morte de Filipe que motiva a expedição de Alexandre até a Ásia, como descreve o parágrafo abaixo:

Com estas palavras, Felipe morreu. Ele recebeu um enterro real com a presença de todo o povo da Macedônia. Quando a cidade de Pela se estabeleceu novamente, Alexandre subiu ao memorial de seu pai, Filipe, e gritou em alta voz: ‘Ó filhos de Pela e da Macedônia, da Grécia e dos Anfictiões, dos Lacedemônios e coríntios, venham agora e tragam-me sua lealdade e confiem-se a mim, façamos uma expedição contra os bárbaros e libertemo-nos da escravidão dos persas. Não é certo que os gregos sejam servos dos bárbaros. Assim dizendo, ele enviou emissários reais a todas as cidades; e por sua própria vontade os homens de todos os lugares se reuniram na Macedônia, como se convocados pela voz de um deus, e preparados para a campanha (Ps.-Callisthenes, I. 24-25).

### **II - Impõem-se ao herói uma proibição**

Alexandre não deve entrar na Babilônia, pois é lá que a morte o espera. Nessa passagem Alexandre está em terras indianas, na Cidade do Sol. Lá existia um templo com duas árvores, uma chamada Sol e a outra Lua. Assim que Sol se põe, ela lhe dá um oráculo em voz indiana, porém nenhum dos nativos tem coragem de traduzir. Após insistir com todos, eles lhe traduzem aos sussurros que o rei encontraria a morte pelas mãos de um de seus companheiros. A passagem abaixo dá a previsão que sua morte acontecerá na Babilônia:

Como tinha ouvido o que lhe ia acontecer, entrou e pediu que voltasse a abraçar a mãe, Olímpia. Quando a Lua surgiu, sua árvore falou em grego: ‘Rei Alexandre, você deve morrer na Babilônia, pela mão de um dos teus companheiros, e não poderás voltar para a tua mãe, Olímpia’. (Ps.-Callisthenes, III. 17).

A previsão da morte na Babilônia volta a aparecer quando ele entra na cidade e a interpretação de um mau presságio prevê sua morte como inevitável (Ps.-Callisthenes, III. 30). Por mais que no RA não apareça uma proibição explícita da entrada de Alexandre na Babilônia, como aparece no texto de Diodoro (Diod. Sic.XVII, 112. 1-3), sua morte é claramente associada à sua permanência na cidade.

### **III - A Proibição é transgredida**

Mesmo com as previsões de sua inevitável morte na Babilônia, Alexandre entra na cidade. Lá ele é vítima da conspiração de Antípatro e seus filhos Cassandro, que leva o veneno

da Macedônia até a Babilônia; e Iolas, que lhe serve vinho envenenado, como é descrito na passagem abaixo:

Quando Alexandre estava reclinado à mesa, Iolas trouxe-lhe primeiro uma xícara não contaminada. À medida que a conversa se generalizava e, como resultado da bebida, já vinha acontecendo há algum tempo, Iolas trouxe outra xícara, desta vez contendo o veneno. Alexandre, para seu infortúnio, aceitou e bebeu. Imediatamente ele deu um grito alto como se tivesse sido perfurado por uma flecha no fígado. Ele permaneceu consciente por um tempo e lutou contra a dor o suficiente para voltar para sua própria casa. [...] Então o ar se encheu de névoa, e uma grande estrela foi vista descendo do céu, acompanhada por uma águia; e a estátua na Babilônia, que se chamava a estátua de Zeus, tremeu. Quando a estrela subiu novamente ao céu, acompanhada pela águia, e desapareceu, Alexandre caiu em seu sono eterno (Ps.-Callisthenes, III. 31-32).

#### **IV - O antagonista procura obter uma informação**

Essa situação se passa logo que ele chega na Síria, após a conquista de Tiro. Alexandre é recebido por enviados de Dario com presentes insultantes e uma carta ameaçadora que ofendia sua pouca idade e grande ambição. Alexandre convida os mensageiros para jantar, e depois os envia de volta à Pérsia com uma carta resposta que demonstra sua ameaça e sabedoria. Ao ler a carta, Dario se surpreende e busca informações sobre o rei macedônio, como é descrito no trecho a seguir:

Quando este [Dario] leu a carta de Alexandre, viu sua força. Ele os questionou de perto sobre a inteligência de Alexandre e seus preparativos para a guerra. Então, um tanto perturbado, enviou a seguinte carta aos seus sátrapas: “Rei Dario cumprimenta os generais além do Taurus. Dizem-me que Alexandre, filho de Filipe, está em rebelião. Capture-o e traga-o para mim; mas não lhe faça nenhum mal físico, para que eu possa tirar sua túnica púrpura e espancá-lo e mandá-lo de volta ao seu país e para sua mãe, Olímpia [...]”. Os sátrapas escreveram de volta a Dario: “Saudações ao deus e grande rei, Dario. Estamos surpresos que você não tenha notado antes que tantos homens estão marchando contra nós. Enviamos a você alguns daqueles que encontramos vagando, sem ousar interrogá-los antes de você. Venha agora rapidamente com um grande exército, para que não sejamos saqueados pelo inimigo” (Ps.-Callisthenes, I. 39).

#### **VI - O antagonista tenta ludibriar sua vítima para apoderar-se dela ou de seus bens**

Após a derrota das tropas persas em Gaugamela, Dario se encontra sem saída, e através de cartas, propõem algumas trocas com Alexandre, que incluiria ceder alguns territórios em troca de sua família que estava cativa. Alexandre responde que a proposta de Dario não faz sentido, pois os territórios que ele promete abrir mão já são dele (Alexandre) por conquista. A proposta de Dario é descrita abaixo:

Assim Dario jazia, o mais solitário dos homens, que havia sido rei de tantas nações. Mas depois de um tempo ele se recompôs e se levantou. Ele então compôs uma carta a Alexandre, como segue: “Dario cumprimenta Alexandre, meu mestre. Meu pai que me deu a vida, em seu orgulho, tinha uma grande

paixão por fazer guerra à Grécia, insatisfeito como estava com o ouro e as outras bênçãos que herdara de nossos pais. Mas, embora fosse mais rico que Creso, rei da Lídia, perdeu muito ouro e prata, e muitas tendas antes de morrer, e também não pôde escapar da morte que o esperava. Você, Alexandre, viu boa sorte e desastre; renunciar aos seus planos ambiciosos. Tenha pena de nós, que procuramos você como suplicantes, agora que perdemos toda a nobreza da Pérsia. Devolva-me minha esposa, minha mãe e meus filhos; pense nas ternas esperanças de um pai. Em troca, prometo lhe dar todo o tesouro que está em Mísia, em Susa e em Bácia, que nosso pai guardou para nosso país. Prometo também que você será rei sobre as terras dos medos e persas e das outras nações para todo o sempre. Até a próxima” (Ps.-Callisthenes, II. 17).

### **VIII - O antagonista causa danos ou prejuízo a um dos membros da família**

É descrito que Antípatro, que ficou como regente na Macedônia enquanto Alexandre estava na Ásia, deixou o poder lhe subir à cabeça cometendo excessos indignos de sua posição, inclusive maltratado Olímpia, que se queixa ao filho. Como se sabe, o resultado disso é a conspiração que vitima Alexandre. Sobre os abusos de Antípatro com Olímpia, o trecho abaixo descreve:

Na Macedônia, Antípatro assumiu as rédeas do poder e tratava a mãe de Alexandre, Olímpia, como queria. Olímpia escrevia frequentemente ao filho sobre Antípatro, pois estava muito zangada com isso. Finalmente, quando ela estava planejando uma viagem ao Épiro, Antípatro a proibiu de ir. Alexandre, tendo recebido a carta de sua mãe e sabendo em que posição difícil ela estava, enviou Crátero à Antípatro na Macedônia para assumir o controle do país. Ele então decidiu matar Alexandre, pois caso contrário, temia seria preso pela forma como tratara Olímpia (Ps.-Callisthenes, III. 31).

### **XIV- O meio mágico passa às mãos do herói**

Propp afirma que os meios mágicos podem ser: 1) animais; 2) objetos dos quais surgem auxiliares mágicos; 3) objetos que possuem propriedades mágicas; 4) qualidades doadas diretamente, como por exemplo a força, a capacidade de transformar-se em animal etc. E a forma de transmissão é quando personagens se colocam à disposição voluntária do herói. No caso do RA, esse meio pode ser associado aos pássaros com rosto humano que alertaram Alexandre durante sua viagem pela Terra dos Bem Aventurados:

Então vimos uma luz que não vinha do sol, da lua ou das estrelas. Vi dois pássaros no ar: tinham rostos humanos e falavam em grego. “Por que, Alexandre, você se aproxima de uma terra que é só de deus? Volte, miserável, volte; não é para você pisar nas Ilhas dos Bem-Aventurados. Volte, ó homem, pise a terra que lhe foi dada e não crie problemas para si mesmo”. Eu tremi e obedeci obedientemente à ordem que me foi dada. Então o segundo pássaro falou novamente em grego: “O Oriente está chamando você, e o reino de Porus será submetido a você”. Com essas palavras, o pássaro voou para longe (Ps.-Callisthenes, II. 40).

Durante a visita a um templo em Lyssos, Alexandre novamente é alertado por uma ave:

Também no meio do templo estava pendurada uma corrente de ouro pesando 100 libras e uma coroa de ouro. Em vez de fogo, havia uma pedra preciosa que iluminava todo o lugar. Havia uma gaiola dourada pendurada no teto, e nela havia um pássaro um pouco parecido com uma pomba, que me chamou com voz humana, em grego, e disse: “Alexandre, desista agora de lutar contra os deuses; volte para o seu próprio palácio e não se esforce para escalar os caminhos do céu” (Ps.-Callisthenes, III. 29).

Na historiografia Alexandrina, outras aparições de animais que ajudam Alexandre atravessar o deserto da Líbia também aparecem, como é o caso das serpentes ureus em Arriano (Arr. *Anab.* III, 3), e os corvos em Diodoro (Diod. Sic. XVII, 49, 5-6).

### **XV - O herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura**

Após uma jornada fantástica que envolveu gigantes, feras, grandes crustáceos e uma tentativa de mergulho nas profundezas do mar, Alexandre vai até a Terra dos Abençoados onde encontra a água da vida:

Depois de avançarmos por mais dois dias, chegamos a um lugar onde o sol não brilha. Esta é, de fato, a famosa Terra dos Bem-Aventurados. Queria ver e explorar esta região; pretendia ir apenas com meus servos pessoais para me acompanhar. [...] Eu estava com fome e queria um pouco de pão, então chamei o cozinheiro Andreas pelo nome e disse: “Prepare um pouco de comida para nós”. Ele pegou um peixe seco e entrou na água límpida da fonte para lavá-lo. Assim que foi mergulhado na água, ganhou vida e saltou das mãos do cozinheiro. Ele estava assustado e não me contou o que havia acontecido; em vez disso, ele mesmo bebeu um pouco da água, pegou um pouco em uma vasilha de prata e guardou-a. Todo o lugar estava cheio de água, e bebíamos de seus vários riachos. Aí da minha infelicidade, que não estava fadado a beber da fonte da imortalidade, que dá vida ao que está morto, como meu cozinheiro teve a sorte de fazer (Ps.-Callisthenes, II.39).

### **XVIII - O antagonista é vencido**

Até esse momento, o antagonista da jornada de Alexandre é Dario, porém ele morre sem um combate direto entre ele (antagonista) e Alexandre (herói). No RA, Alexandre já encontra Dario moribundo, ferido e quase morto. Ele foi traído por dois sátrapas persas que o acompanhavam em uma fuga. Os sátrapas tentam prender o Grande Rei, mas ele era um homem forte e revidou, fazendo com que os traidores o ferissem mortalmente. As últimas palavras de Dario são:

Então Alexandre o encontrou, com sangue escorrendo de seus ferimentos. Ele gritou e começou a derramar lágrimas, lamentando-o como ele merecia; então ele cobriu o corpo de Dario com seu manto. Colocando as mãos no peito de Dario, ele disse estas palavras, cheio de piedade: “Levante-se, rei Dario. Governe sua terra e torne-se mestre de si mesmo. Receba de volta sua coroa e governe seu povo persa. Mantenha seu reino em toda a sua extensão. Eu juro

a você pela Providência acima que o que eu digo é honesto e não fingido. Quem foi que te golpeou? Diga-me seus nomes, para que eu possa lhe dar paz”. Quando Alexandre assim falou, Dario gemeu e estendeu as mãos para Alexandre, agarrando-o e puxando-o para si. “Alexandre,” ele disse, “não fique muito orgulhoso da glória de sua realeza. Mesmo que o que você conquistou seja divino e esteja pronto agora para agarrar o céu com as duas mãos, pense no futuro. O destino não reconhece reis, por mais poderosos que sejam, e desvia para lá e para cá, sem razão. Você pode ver o que eu era e o que me tornei. Quando eu morrer, Alexandre, enterre-me com suas próprias mãos”. Com estas palavras Dario deitou a cabeça no peito de Alexandre e morreu (Ps.-Callisthenes, II.20).

**XXIII. O herói chega incógnito à sua casa ou a outro país** (ou ao palácio de um rei estrangeiro)

Após um sonho com Amon, Alexandre, disfarçado de mensageiro, vai à corte de Dario. Ele se veste com as roupas que viu Amon usando em seu sonho, e com seu cavalo atravessa o Stranga congelado:

Alexandre cavalgou e chegou até os portões da Pérsia. As sentinelas, vendo-o vestido como estava, tomaram-no por um deus. Eles o agarraram e perguntaram quem ele era. Mas Alexandre respondeu: ‘Traga-me ao rei Dario; é a ele que devo revelar quem sou’. O rei estava fora da cidade treinando suas falanges para a luta contra os macedônios, mas quando voltou e viu Alexandre, admirou-se com figura e “pensou estar diante de um deus do olimpo vestido com roupas bárbaras”. [...] Assim dizendo, Dario pegou Alexandre pelo braço e o levou para dentro do palácio. Alexandre tomou como um bom presságio que o tirano o pegasse pelo braço. Quando eles entraram no palácio, Alexandre recebeu o lugar de honra ao lado de Dario na mesa. (Ps.-Callisthenes, II.13-14).

Por fim, Alexandre é reconhecido e foge do salão sem ser notado. No RA, essa passagem é o prelúdio da batalha de Gaugamela.

### **XXVIII - O falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado**

Após a morte de Dario, o papel de antagonista passa para Iolas e Antípatro. Iolas é o servidor de vinho de Alexandre e filho mais novo de Antípatro. É através dele que o veneno que vitima Alexandre é ministrado. Nos últimos momentos de vida de Alexandre, Bucéfalo percebe Iolas no meio da multidão e sabe que ele é o culpado:

O escravo traiçoeiro que preparou o veneno e que conspirou contra suas vidas pensou que Alexandre estava morto e veio correndo ver. Quando Bucéfalo o viu, ele abandonou seu olhar taciturno e abatido e, como se fosse um homem racional, até mesmo inteligente – suponho que foi feito pela Providência acima – ele vingou seu mestre (Ps.-Callisthenes, III.33).

### **XXX - O inimigo é castigado**

Bucéfalo, ao perceber que Iolas é o culpado pela doença de Alexandre, agarra o traidor, o sacode e o dilacera na frente do rei, como é descrito no parágrafo abaixo:

Ele correu para o meio da multidão, agarrou o escravo com os dentes e o arrastou até Alexandre; sacudiu-o violentamente e deu um relincho alto para mostrar que ia se vingar. Então ele deu um grande salto no ar, arrastando consigo o escravo traiçoeiro e enganador, e o esmagou contra o chão. O escravo foi dilacerado; pedaços dele escorriam por todos como neve caindo de um telhado ao vento. O cavalo levantou-se, relinchou um pouco e depois caiu diante de Alexandre e deu seu último suspiro. Alexandre sorriu para ele (Ps.-Callisthenes, III.33).

### **XXXI - O herói se casa e sobe ao trono**

Apenas subir ao trono também é uma possibilidade destacada por Propp, porém, enquanto nos contos maravilhosos esse desfecho geralmente finaliza a história, no RA, a subida de Alexandre ao trono após a morte de Filipe é parte do início de sua história, como aparece no trecho abaixo que narra sua ascensão ao trono:

Alexandre tinha dezoito anos quando assumiu o reino de seu pai, Filipe. Antípatro, homem inteligente e astuto, pôs fim ao alvoroço causado pela morte de Filipe da seguinte maneira. Ele levou Alexandre para o teatro, vestindo seu peitoral e, com um longo discurso, encheu os macedônios de favores para com Alexandre (Ps.-Callisthenes, I. 26).

O sistema de comparação acima é apenas um breve exemplo de como pode-se enquadrar elementos do RA no esquema proposto por Propp. Outras recensões do mesmo texto encontram ainda mais correspondências, pois são mais afeitas às aventuras fantásticas, como é o caso da versão siríaca.

### 3 ALEXANDRE ATRAVÉS DE FATO E FICÇÃO: UM ESTUDO COMPARADO

O processo de deificação de Alexandre tem pontos que se sobressaem e que aparecem tanto na historiografia cortesã, quanto nas fontes da Vulgata e no Romance de Alexandre. Os episódios selecionados têm em comum o aspecto divinizador de Alexandre. São passagens que formam o arco da vida mítica de Alexandre: o nascimento como o início; a visita ao oráculo de Amon e a construção de Alexandria como o ponto de aceitação divinatória; a vitória em Gaugamela, que marca a execução de sua missão inicial e dos planos de Felipe; e a morte na Babilônia que encerra sua saga. O esquema de comparação entre episódios e autores, segue a seguinte estrutura:

Acontecimento	RA grego	Vulgata	Justino/Quinto Cúrcio/ Diodoro
<b>Mito do Nascimento</b>	A concepção, a cobra e o mago	Os sonhos dos pais e o fogo no templo.	Plutarco
<b>Alexandre no Egito: O Oráculo de Siwa e a construção de Alexandria</b>	A instrução para a construção da cidade, e a ratificação da filiação.	O erro de tradução e sotaque que legitimou Alexandre	Diodoro
<b>A derrota de Dário III em Gaugamela</b>	A ligação e a romantização entre Alexandre e Dario.	Dario foi morto pelos seus e só encontrou Alexandre nas últimas.	Justino
<b>A morte de Alexandre na Babilônia</b>	Vários prelúdios e mensagens de que Alexandre não deveria entrar na cidade	Morte de Heféstion dias antes.	Diodoro/Quinto Cúrcio

#### 3.1 O mito do nascimento

Como visto nos capítulos anteriores, desde o início a vida de Alexandre esteve marcada por episódios que foram interpretados como presságios que pautariam toda sua existência. Essa exegese aplica-se desde o nascimento, com sonhos premonitórios de seus pais, as vitórias de Filipe e o incêndio no templo de Ártemis. Os prenúncios são relatados tanto nas fontes clássicas, quanto no RA, às vezes com pontos em comum, mas de modo geral, com características próprias de cada obra. O acúmulo desses prenúncios em torno da vida de personagens famosos da Antiguidade era uma prática comum, como destaca Peter Green:

Lendas como essas sempre tendiam a se acumular ao redor o nascimento e da infância de qualquer personagem famoso da antiguidade. Era condição *sine qua non* que o primeiro fosse acompanhado por presságios, e o segundo

abundam em episódios sugestivo de grandeza futura. Se este material de fundo não existia, era fabricado (GREEN, 2013, p.37).

Diferente da Vulgata, a obra de Pseudo-Calístenes começa com o mito da filiação de Alexandre sendo atribuída ao último faraó nativo do Egito, Nectanebo II, e não a Filipe II. Esse ponto de discordância é exclusivo do RA, e, apesar da obra deixar claro que a atuação do faraó é apenas resultado de astúcia e esperteza, o texto considera que a hereditariedade predestina Alexandre em sua jornada grandiosa.

### 3.1.1 O mito do nascimento em Ps.-Callisthenes

Muitos dizem que ele era filho do rei Filipe, mas estão enganados. Isso não é verdade: ele não era filho de Filipe, pois os mais sábios egípcios dizem que ele era filho de Nectanebo, após este último perder seu status real (Ps.-Callisthenes, I. 1).

Ao prever, através de artes mágicas, a invasão e a derrota de seu reino para os persas, Nectanebo foge do Egito para a corte macedônica. Chegando lá, ele se passa por um mago egípcio e fica conhecido por seus dotes mágicos.

A recensão  $\gamma$  apresenta um trecho que relata como Olímpia teve conhecimento de Nectanebo. Segundo o texto, a rainha Olímpia ainda não tinha filhos com Filipe, e este lhe ameaçou, ao sair para guerra, que se ao voltar, ela não engravidasse, o rei a abandonaria. Percebendo a tristeza de sua senhora, uma serviçal lhe fala sobre um mago:

“Há na cidade um homem do Egito que é capaz de satisfazer tudo o que a alma deseja, se você permitir que ele veja você”. Olímpia não hesitou, mas mandou chamá-lo imediatamente e ordenou-lhe que fosse ter com ela. (Ps.-Callisthenes, I. 4).

Ao ver Olímpia, Nectanebo se encantou e usou sua malícia mágica para conquistar a atenção da rainha. Ele apresenta objetos de pedras preciosas e horóscopos, que deixam a rainha maravilhada. A rainha então pede que ele profetize, pois corria um boato de que ao chegar da guerra, Filipe a rejeitaria e realizaria um novo casamento.

Nectanebo então pede que Olímpia escreva sua data de nascimento e a de Filipe logo abaixo, em uma pequena tábua, porém o mago insere sua própria data ao lado da data da rainha. Ele faz alguns cálculos e confirma que os boatos são verdadeiros, porém ela terá a chance de se vingar, como aparece no trecho seguinte:

O boato que você ouviu sobre você não é mentira. Eu, como profeta egípcio, posso ajudá-lo a evitar a rejeição de Filipe. ‘Como você pode fazer isso?’ ela perguntou. Ele respondeu: ‘Você deve ter intercurso com um deus encarnado, engravidar dele e dar à luz seu filho e criá-lo. Ele será seu vingador pelos erros que Filipe lhe fez. ‘Quem é o deus?’ perguntou Olímpia. “Amon da Líbia”, ele respondeu (Ps.-Callisthenes I. 4).

Olímpia então pergunta sobre a forma do deus, e Nectanebo lhe responde que será na forma de um homem de meia idade, com cabelo, barba de ouro e chifres, também de ouro, saindo de sua testa. O mago ainda a adverte para que ela se prepare, pois ele viria primeiramente em sonho.

Através de seus dotes mágicos, Nectanebo então manipula ervas que induzem os sonhos, molda uma boneca e escreve o nome de Olímpia. Por meio do contato da infusão de ervas com a boneca e a invocação de feitiços, Olímpia sonha, naquela mesma noite, que foi abraçada por Amon, e ele lhe disse que em seu ventre que ela carregava um filho que a vingaria.

É possível considerar que essa interpretação da figura de Olímpia como uma mulher vingativa, marcada pela rejeição (como aparece no RA), tenha influenciado os autores e suas obras ao longo da historiografia (vide Plutarco e Lane Fox). Nenhum deles faz um relato bondoso da rainha, sendo alguns bastante críticos.

A rainha acorda maravilhada e manda chamar Nectanebo. Ele adverte que aquilo foi apenas um sonho e que ele deveria se preparar para o verdadeiro encontro. Nessa altura do texto, as intenções astutas de Nectanebo e a ingenuidade de Olímpia estão bem claras:

‘Em primeiro lugar, senhora’, ele respondeu, ‘isso foi um sonho que você viu. Quando ele vier a você novamente, ele exigirá algo de você. Mas se Vossa Alteza ordenar, dê-me um quarto onde eu possa dormir, para que eu possa fazer orações a ele em seu favor.’ ‘Muito bem’, ela respondeu, ‘você pode fazer seu lugar de descanso em meus aposentos. Então, se eu ficar grávida do deus, darei a você as grandes honras que uma rainha pode fazer, e a tratarei como se você fosse o pai da criança’ (Ps.-Callisthenes I. 6).

Ele tinha a intenção clara de tornar-se pai do filho da rainha e a manipulou de forma engenhosa:

‘Você deve saber’, continuou Nectanebo, ‘que o seguinte sinal será dado antes que o deus entre em seu quarto. Se, ao anoitecer em seu quarto, você vir uma serpente rastejando em sua direção, ordene a todos que saiam. Mas não apague as lâmpadas, que preparei para honrar o deus, e que vou acender e dar a você; não, vá para sua cama e prepare-se, cubra seu rosto e não olhe diretamente para o deus que você viu vir até você em seu sonho’ (Ps.-Callisthenes I. 6).

A história continua com Nectanebo se fantasiando com uma pele de carneiro que ainda mantinha, os chifres nas têmporas, uma túnica branca e um manto semelhante a uma pele de serpente:

Vestindo-os, entrou no quarto, onde Olímpia estava deitada debaixo da colcha a espreitar. Ela o viu entrar, mas não teve medo, porque ele parecia exatamente como o deus havia feito em seu sonho. As lâmpadas estavam acesas e Olímpia cobriu o rosto. Nectanebo, deixando de lado seu cetro, subiu na cama e teve intercurso com ela. Então ele disse: ‘Acalme-se, mulher, em seu ventre você carrega um filho homem que a vingará e se tornará rei e governante de todo o mundo’. Então ele saiu da sala, levando o cetro com ele, e escondeu todas as peças de seu disfarce (Ps.-Callisthenes I. 7).

Naquela noite - e em muitas outras -, um Nectanebo vestido de deus Amon visitou os aposentos e a cama da rainha, de forma que tempos depois sua barriga começou a inchar. O diagnóstico era óbvio: Olímpia estava grávida.

O RA deixa claro que toda a trama é fruto da astúcia e malícia de Nectanebo. Nunca houve influência divina. Apesar de usar a divindade de Amon como subterfúgio para dissuadir Olímpia, o texto é bastante transparente em mostrar que tudo não passou de uma encenação. Isso torna-se mais um elemento que foi transfigurado de real para fictício como forma de colaborar com a tese da suposta divindade de Alexandre.

A respeito da reação de Filipe, que encontraria a mulher grávida ao voltar da guerra, Nectanebo promete que Amon viria ao auxílio da rainha, pois ele iria aparecer para Filipe e explicar a situação:

‘Que direi se Filipe chegar em casa e me descobrir grávida?’ ‘Não tenha medo, rainha’, respondeu o mago. ‘Amon virá em seu auxílio da seguinte maneira: ele aparecerá a Filipe em um sonho e lhe contará tudo o que aconteceu, para que Filipe não possa fazer nenhuma acusação contra você’. Desta forma Olímpia foi levada pelos poderes mágicos de Nectanebo (Ps.-Callisthenes I. 7).

O mago então pega um falcão e lança um feitiço sobre ele, instruindo-o de todas as coisas que desejava dizer a Filipe. O falcão vai até o rei em sonho, e ao acordar perturbado, chama um adivinho famoso. Ele lhe conta que no sonho, um deus de grande beleza física, com cabelos e barba grisalha e chifres de ouro nas têmporas aparece tendo intercurso com sua esposa:

‘Vi-o entrar na minha mulher, Olímpia, de noite, deitar-se com ela e fazer amor com ela’. Então o deus se levantou e disse: ‘Mulher, você concebeu um menino que a fará frutificar e vingará a morte de seu pai’. Então me vi costurando o corpo dela com fibras de papiro e selando-a com meu próprio anel. O anel era de ouro com uma pedra nele, e na pedra estavam gravados o sol, uma cabeça de leão e uma lança. Enquanto eu observava isso, parecia ver um falcão do mar parado ao meu lado, que me despertou do sono com o bater de suas asas (Ps.-Callisthenes I. 8).

O adivinho diz que o que Filipe viu é real. O selamento de sua esposa significava que ela estava grávida, e quanto a costurá-la com papiro, tal qual apareceu no sonho, significava que a semente era de origem egípcia, pois de lá vinha o papiro:

‘Viva o rei Filipe!’ respondeu o intérprete de sonhos. — O que você viu no sonho é verdade. O selamento do corpo de sua esposa é um sinal confiável de que ela está grávida; pois ninguém sela um vaso vazio, mas apenas aquele que contém algo nele. Quanto a costurá-la com papiro bem, papiro não cresce em lugar nenhum, a não ser no Egito. A semente então é de origem egípcia, e não humilde, mas gloriosa e de grande fama, como indica o anel de ouro. Pois o que há de mais glorioso do que o ouro, com o qual prestamos honras aos deuses? E o selo representando o sol, a cabeça do leão e a lança mostra que a

criança lutará contra todos os povos como um leão, e fará cativas suas cidades até o lugar onde o sol nasce. O deus que você viu com chifres de carneiro e cabelos grisalhos é o deus líbio Amon (Ps.-Callisthenes I. 8).

Filipe aceita a interpretação do adivinho, mas não fica tranquilo. Ao encontrar com Olímpia, ele a encontra angustiada, porém a tranquiliza dizendo que o pecado não era dela, pois assim lhe foi revelado em sonho.

Em outro momento, Filipe decide acusar Olímpia de traição, afirmando que o filho realmente não era dele. Nectanebo então toma nota e em dado dia se transforma em serpente, e na frente de todos, rasteja até a rainha:

De repente, Nectanebo se transformou em uma serpente, maior que a anterior, e se esgueirou para a sala de jantar, silvando de uma maneira tão assustadora, que as próprias fundações do palácio tremeram. Quando os que estavam jantando com o rei viram a serpente, saltaram de seus lugares assustados; mas Olímpia, que reconheceu o seu amante especial, estendeu-lhe a mão direita. A serpente levantou-se e colocou a cabeça no colo dela; ele então se enrolou e deitou de joelhos, colocando sua língua bifurcada para dentro e para fora para beijá-la – o que os espectadores tomaram como uma indicação da afeição da serpente por ela (Ps.-Callisthenes I. 10).

A aparição da serpente nesse texto é sintomática. Como veremos mais adiante, essa temática aparece em outros textos, tanto em relação ao mito de seu nascimento, como na ocasião da visita ao oráculo. Esses paralelos textuais são pontos que colaboram para a construção da imagem divinizada de Alexandre, já que ambas as passagens corroboram entre si.

Por fim, a serpente se transforma em águia e desaparece. Filipe fica fascinado com a aparição e finalmente acredita que a esposa está de fato esperando um filho do deus Amon. “Então Filipe congratulou-se com o favor do deus, pois o filho de sua própria esposa viria da semente de um deus” (Ps.-Callisthenes I. 10).

No momento do nascimento de Alexandre, ocasião que Nectanebo estava presente, o RA destaca as manobras que o mago fez com o mapa celeste, instruindo Olímpia a não ter pressa e a esperar pelo melhor momento para dar à luz. O céu passa por vários signos, mas nenhum é auspicioso o suficiente, todos tendo consequências negativas. Por fim, chega o momento em que o horóscopo finalmente passa por Júpiter, e então Nectanebo instrui Olímpia a fazer força:

“Sente-se agora, majestade, na cadeira da bênção, e torne seus trabalhos mais frequentes e enérgicos. Júpiter, o amante das virgens, que estava grávido de Dionísio em sua coxa, agora está alto no céu claro, transformando-se em Amon chifrudo entre Aquário e Peixes, e designando um egípcio como governante do mundo. Dê à luz agora!” E quando a criança caiu no chão, houve grandes aplausos de trovões e cinzas de relâmpagos, de modo que todo o mundo foi abalado (Ps.-Callisthenes, I. 12).

É nesse contexto do mito do nascimento, que se inicia com a fuga de Nectanebo do Egito, que surge a lenda do retorno do rei como libertador da dominação persa no Egito. A passagem da lenda no RA lê-se da seguinte forma:

Enquanto isso, os egípcios perguntavam aos seus supostos deuses o que havia acontecido com o rei do Egito, já que todo o Egito havia sido invadido pelos bárbaros. E o autointitulado deus no santuário do Serapeu falou-lhes um oráculo: “Este rei que se foi voltará ao Egito não como um homem velho, mas como um jovem, e vencerá nossos inimigos, os persas”. Eles perguntaram um ao outro qual poderia ser o significado desse ditado; mas, não encontrando resposta, escreveram o oráculo que lhes fora dado no pedestal da estátua de Nectanebo (Ps.-Callisthenes I. 3).

Mais adiante, o texto releva que a morte de Nectanebo veio pelas mãos do jovem Alexandre. O acontecimento aparece de forma repentina, em um episódio nebuloso, corroborando o argumento teleológico de que no RA o destino de Alexandre é pautado pela predestinação. Na ocasião, Alexandre pede ao mago para aprender sobre as estrelas, e Nectanebo promete levá-lo, naquela noite, a um lugar mais propício. Chegando lá, Alexandre o empurra em um poço e Nectanebo se fere de forma mortal. As últimas palavras do antigo faraó consistem na revelação de que ele é pai de Alexandre, como aparece no texto:

Então Nectanebo disse: ‘Filho, estou terrivelmente ferido. Mas nenhum mortal pode superar seu destino’. ‘O que você quer dizer?’ perguntou Alexandre. ‘Eu mesmo’, respondeu Nectanebo, ‘li meu próprio destino, que estava condenado a ser destruído por meu próprio filho. E eu não escapei do meu destino, mas fui morto por você’. ‘Então eu sou seu filho?’ perguntou Alexandre. Então Nectanebo contou-lhe toda a história de seu reino no Egito e sua fuga de lá, sua chegada à Pela e sua visita a Olímpia para fazer seu horóscopo, e como ele veio até ela disfarçado como o deus Amon e fez amor com ela. Com essas palavras, ele deu seu último suspiro (Ps.-Callisthenes, I.14).

Alexandre fica aflito, pois acredita no que o mago falou. Tocado por um sentimento de afeição, retira o corpo de Nectanebo do poço e o leva até Olímpia. Ao se comparar com Enéias “carregando seu Anquises”, Alexandre revela à mãe toda a história como a ouviu de Nectanebo. Apesar do choque e de repreender-se por ter sido enganada, Olímpia se emociona e manda sepultar Nectanebo delicadamente. Constrói ainda para ele um monumento. Por fim, o texto se encerra assim:

É uma prova notável da Providência divina, que Nectanebo, o egípcio, foi sepultado na Macedônia em uma sepultura grega, enquanto Alexandre, o macedônio, foi sepultado em uma sepultura egípcia (Ps.-Callisthenes, I.14).

### **3.1.2 O mito do nascimento em Plut. *Vit. Alex.***

Apesar de Plutarco não estar necessariamente inserido na tradição vulgar, seu texto biográfico é o único que destaca de forma meticulosa a primeira fase da vida de Alexandre,

com destaque para o episódio de concepção. Como aparece no início do texto, Plutarco destaca que:

É que não é História o que me proponho escrever, mas sim Biografia. A verdade é que nem sempre os atos mais relevantes são os mais reveladores de excelência ou de vício; em contrapartida, muitas vezes um episódio insignificante, um dito ou uma anedota, pode ser mais expressivo de um caráter do que batalhas com milhares de mortos, grandes paradas militares, ou cercos a cidades (Plut. *Vit. Alex.* I. 2).

Ao priorizar acontecimentos que revelem o caráter de Alexandre, Plutarco aborda de forma individual acontecimentos que revelam o temperamento e índole de Alexandre, tirando proveito de pequenos episódios que outros autores clássicos geralmente ignoram. Como o próprio autor destaca, a comparação é como a de um pintor.

Assim, do mesmo modo que os pintores, ao produzirem um retrato, se fixam no rosto ou na expressão dos olhos, que são o espelho do caráter, e pouca atenção prestam às restantes partes do corpo, seja-me também permitido dedicar-me sobretudo aos sinais da alma e, a partir daí, retratar a vida de cada um deles. As grandes façanhas e lutas que travaram deixo-as para outros (Plut. *Vit. Alex.* I. 3).

Por conta dessas minúcias, *Vida de Alexandre* é mais apropriada na análise dos paralelos sobre o mito do nascimento, visto que os outros autores da Vulgata preferem favorecer a cronologia do Alexandre rei.

Em *Vida de Alexandre*, Plutarco começa já destacando as linhagens das quais descende Alexandre:

No que à linhagem diz respeito, Alexandre, do lado paterno, descendia de Hércules, através de Carano; e do lado materno, provinha de Éaco, através de Neoptólemo, matéria esta que não suscita qualquer controvérsia (Plut. *Vit. Alex.* II.1).

Ademais, destaca que Filipe e Olímpia se conheceram ainda jovens, quando ambos ingressaram nos mistérios Samotrácia, ele ainda era apenas um rapaz e ela uma princesa órfã. Filipe se enamora dela e a pede em casamento, com a concordância de seu irmão (tio) Arimbas. Na noite anterior ao casamento, Plutarco revela que Olímpia teve um sonho premonitório:

Pois bem, na noite anterior à consumação do casamento, a noiva sonhou que tinha havido uma trovoada e que um raio a atingiu no ventre; dessa descarga gerou-se um fogo enorme, que se propagou em chamas por todo o lado, antes de se extinguir (Plut. *Vit. Alex.* II. 3).

Tempos mais tarde, após o casamento realizado, Filipe também tem um sonho:

Filipe, tempos mais tarde, já depois de realizado o casamento, viu-se em sonhos a pôr um selo no ventre da mulher. A efígie do selo parecia-lhe representar um leão (Plut. *Vit. Alex.* II. 4).

Os adivinhos são convocados e acham o sonho suspeito, tendo recomendado a Filipe ficar mais atento ao casamento. Porém, Aristandro de Telmessos tinha outra interpretação:

Apenas Aristandro de Telmessos lhe anunciou que a mulher estava grávida – porque não se sela o que está vazio – e grávida de um filho com uma natureza impulsiva que nem um leão (Plut. *Vit. Alex.* II. 5).

Além dos sonhos, Plutarco relata que certo dia Filipe vê uma serpente ao lado de Olímpia enquanto ela dormia. A visão o levou a se afastar dela, talvez por medo de que se sujeitasse a alguma magia, e também evitou a ter relações com ela por receio de que ela fosse a favorita de algum deus.

Sobre a aparição da serpente, Plutarco oferece uma segunda explicação, onde Olímpia, assim como outras mulheres, participava de ritos órficos e as orgias dionisíacas. A rainha, mais que as outras mulheres, colocava um empenho maior na manifestação do divino através da vida selvagem, além de participar de cortejos e rituais com serpentes, para o horror dos homens (Plut. *Vit. Alex.* II. 9).

Independentemente da versão, após a visão, Filipe envia Cáron de Megalópolis para Delfos, a fim de consultar o oráculo.

A verdade é que – ao que consta -, depois da visão que tinha tido, Filipe mandou Cáron de Megalópolis a Delfos para consultar o oráculo. Foi-lhe transmitida, da parte do deus, esta ordem: que sacrificasse a Ámon e lhe prestasse grandes homenagens. E que perderia, dos seus olhos, aquele que tinha colado na frincha da porta para espiar o deus, quando, sob forma de serpente, partilhava o leito com a sua mulher (Plut. *Vit. Alex.* III. 1-2).

É sintomático que mais uma vez vemos a aproximação das fontes, o que corrobora a ideia de que elas colaboram entre si. Elementos como a manifestação dos sonhos e a aparição da serpente estão presentes nas duas tradições.

Ainda sobre os eventos que acompanham o nascimento de Alexandre, há de se destacar o incêndio no templo de Ártemis, em Éfeso. Sobre esse acontecimento, Plutarco diz o seguinte:

Seja como for, Alexandre nasceu no início do mês Hecatombéon, a que os Macedónios chamam Loo, a seis, no mesmo dia em que o templo de Ártemis em Éfeso ardeu. Foi em função dessa coincidência que Hegésias de Magnésia se saiu com uma piada capaz, pela frieza, de extinguir o tal incêndio. Disse ele nomeadamente que o templo de Ártemis tinha ardido porque a deusa estava ocupada com o parto de Alexandre (Plut. *Vit. Alex.* III.5-6).

Plutarco apresenta, ainda, uma segunda interpretação:

Mas todos os Magos, que então, por casualidade, se encontravam em Éfeso, considerando o incidente com o templo sinal de futuros incidentes, lançaram-se em corrida a bater no rosto e a gritar que uma desgraça calamitosa para a Ásia tinha nascido naquele dia (Plut. *Vit. Alex.* III.7).

Sobre o incêndio no templo de Ártemis e a previsão dos magos persas, Peter Green afirma que apesar de o templo em Éfeso realmente ter pegado fogo, a profecia da derrocada da Ásia “soa suspeitamente como propaganda persa, divulgada quando a invasão já havia

ocorrido” (GREEN, 2013, p. 36). Após a conquista da Potideia, Filipe recebe três boas notícias que também foram interpretadas pelos magos como bom presságio:

Filipe, que acabava de conquistar Potideia, recebeu três mensagens ao mesmo tempo: primeiro, que Parmênio tinha vencido os Ilírios numa grande batalha; segundo, que o seu cavalo tinha vencido a corrida nos jogos olímpicos; e, em terceiro lugar, que Alexandre tinha nascido. Ficou encantado com todas elas, como é natural, e mais exultante ficou quando os Magos lhe revelaram que o filho, cujo nascimento coincidia com três vitórias, havia de ser invencível (Plut. *Vit. Alex.* III.8-9).

A questão da filiação de Alexandre tem lugar e se estende até a fase adulta, tendo dois episódios específicos destacados por Plutarco. O primeiro se refere às vésperas da campanha pela Ásia, onde Olímpia conta a Alexandre o segredo de seu nascimento:

Olímpia, ao que diz Eratóstenes, quando enviou Alexandre na famosa campanha, contou-lhe só a ele, o segredo do seu nascimento e recomendou-lhe que arquitetasse planos à sua altura (Plut. *Vit. Alex.* III.3).

O outro episódio se dá na ocasião do casamento de Filipe com Cleópatra, sobrinha de Átalo. Apesar da admiração que existia entre pai e filho, os casamentos e as aventuras amorosas de Filipe criaram dissabores no reino e desavenças profundas na relação parental entre ambos. Plutarco destaca ainda que o caráter “difícil e ciumento” de Olímpia ajudava a alimentar as querelas entre eles, agravando os ressentimentos de Alexandre para com o pai (Plut. *Vit. Alex.* IX.5). O auge do desentendimento entre eles ocorre durante os festejos do novo casamento de Filipe, quando Átalo sugere uma possível origem indigna de Alexandre.

Foi Átalo quem levou ao rubro a polémica no casamento de Cleópatra, uma jovem que Filipe desposou, apaixonado por ela apesar da diferença de idades. Átalo era tio da moça; em plena boda, quando já estava bem bebido, estimulou os Macedónios a pedirem aos deuses que de Filipe e Cleópatra nascesse um filho legítimo, para lhe suceder no trono. Furioso com a história, Alexandre gritou: ‘Quer dizer que eu, para ti, seu cabeça tonta, não passo de um bastardo!’ E atirou-lhe com uma taça. Filipe avançou para ele de espada em riste, mas, afortunadamente para ambos, com a fúria e com o vinho escorregou e caiu. Aí Alexandre disse, em ar de troça: ‘É este o homem, meus senhores, que se preparava para atravessar da Europa para a Ásia, o mesmo que tropeça apenas para passar de um leito para outro’ (Plut. *Vit. Alex.* IX. 6-10).

Apesar desses episódios terem se passado com Alexandre já adulto, eles corroboram com os paralelos do mito do nascimento, pois se ligam à ideia de bastardia apresentada no RA. E como podemos perceber, talvez essa fosse uma questão conhecida de forma popular, como se vê na ocasião do casamento, em que Átalo se sentiu confortável o suficiente para ofender a paternidade de Alexandre.

### 3.2 Alexandre no Egito: a visita ao oráculo e a construção de Alexandria

A visita ao oráculo de Siwa e a épica passagem pelo Egito, de modo geral, representa um marco na (auto) interpretação da personalidade de Alexandre. Tomando emprestada a expressão de Peter Green, aqui vemos as suas primeiras “intimações de imortalidade” (GREEN, 1991, p.236). Sobre a experiência no Egito ser um ponto de virada, ele afirma que:

O que havia sido concebido como uma peça de diplomacia política transformado em um profundamente sentido emocional e espiritual experiência. Não é exagero dizer que os meses Alexandre passou no Egito, a partir do final de outubro de 332 até abril de 331, marcou um ponto de virada psicológico em sua vida (GREEN, 2013, p. 269).

Se até então ele emulou figuras a fim de se aproximar dos feitos de seus heróis, as palavras do oráculo o legitimaram como o próprio, como destaca Stoneman. “Alexandre, agora venerado como um rei-deus, e sucessor do faraó, deve ter começado, em relação aos seus êxitos tremendos, a pensar se era de fato, nos termos do mundo antigo, um ser sobre-humano”. (STONEMAN, 1997, p.91-92). Robin Lane Fox ecoa a mesma ideia:

É essa capacidade de inspirar tais temas pessoais e ratificá-los para o futuro por suas próprias realizações que dá a Alexandre seu apelo mais forte. A visita a Siwa não foi calculada em função do resultado que dela adveio; foi ao mesmo tempo secreto e aleatório, mas sua conclusão é talvez o aspecto mais importante na busca por sua personalidade. ‘Zeus’, pensou-se mais tarde que Alexandre teria dito, ‘é o pai comum dos homens, mas ele faz o melhor de forma peculiar’; como muitos imperadores romanos depois dele, Alexandre estava começando a acreditar que era protegido por um deus como seu próprio ‘companheiro’ divino, não como amigo de deus, como os notáveis pagãos do final da antiguidade romana, não como um escravo de deus, em a frase mais sombria dos cristãos que os substituíram, mas como filho de deus, uma crença que se encaixava de forma convincente com sua própria perspectiva homérica, em cuja *Iliada* favorita os filhos de Zeus ainda lutavam e morriam sob o olhar de seu pai celestial (FOX, 1973, p. 229).

Plutarco comicamente descreve que ao cumprimentar o rei, o oráculo, seja por sotaque ou falta de costume com o idioma grego, fez um simples cumprimento parecer um reconhecimento divino: “Ω πατὶς θεός” (Plut. *Vit. Alex.* XXVII. 8) era uma confirmação cômoda para Alexandre, e que ele pretensiosamente passou adiante (SANT’ANNA, 2021, p. 113). Robin Lane Fox tem uma visão que coloca Alexandre em um lugar mais modesto sobre a questão:

Alexandre não pretendia que a verdade de sua visita a Siwa fosse geralmente conhecida e por essa razão é impossível ter certeza exatamente como sua visão publicada de si mesmo encontrou sua confirmação. Apenas o resultado é certo, e como ele deixou o oráculo e voltou para casa em Mênfis por uma estrada de caravana diferente através do deserto, seria errado explicar sua consulta como engano ou arrogância calculada (FOX, 1973, p. 229).

Outro elemento que reforça com a nova interpretação de um Alexandre divino é seu reconhecimento e a coroação como faraó, haja visto a condição de deus encarnado que essa figura representa. Além disso, essa é a primeira ocasião que a crença de um nascimento divino defendido por Olímpia encontra espaço, como afirma Peter Green.

Assim, em 14 de novembro de 332, o jovem macedônio foi solenemente empossado como faraó. Eles colocaram a coroa dupla em sua cabeça e o cajado e o mangual em suas mãos. Ele se tornou simultaneamente deus e rei, encarnação e filho de Ra e Osíris; ele era Hórus, o Dourado, o poderoso príncipe, amado de Amon, Rei do Alto e do Baixo Egito. O impacto dessa revelação em Alexandre pode ser bem imaginado. Aqui, finalmente, a crença de Olímpia em seu nascimento divino encontrou um contexto totalmente aceitável. O dogma faraônico fechou a lacuna entre mortal e imortal, divindade fundida e supremacia real em uma pessoa. Logo os novos súditos de Alexandre - preparados, sem dúvida, pela seção de propaganda - absorveram os velhos rumores de sua criação em seu próprio sistema teocrático (GREEN, 2013, p. 270).

Muito provavelmente a aceitação de Alexandre como faraó é resultado do ódio extremo que os egípcios nutriam pelos persas, além de uma provável gratidão de um povo que vinha de dois séculos de uma dominação violenta, desrespeitosa e herege com a religião local (EDDY, 1961, p. 261; GREEN, 2013, p. 268); e não como uma real crença que um estrangeiro como Alexandre seria Hórus encarnado. Prova disso é que esse sentimento não se estendeu de forma homogênea a seus sucessores lágidas. A reação religiosa e as rebeliões dos egípcios contra os gregos foram violentas o suficiente para ambos se desprezarem mutuamente. A esse respeito, Samuel Eddy afirma que:

A reação religiosa dos egípcios ao imperialismo greco-macedônio incluiu uma série de rebeliões cuja força se manteve por um longo período de tempo. A violência das revoltas pode ser comparada com as guerras dos Macabeus, e elas foram quase mais notáveis, pois enquanto os asmoneus conseguiram romper com o Império Selêucida em desintegração, os egípcios não conseguiram se livrar do estado Lágida, que sobreviveu mais do que qualquer outra monarquia helenística. Mas os homens do Egito se rebelaram e lutaram até o fim. O ódio mútuo contra gregos e egípcios tornou-se intenso, em parte porque numerosos imigrantes gregos nesta curiosa terra estavam preparados para desprezar os nativos. Durante os três séculos de controle ptolomaico, quase nenhum desses helenos adquiriu um conhecimento real da cultura egípcia, e poucos se preocuparam em aprender a língua (EDDY, 1961, p. 27).

Apesar disso, assim como o erro de tradução do oráculo, que se referiu a Alexandre como filho de Amon, esse fato também alimentou ainda mais a propaganda de um Alexandre deificado. É também nesse contexto que a lenda da inscrição na estátua de Nectanebo sobre a volta do velho rei como figura jovem provavelmente tem origem, seja como foco de resistência ao helenismo, mas também como propaganda de legitimação tardia.

No RA, a passagem pelo Egito é narrada de forma breve e, diferente das fontes clássicas, o foco da visita ao oráculo é a instrução para a construção de Alexandria, e não na revelação da filiação divina. Apesar de ele questionar brevemente o oráculo a respeito dessa questão, é apenas com intuito de ratificação, visto que essa “realidade” já lhe era conhecida desde a juventude. Outra diferença é que enquanto Plutarco (*Plut. Vit. Alex.* XXVI, 1-10) e Arriano (*Arr. Anab.* V. 1-2) localizam a construção de Alexandria antes da visita a Siwa, Diodoro e o RA a localizam depois pelas questões descritas acima.

### 3.2.1 Alexandre no Egito em Ps.-Callisthenes

Ao atravessar para a África, Alexandre e seu exército passaram primeiro por Cartago, onde os generais locais imploram para que Alexandre ficasse longe de sua cidade. Mas o macedônio desprezou a covardia deles, e alegou que ou ficassem mais fortes para proteger sua cidade, ou prestassem homenagens àqueles que eram mais fortes. Após isso, eles partiram e atravessaram a Líbia, rumo ao Egito:

Então partiu e atravessou toda a Líbia até chegar ao santuário de Amon. Mas ele colocou a maior parte de seu exército nos navios, dizendo-lhes para navegar e esperar por ele na ilha de Proteu. Ele próprio foi fazer sacrifícios a Amon, alegando que era filho do deus (Ps.-Callisthenes, I.30).

Ao chegar no santuário, Alexandre roga para que Amon confirme se ele realmente era seu filho, e então o oráculo o responde confirmando a informação:

Ele orou e disse: ‘Pai Amon, se for verdade o que minha mãe me disse, que eu sou seu filho, me dê um sinal!’ E Alexandre teve uma visão de Amon abraçando sua mãe, Olímpia e dizendo-lhe: ‘Filho Alexandre, você nasceu da minha semente’ Quando Alexandre soube do poder de Amon, ele consertou seu santuário e dourou a imagem de madeira do deus; e ele o dedicou com esta inscrição própria: ‘Alexandre ergueu isto para seu pai, o deus Amon’(Ps.-Callisthenes, I.30).

Como dito anteriormente, o foco maior da visita ao oráculo é a construção de uma cidade que levasse seu nome. Alexandre então pede ao deus que lhe revele o melhor local:

Ele queria receber um oráculo dele, para indicar onde ele deveria fundar uma cidade que levasse seu nome, para que durasse para sempre, e ele teve uma visão de Amon já velho, com cabelos dourados e chifres de carneiro na cabeça. suas têmporas, dizendo: ‘Ó rei, assim diz Febo dos chifres de carneiro: Se você deseja florescer para sempre na juventude incorruptível, encontre a cidade rica em fama em frente à ilha de Proteu, onde o próprio Aion Ploutonios é entronizado como rei, aquele que de sua rolos de montanha de cinco picos ao redor do mundo sem fim’ (Ps.-Callisthenes, I.30).

Após receber o oráculo, Alexandre sai em busca da ilha de Proteu e qual era o deus responsável por ela. Então ele sacrifica novamente a Amon, e vai para uma aldeia da Líbia

descansar com suas tropas. Enquanto caminhava por ali, Alexandre encontra uma corça muito grande que desaparece em uma caverna. Ele então pede que seu arqueiro dispare contra ela, mas o arqueiro erra, e Alexandre decide chamar o local de Paratone<sup>23</sup> (παράτονος). De lá, ele segue para Taphosirion, e ao perguntar o motivo do nome para a população local, lhe é explicado que o santuário local é o túmulo de Osíris. Após sacrificar em honra ao deus local, Alexandre segue sua jornada e finalmente encontra o lugar para construir sua cidade:

Depois de sacrificar também lá, ele se aproximou do objetivo de sua jornada e chegou ao local de nossa cidade atual. Ele viu um grande espaço aberto, estendendo-se na distância infinita, e ocupado por doze aldeias. [...] Nas doze aldeias havia doze rios correndo para o mar. Suas saídas foram represadas e os rios desembocaram nas ruas e praças da cidade. Apenas dois continuaram a ter uma passagem livre para o mar, dos quais um é o rio Rhakotis, agora a rua do grande deus Sarapis. Outro canal é o local da praça principal. O maior rio, chamado Xylero, é agora Aspendia. Outro canal é o local do templo da Fortuna. Depois, há o grande rio Kopronikos; depois o grande canal e rio Nephherotes, onde agora estão as dedicatórias e o santuário de Ísis de Nephheros, o primeiro templo construído em Alexandria. O maior rio de todos é o Argeos, onde agora está o Argeion. Depois há o canal de Areios onde está a estátua de Areios. Depois, há o canal que sai no estuário Canopico pelo Zephyrion. Outro grande rio é o estuário Heracleótico (recensão A) (Ps.-Callisthenes, I.31).

A partir daí começa a marcação da cidade:

Alexandre traçou o plano de uma cidade, estendendo-se em comprimento desde o lugar chamado Pandysia até a foz Heracleótica do Nilo, e em largura desde o santuário de Bendis até a pequena Hormoupolis (é chamada Hormoupolis, não Hermoupolis, porque todos os que navegam pelo Nilo tocam lá<sup>24</sup>). Essas foram as dimensões da cidade que Alexandre estabeleceu, de modo que até hoje é chamada de 'o território dos alexandrinos' (Ps.-Callisthenes, I.31).

Cleômenes de Náucratis e Nomocrates de Rodes aconselharam Alexandre a não construir uma cidade muito grande, pois cidades grandes são difíceis de povoar, abastecer e governar. Por outro lado, cidades pequenas são harmoniosas nas decisões e aconselham-se em benefício mútuo, por isso são preferíveis. O risco de conflito em uma população grande, tal qual previa o desenho inicial da cidade, fez Alexandre dissuadir da ideia:

Alexandre foi persuadido e ordenou que seus arquitetos construíssem uma cidade na escala que preferiam. Ao receber essas ordens, eles marcaram uma cidade que se estende desde o rio Dracon em frente ao promontório de Taphosirion até o rio Agathodaimon, que está além de Canobus, e em largura desde o santuário de Bandis até Europhoros e Melanthios. E então Alexandre ordenou a todos aqueles que viviam há 30 milhas da cidade que deixassem suas aldeias e se mudassem para a cidade; ele os presenteou com parcelas de terra e os chamou de alexandrinos (Ps.-Callisthenes, I.31).

---

<sup>23</sup> Algo como “arco mal armado”.

<sup>24</sup> A palavra em grego é hormei (ορμή)

E então, da terra olhando o mar, Alexandre avista uma ilha e é informado que se trata da ilha de Faros, onde Proteu morava. A cidade fora construída de acordo com as instruções do oráculo. Ele então vai até a ilha, sacrifica em homenagem ao herói e manda restaurar o santuário que estava desmoronando [recensão A].

Por fim, Alexandre ordena a marcação do perímetro da cidade, de forma que ele conseguisse ver o desenho. Os trabalhadores marcam a planta com trigo, porém os pássaros comem todo o grão. O rei fica perturbado com a situação e manda chamar os interpretes de sonho:

A resposta deles foi: ‘A cidade que você ordenou que fosse construída, ó rei, alimentará todo o mundo habitado, e aqueles que nascerem nela alcançarão todas as partes do mundo; assim como as aves voam sobre toda a terra’. Então, ele deu ordens para começar o trabalho de construção (Ps.-Callisthenes, I.32).

Quando as bases da cidade ficaram prontas, Alexandre mandou escrever:

Quando as fundações da maior parte da cidade foram lançadas e medidas, Alexandre escreveu cinco letras: ABGDE. A para ‘Alexandre’; B para Basileus, ‘rei’; G para Genos, ‘descendente’; D para *Dios*, ‘Zeus’; e E para *ektisen*, ‘fundou uma cidade incomparável’ (Ps.-Callisthenes, I.32).

### **3.2.2 Alexandre no Egito em Diod. Sic.**

Assim como narrado no RA, o texto de Diodoro é o único das fontes clássicas que coloca a construção de Alexandria após a visita ao oráculo de Amon. O contexto da obra segue com Alexandre indo para o Egito logo após organizar os assuntos referentes a Gaza. Ele então envia Amintas<sup>25</sup> com dez navios para a Macedônia a fim de recrutar novos soldados, e então segue para o Egito. Chegando lá, Alexandre é recebido com entusiasmo pelos nativos, visto que a força de dominação persa era cruel com o povo, e desrespeitosa com os templos.

Então, tendo organizado os assuntos do Egito, Alexandre segue para o templo de Amon, onde desejava consultar o oráculo. No meio do caminho, é interpelado por uma embaixada do povo de Cirene, que lhe trouxe uma coroa, cavalos e outros presentes valiosos. Um tratado de amizade e uma aliança é combinado entre eles, e a comitiva de Alexandre segue viagem rumo ao templo.

Após quatro dias no deserto, a água acaba e sofrendo uma sede terrível, o grupo se desespera. Nesse ponto começam a aparecer os primeiros sinais que serão interpretados como providência divina e que fazem eco às passagens do RA. Em meio à necessidade urgente de

---

<sup>25</sup> Amintas, filho de Andrômenes, general de Alexandre, o Grande, morto em 330 a.C.

água, uma súbita chuva torrencial cai repentinamente, acabando com o problema da sede generalizada. Como a tempestade foi completamente inesperada, eles atribuem esse fenômeno à providência divina:

Quando chegou à parte deserta e árida, encheu-se de água e começou a atravessar um país coberto por uma extensão infinita de areia. Em quatro dias a água acabou e eles sofreram de uma sede terrível. Todos caíram em desespero, quando de repente uma grande tempestade de chuva caiu dos céus, acabando com a escassez de água de uma forma que não havia sido prevista e que, portanto, parecia aos tão inesperadamente resgatados ser devido à ação da Providência divina (Diod. Sic. XVII, 49, 3-4).

A comitiva enche seus recipientes de água e segue viagem até chegar em uma encruzilhada, onde as estradas estão cobertas pelas dunas de areia:

Em um ponto, quando a estrada não pôde mais ser rastreada por causa das dunas de areia, o guia mostrou para o rei que os corvos grasnando à sua direita estavam chamando sua atenção para a rota que levava ao templo. Alexandre interpretou isso como um presságio e, pensando que o deus estava satisfeito com sua visita, avançou rapidamente. Primeiro ele chegou ao chamado Lago Amargo, e então, avançando mais cem estádios, ele passou pelas cidades de Amon. Então, após uma jornada de um dia, ele se aproximou do santuário (Diod. Sic. XVII, 49, 5-6).

Diodoro descreve com detalhes as características da região. A terra onde encontra-se o oásis é dita como sendo um lugar cercado por um deserto arenoso, sem água e desprovido de qualquer coisa boa para o homem. Já o oásis em si é apresentado como cercado por várias fontes de água, que o torna bem arborizado, inclusive com árvores frutíferas e com um clima ameno constante. (Diod. Sic. XVII, 50, 1).

O oásis tem cinquenta estádios de comprimento e largura e é regado por muitas belas fontes, de modo que é coberto com todos os tipos de árvores, especialmente aquelas valorizadas por seus frutos. Tem um clima moderado como a nossa primavera e, cercada como está por regiões muito quentes, fornece sozinha ao seu povo uma temperatura amena contrastante. O santuário foi construído por Danaüs, o egípcio. A terra, que é sagrada para o deus, é ocupada ao sul e oeste por etíopes, e ao norte por líbios, um povo nômade, e os chamados nasamônicos que chegam ao interior (Diod. Sic. XVII, 50, 2).

Diodoro segue descrevendo as estruturas físicas e a população do oásis, bem como seus templos e alguns rituais:

Todo o povo de Amon mora em aldeias. No meio de seu país há uma fortaleza protegida por muralhas triplas. O circuito mais interno encerra o palácio dos antigos governantes; o próximo, o tribunal das mulheres, as habitações das crianças, mulheres e parentes, e as salas da guarda dos batedores, bem como o santuário do deus e a fonte sagrada, de cujas águas as oferendas endereçadas ao deus recebem santidade; o circuito externo envolve os quartéis dos guardas do rei e as salas da guarda daqueles que protegem a pessoa do governante [...]. A imagem do deus é incrustada de esmeraldas e outras pedras preciosas, e responde aos que consultam o oráculo de uma forma bastante peculiar. É carregado em um barco de ouro por oitenta sacerdotes, e estes, com o deus em

seus ombros, vão sem sua própria vontade aonde quer que o deus lhes dirija o caminho. Uma multidão de meninas e mulheres os segue cantando hinos enquanto eles vão e louvando o deus em um hino tradicional (Diod. Sic. XVII, 50, 3-7).

Alexandre, então, é conduzido por sacerdotes ao templo após observar a estátua do deus por algum tempo. Um homem idoso, que ocupava o cargo de profeta, aproxima-se do rei e o cumprimenta, chamando-o de filho, ao qual Alexandre responde-o chamando de pai:

Quando Alexandre foi conduzido pelos sacerdotes ao templo e observou o deus por um tempo, aquele que ocupava a posição de profeta, um homem idoso, aproximou-se dele e disse: “Alegra-te, filho; considere esta forma de tratamento como do deus também.” Ele respondeu: “Aceito, pai; no futuro serei chamado teu filho” (Diod. Sic. XVII, 51, 1-4).

O sacerdote segue para o recinto sagrado, e após Alexandre perguntar se o deus lhe concederia “o governo de toda a terra”, ele responde que com certeza o deus havia concedido a ele seu pedido. Considerando a cronologia da conquista asiática, o marco que a visita ao oráculo significa na auto interpretação de sua imagem e na posterior absorção de trejeitos e costumes tal qual foi explorado no capítulo 2, talvez seja possível considerar que a resposta do oráculo sobre Alexandre governar “toda a terra” tenha motivado a continuidade da conquista mesmo após a derrota de Dario.

A consulta ao oráculo segue com mais perguntas, com aquela que ficará marcada para a posteridade em quase todas as fontes alexandrinas:

[...] e Alexandre falou novamente: “A última, ó espírito, de minhas perguntas agora responde; eu puni todos aqueles que foram os assassinos de meu pai ou alguns me escaparam?” O profeta gritou: “Silêncio! Não há mortal que possa conspirar contra aquele que o gerou. Todos os assassinos de Filipe, no entanto, foram punidos. A prova de seu nascimento divino residirá na grandeza de seus feitos; como antes ele era invencível, agora ele será invencível para sempre”. Alexandre ficou encantado com essas respostas. Ele honrou o deus com ricos presentes e voltou para o Egito (Diod. Sic. XVII, 51, 2-4).

Assim como no RA, após deixar Siwa, Alexandre segue para o Egito a fim de fundar uma cidade. A descrição da construção é minuciosa nos dois textos, porém em Diodoro, além da passagem ser breve, também não há nenhuma menção de que sua localização tenha sido uma recomendação do oráculo, como é o caso do Romance. De toda forma, em ambos os textos, Alexandre participa ativamente do planejamento e estruturação da cidade, como é detalhado no texto:

Ele planejou o local e traçou as ruas habilmente e ordenou que o cidade deve ser chamada depois dele Alexandria. Estava convenientemente situada perto do porto de Faros e, selecionando o ângulo reto das ruas, Alexandre fez a cidade respirar com os ventos etésios soprando por uma grande extensão de mar, que resfriam o ar da cidade, e assim ele forneceu aos seus habitantes um clima moderado e boa saúde. Alexandre também projetou as paredes de modo que fossem ao mesmo tempo excessivamente grandes e maravilhosamente

fortes. Situado entre um grande pântano e o mar, oferece por terra apenas dois acessos, ambos estreitos e facilmente bloqueados. Em forma, é semelhante a uma clâmide, e é aproximadamente cortada por uma avenida notável por seu tamanho e beleza. De portão a portão, ele percorre uma distância de quarenta estádios; tem um pletro de cem pés de largura e é limitado em todo o seu comprimento por ricas fachadas de casas e templos. Alexandre deu ordens para construir um palácio notável por seu tamanho e maciço. E não apenas Alexandre, mas aqueles que depois dele governaram o Egito até nossos dias, com poucas exceções, ampliaram isso com acréscimos luxuosos (Diod. Sic. XVII, 52, 1-4).

Por fim, Alexandre deixa alguns amigos encarregados da construção da cidade, e ao resolver os assuntos no Egito, segue para a Síria, assim como é descrito no RA. Nesse contexto, é relevante também comparar o relato de Plutarco, pois na obra, apesar do desejo inicial de Alexandre em construir a cidade, a localização da mesma lhe é revelada em sonho, como se pode ver na passagem abaixo:

Foi então que, durante a noite, quando adormeceu, teve uma visão fantástica: um homem de cabelos brancos e de aspecto venerável perfilou-se lhe ao lado e disse-lhe estes versos: ‘Ali, no meio do mar encrespado, há uma ilha, em frente ao Egito. Faro é o seu nome’. Alexandre levantou-se sem demora e encaminhou-se para Faro, que nessa altura era ainda uma ilha situada um pouco acima da boca Canópica do Nilo, mas que hoje em dia está ligada ao continente por um paredão. Quando viu o lugar e as vantagens incríveis que possuía (trata-se de uma tira larga de terra, semelhante a um istmo, que separa do mar uma grande lagoa, rematada por um porto amplo), declarou que Homero, além de outras qualidades admiráveis, era também um arquiteto de excelência; decidiu, portanto, que o traçado da cidade tivesse em consideração a topografia do lugar. Como não tinham giz, pegaram em farinha e, com ela, traçaram no solo negro um espaço circular, de cuja base interior partiam traços radiais que dividiam o arco em espaços regulares, formando o desenho de uma clâmide. O rei ficou satisfeito com o traçado; foi então que de repente um bando imenso de aves, de todas as espécies e tamanhos, surgiu do rio e do lago e se abateu sobre o lugar, como nuvens, sem deixar rasto de farinha; de tal modo que até Alexandre ficou perturbado com a profecia. Foi então que os adivinhos lhe aconselharam ânimo, porque a cidade por ele fundada havia de ter enormes recursos e de ser capaz de proporcionar condições de vida a gente vinda de toda a parte. Alexandre ordenou aos encarregados que arrancassem com a obra, enquanto ele se dirigia ao templo de Amon (Plut. *Vit. Alex.* XXVI. 5-10).

### **3.3 A derrota dos persas em Gaugamela e a morte de Dario**

Exemplificando de forma prática como o fato de pesquisar uma figura tão plural e lendária pode ser emblemático e confluyente nos relatos antigos, esse tópico é um grande encontro de três destacadas tradições literárias que retratam Alexandre. Se por um lado estamos comparando uma tradição historiográfica popular grega com uma fonte ficcional de várias

influências como o RA, a essa análise, coincide também com uma tradição persa que imortaliza Alexandre no mundo oriental, e que está contido no épico dos reis, o *Shahnameh*<sup>26</sup>.

A tradição literária persa que trata de Alexandre divide-se basicamente em duas narrativas: uma religiosa que o demoniza<sup>27</sup>, encontrada principalmente em textos apocalípticos zoroástricos<sup>28</sup>; e outra secular, que glorifica o Alexandre mítico, encontrada em romances históricos e poemas épicos, como o *Dārāb-nāma*, o *Eskandar-nāma* e o supracitado *Shahnameh*.

A grande sincronia dessa abordagem é o curioso fato de que as partes do *Shahnameh* que abordam o período alexandrino na Pérsia são uma espécie de versão genérica do RA que passou por um processo de regionalização. Esse texto é conhecido como *Eskandar-nāma*, o livro de Alexandre (*Eskandar*), e está contido na parte histórica do ‘Épico dos Reis’.

Os principais aspectos de discordância entre as narrativas são as posições familiares que Dario, Alexandre, Filipe e Roxana ocupam. Enquanto na versão grega do RA Alexandre é revelado como filho de Olímpia e Nectanebo do Egito, no *Eskandar-nāma* ele é apresentado como filho de *Dārāb* (possivelmente Dario II) com uma filha de Filipe da Macedônia, e meio irmão de Dario III<sup>29</sup>. O outro ponto de distinção entre as lendas é a respeito da esposa de Alexandre, já que no RA ele se casa com a filha de Dario II, e não com Roxana, uma princesa sogdiana (STONEMAN, 1991, p. 1).

Voltando à análise comparativa entre a tradição vulgar e o RA, as diferenças já se iniciam pelo nome. Em nenhum momento do RA a batalha é chamada de Gaugamela, já que o embate final entre Alexandre e os persas é localizado nas margens do misterioso rio Stranga<sup>30</sup>, que segundo o RA, congela e descongela a qualquer momento, de forma que seja um elemento relevante na vitória de Alexandre.

---

<sup>26</sup> *Shahnameh* (Livro dos Reis) é uma grande obra poética composta pelo escritor iraniano Abu al-Qasem Ferdowsi no século X, que narra a história e a mitologia da Pérsia. O *Shahnameh*, o épico, está dividido em três partes: as eras Mítica, Heroica e Histórica, registrando os feitos de 50 reis persas (xá) em cerca de 60 000 versos dísticos. É considerada a primeira grande obra do idioma persa moderno. A narrativa inicia com heróis e reis persas pré-islâmicos, com os relatos míticos da criação do mundo e do primeiro homem, Keyumars, e as guerras heroicas. A obra termina com a história dos últimos reis sassânidas e a conquista da Pérsia pelos muçulmanos.

<sup>27</sup> Enciclopédia Iranica. “Eskandar-nāma”, disponível em: <http://www.iranicaonline.org/articles/eskandar-nama>. 02 de fevereiro, 2023

<sup>28</sup> *The Book of Arda Viraf* é um texto zoroástrico escrito em Persa Médio. Ele conta o relato da jornada da alma de Wirāz, um devoto da religião, ao céu e ao inferno. Nessas obras, como opositor ocidental dos persas por excelência, Alexandre exerce o papel de adversário escatológico dentro do sistema dualista zoroástrico, recebendo epítetos como gizistag (maldito), e sendo demonizado através de sua suposta relação com o demônio persa da ira, Xēšm. – MACKENZIE, D. N. *A Concise Pahlavi Dictionary*. London/New York: Routledge Curzon, 1971.

<sup>29</sup> Enciclopédia Iranica. “Eskandar-nāma”, disponível em: <http://www.iranicaonline.org/articles/eskandar-nama>. 02 de fevereiro, 2023

<sup>30</sup> Em γ, o rio é chamado de Arsinoe.

Segundo o texto, Alexandre atravessou o rio congelado para visitar a corte persa disfarçado. O rio Stranga congelava quando nevava, de modo que a superfície ficava dura e estável o suficiente para animais e carroças atravessarem. Porém, sem nenhuma regra específica, o rio derretia e surpreendia, com sua corrente intensa, a quem por ventura estivesse atravessando. (Ps.-Callisthenes, II.14).

### 3.3.1 A derrota dos persas e a morte de Dario em Ps.-Callisthenes

Após a conquista de Tiro, Alexandre inicia uma longa campanha contra o rei persa, Dario, durante a qual ele e Dario trocam uma série de cartas diplomáticas. Após uma reprise das campanhas na Grécia (II.6), incluindo o saque de Tebas (I.46) e a resistência em Atenas (II.1-6), a história da expedição persa recomeça (STONEMAN, 1991, p. 5-6).

O prelúdio da batalha se dá com uma visita de Alexandre disfarçado de mensageiro à corte de Dario. Ele se veste com as roupas que viu Amon usando em seu sonho<sup>31</sup>, e com seu cavalo, atravessa o Stranga congelado. Ao chegar aos portões da Pérsia<sup>32</sup>, ele é interpelado pelas sentinelas que admiram como ele está vestido. Alexandre pede que tragam o grande rei, pois ele só se revelará a Dario.

O rei estava fora da cidade treinando suas falanges para a luta contra os macedônios, mas quando voltou e viu Alexandre, admirou-se com figura e “pensou estar diante de um deus do Olimpo vestido com roupas bárbaras” (Ps.-Callisthenes, II.13). Alexandre também se surpreende com o luxo das vestes, as joias e a quantidade de tropas de Dario, o que lhe causa certo temor. Porém, lembrando-se do oráculo, ele se tranquiliza, pois sabe que sairá vitorioso.

O Alexandre disfarçado apresenta-se como um mensageiro do rei Alexandre, e quando Dario pergunta qual seu objetivo ali, ele responde:

‘Para informa-lo’, respondeu Alexandre, ‘que Alexandre está por perto. Quando você vai entrar na batalha? Você deve saber, majestade, que um rei que hesita em ir para a batalha deixa claro para seu oponente que seu espírito marcial é fraco. Então não demore, mas me diga quando você pretende entrar na batalha’ (Ps.-Callisthenes, II.14).

---

<sup>31</sup> Enquanto Alexandre dormia naquela noite, ele teve uma visão em sonho de Amon de pé ao seu lado disfarçado de Hermes, com seu bastão de mensageiro e seu manto curto e bastão, e usando um gorro macedônio na cabeça. Amon disse, ‘Menino Alexandre, quando precisar de ajuda, estarei ao seu lado; mas se você enviar um mensageiro a Dario, ele o trairá. Portanto, seja seu próprio mensageiro e vá vestido como me vê vestido agora. Alexandre respondeu: ‘É perigoso para um rei ser seu próprio mensageiro’. Mas Amon disse: ‘Com Deus como seu ajudante, nenhum mal o atingirá’. Alexandre obedeceu ao oráculo; levantou-se encantado e contou isso aos seus sátrapas. Eles o aconselharam contra o empreendimento (Ps.-Callisthenes, II.13).

<sup>32</sup> O autor trata Pérsia mais como uma cidade do que como uma região, como fica claro no episódio da travessia do rio (STONEMAN, 1991, p.192).

Dario fica enfurecido com a ousadia e a insolência do mensageiro, pois ele lhe falava como se fosse o próprio Alexandre. Por fim, Dario convida o mensageiro para jantar com ele e o leva pelo braço até a mesa, onde recebe o lugar de honra ao lado do Grande Rei. Ao final do jantar, Alexandre é reconhecido por Paraganges<sup>33</sup>, um príncipe persa que já havia visto Alexandre em uma visita à Pela, quando foi como embaixador cobrar os tributos do rei Filipe, e Alexandre o impediu de chegar perto de seu pai.

Paraganges tenta alertar o Grande Rei, mas como ele estava muito bêbado, não deu atenção ao aviso. Alexandre, percebendo que foi descoberto, consegue sair do palácio sorrateiramente, e quando Dario percebe que ele fugiu, coloca as tropas atrás de Alexandre, mas ele consegue atravessar o rio Stranga ao amanhecer, exatamente no momento em que o rio descongela totalmente, impedindo assim a passagem dos persas.

Dario fica profundamente perturbado com a situação, e ao olhar para uma estátua de Xerxes que ele admirava pela qualidade artística, ela despenca do teto e isso foi interpretado como um mal presságio (Ps.-Callisthenes, II.14).

Chegando ao acampamento, Alexandre reúne as falanges, e com um discurso motivador, prepara-se para a batalha. As tropas gregas marcham até as margens do rio Stranga, assim como o exército persa, que vendo o rio congelado, apressa-se em atravessar e pegar o exército de Alexandre de surpresa e desprevenido, de forma que a vitória fosse fácil.

A batalha começa com os ritos iniciais, toque de trombeta, convocação dos campeões e lançamentos de flechas e pedras. Sobre o decorrer da batalha, o RA descreve:

Houve uma tremenda confusão de soldados atacando e soldados sendo atingidos. Muitos foram feridos com mísseis e mortos; outros jaziam meio mortos no chão. O ar estava escuro e cheirava a sangue. Quando muitos dos persas foram horripilantemente mortos, Dario, aterrorizado, puxou as rédeas de sua carruagem ceifada; enquanto as rodas giravam, ele ceifou uma multidão de persas, como uma ceifeira que corta os talos de milho. Quando chegou ao rio Stranga, ele e os que estavam com ele encontraram o rio congelado. Mas tão grande era o número de persas e bárbaros que queriam cruzar o rio e escapar, que quando todos caíram no gelo de uma só vez, ele quebrou abaixo deles e o rio levou tantos quanto engoliu. Os restantes persas foram mortos pelos macedônios (Ps.-Callisthenes, II.16).

O texto segue com a fuga de Dario, em segurança, até seu palácio, onde lamenta sua desgraça e a perda de seu grande exército e de seu território. Ele, então, escreve uma carta a Alexandre propondo um acordo e a troca de territórios pela sua família, que ainda era cativa do rei macedônio. Sobre o conteúdo da carta, segue a descrição:

‘Dario cumprimenta Alexandre, meu mestre. Meu pai que me deu a vida, em seu orgulho, tinha uma grande paixão por fazer guerra à Grécia, insatisfeito

---

<sup>33</sup> Parages em γ

como estava com o ouro e as outras bênçãos que herdara de nossos pais. Mas, embora fosse mais rico que Cresos, rei da Lídia, perdeu muito ouro e prata, e muitas tendas antes de morrer, e também não pôde escapar da morte que o esperava. Você, Alexandre, viu boa sorte e desastre; renunciou aos seus planos ambiciosos. Tenha pena de nós, que procuramos você como suplicantes, agora que perdemos toda a nobreza da Pérsia. Devolva-me minha esposa, minha mãe e meus filhos; pense nas ternas esperanças de um pai. Em troca, prometo lhe dar todo o tesouro que está em Mísia, em Susa e em Bactria, que nosso pai guardou para nosso país. Prometo também que você será rei sobre as terras dos medos e persas e das outras nações para todo o sempre. Até a próxima' (Ps.-Callisthenes, II.17).

Ao tomar conhecimento da carta de Dario, Alexandre reúne seu exército e manda ler o conteúdo. Quando, ao final da leitura, um de seus generais, Parmênio, diz que Alexandre deveria considerar a oferta e devolver a família do Grande Rei após dormir com eles. Alexandre sorri e responde:

‘Não, Parmênio, vou tirar tudo dele. Espanta-me que ele se proponha resgatar sua família com o que é minha propriedade, e mais ainda que me prometa entregar uma terra que já é minha. Ele claramente não percebe que, a menos que me derrote em batalha, todas essas coisas serão minhas, assim como sua família’ (Ps.-Callisthenes, II.17).

Sobre esse episódio, Stoneman destaca em uma nota que a versão da resposta de Alexandre para Parmênio - que ficou conhecida na historiografia, “E eu também, se fosse Parmênio”<sup>34</sup> -, não aparece em nenhuma das recensões do RA (STONEMAN, 1991, p. 192). A respeito dessa retórica, Bosworth comenta que se a resposta de Alexandre para Parmênio foi realmente nesses termos, é algo questionável, porém restam poucas dúvidas sobre o desacordo político entre os dois, e a respeito da proposta de Dario. A versão final da história ficou a cargo de Calístenes, que após a morte de Parmênio, o imortalizou como “prosaico e sem imaginação”, evoluindo sua imagem para “excessivamente cauteloso” (BOSWORTH, 1988, p. 67).

Ainda a respeito da reação da carta, Alexandre prossegue em sua resposta:

‘É vergonhoso, e mais do que vergonhoso que um homem que derrotou homens por sua masculinidade seja derrotado por mulheres. Assim, continuaremos a guerrear contra ele pelo que é nosso: eu não teria entrado na Ásia, se não acreditasse que era meu. Se ele era o governante dela antes de mim, que ele conte seu ganho, pois ele manteve a terra de outro por tanto tempo sem sofrer nada de ruim’ (Ps.-Callisthenes, II.17).

Após esse discurso, Alexandre não responde a carta, mas envia os embaixadores de Dario de volta e os instrui a contar tudo que ouviram ao Grande Rei. Por fim, ele ordena que os feridos, de ambos os lados, sejam tratados, e os mortos enterrados com suas exéquias apropriadas.

---

<sup>34</sup> (Diod. Sic. XVII, 54. 4-5)

Enquanto isso, Dario tenta reorganizar suas forças e se rearmar para a continuação da guerra. Ele, então, escreve para o rei indiano Porus pedindo ajuda e provisões, ao passo que ele iria em direção aos portões do Cáspio, e quando derrotasse Alexandre, o compensaria com metade dos despojos do inimigo, terras reis, e o cavalo Bucéfalo.

Ao saber dessas informações através de um dos homens do Grande Rei que mudou de lado, Alexandre juntou seu exército e partiu em perseguição de Dario, que estava em Batana, seguindo para os Portões.

Dois sátrapas, Besso e Ariobarzanes, que estavam acompanhando Dario, souberam da aproximação de Alexandre e decidiram matar o Grande Rei, com a intenção de que Alexandre os recompensaria com riquezas e honras por dar fim ao seu inimigo.

Ao perceber o plano dos sátrapas que vinham em sua direção com as espadas desembainhadas, Dario diz:

‘Ó, meus senhores, que já foram meus servos, como eu os prejudiquei, para que você desejasse me destruir desta maneira imprudente e selvagem? Não aja pior do que os macedônios. Deixe-me deitar aqui no chão e lamentar a injustiça do meu destino. Se Alexandre, o rei dos macedônios, vier aqui e me encontrar morto, como rei, ele vingará o sangue de um rei’. Mas eles não tomaram conhecimento das súplicas de Dario e ergueram suas espadas (Ps.-Callisthenes, II.20).

Os sátrapas atacaram Dario, mas como era um homem forte, ele reagiu e se defendeu de forma que os golpes o atingiram de modo torto. Os traidores, ainda tontos pela reação do rei, perceberam que não poderiam acabar com ele sozinhos, e assim fugiram, o deixando caído e ferido. Os macedônios haviam atravessado o Stranga congelado e Alexandre foi diretamente para o palácio do rei, e o encontrou caído e morrendo. A cena da morte do Grande Rei é descrita no RA com bastante dramaticidade, como se vê no texto abaixo:

Então Alexandre o encontrou, com sangue escorrendo de seus ferimentos. Ele gritou e começou a derramar lágrimas, lamentando-o como ele merecia; então ele cobriu o corpo de Dario com seu manto. Colocando as mãos no peito de Dario, ele disse estas palavras, cheio de piedade: “Levante-se, rei Dario. Governe sua terra e torne-se mestre de si mesmo. Receba de volta sua coroa e governe seu povo persa. Mantenha seu reino em toda a sua extensão. Eu juro a você pela Providência acima que o que eu digo é honesto e não fingido. Quem foi que te golpeou? Diga-me seus nomes, para que eu possa lhe dar paz”. Quando Alexandre assim falou, Dario gemeu e estendeu as mãos para Alexandre, agarrando-o e puxando-o para si. “Alexandre,” ele disse, “não fique muito orgulhoso da glória de sua realeza. Mesmo que o que você conquistou seja divino e esteja pronto agora para agarrar o céu com as duas mãos, pense no futuro. O destino não reconhece reis, por mais poderosos que sejam, e desvia para lá e para cá, sem razão. Você pode ver o que eu era e o que me tornei. Quando eu morrer, Alexandre, enterre-me com suas próprias mãos. Que os macedônios e persas me levem para o túmulo. Que as famílias de Dario e de Alexandre sejam uma. Entrego minha mãe a você como se ela

fosse sua e peço que simpatize com minha esposa como se ela fosse uma de suas parentes. Quanto à minha filha Roxane, dê-a a você como esposa, para iniciar uma linhagem de descendentes que preservará sua memória. Orgulhe-se deles, como nós de nossos filhos, e, à medida que envelhecem juntos, preserve a memória de seus pais, você de Filipe e Roxane de Dario”. Com estas palavras Dario deitou a cabeça no peito de Alexandre e morreu (Ps.-Callisthenes, II.20).

Após a morte de Dario II, o RA descreve que Alexandre chora pelo rei e levanta com grande emoção em uma cena extremamente dramática. Ele ordena que o Grande Rei seja enterrado à maneira persa, com grandes honras e com os macedônios andando atrás, vestidos com suas armaduras. Junto com outros sátrapas, o próprio Alexandre carregou o esquife em seu ombro. Os que assistiram ficaram emocionados, não necessariamente com a morte de Dario, mas pela cena de Alexandre carregando seu caixão. Após os ritos funerários, Alexandre dispensou a multidão.

E por fim, ele emite ordens sobre a organização do novo governo e sobre como as cidades persas deveriam continuar com seus ritos, costumes, sacrifícios e dias santos. Ele destaca sátrapas e organiza a coleta de imposto. Além disso, deixa claro que não foi ele quem matou Dario, mas os assassinos que o mataram seriam elevados sobre os demais homens e receberiam recompensas, pois mataram o seu inimigo. Besso e Ariobarzanes, então, se apresentam a Alexandre, que imediatamente os prende e os condena à crucificação no túmulo de Dario. Revoltados, eles acusam Alexandre de trair seu juramento ao que ele responde:

‘Não é para seu benefício’, respondeu Alexandre, ‘que eu responderei sua pergunta, mas para o benefício dos soldados reunidos. Não havia como encontra-lo tão facilmente e trazê-lo à luz, exceto elogiando o assassinato de Dario. Eu estava determinado a submeter seus assassinos à pena mais severa. Como eu poderia supor que aqueles que mataram seu próprio mestre me poupariam? Eu não quebrei meu juramento, seus vilões. Eu jurei que iria erguê-lo e torná-lo notável entre os homens - com isso eu quis dizer que eu iria crucificá-lo, para que todos possam olhar para você’. Então todos elogiaram a astúcia de Alexandre, e os assassinos perversos foram crucificados no túmulo de Dario’ (Ps.-Callisthenes, II.21).

### **3.3.2 A derrota dos persas e a morte de Dario em Just. *Epit.***

No RA, o prelúdio da batalha consiste na ida de Alexandre disfarçado de emissário à corte de Dario. Essa é claramente uma história fantasiosa e não encontra, portanto, paralelo na obra de Justino. Por tratar-se de um compêndio, em Just. *Epit.*, o imbróglio de Gaugamela já tem início imediatamente após sua passagem pelo Egito, trazendo a questão das cartas diplomáticas e as propostas para recuperar a família de Dario.

Na primeira carta, o Grande Rei oferece uma grande soma pelo resgate, mas Alexandre nega e exige todo o reino persa em troca. Após o fracasso da primeira proposta, Dario escreve outra carta com uma nova oferta:

Algum tempo depois, outra carta de Dario foi trazida a Alexandre, na qual uma de suas filhas lhe foi oferecida em casamento e uma porção de seu reino. Alexandre respondeu que ‘o que foi oferecido era dele mesmo’ e desejou que ele ‘viesse como um suplicante e deixasse a disposição de seu reino para seu conquistador’ (Just. *Epit.* 11.12, 3-5).

Após essa resposta, Dario perde as esperanças em um acordo de paz, e retoma as hostilidades para enfrentar Alexandre.

Em um dado momento, ele é falsamente informado de que sua esposa morreu em consequência de um aborto espontâneo e que Alexandre havia lamentado sua morte e chorado em seu funeral, agindo, dessa forma, por bondade, além de consolar a mãe e os filhos do Grande Rei. Dario se considera realmente derrotado, pois além de perder tantas batalhas, também foi vencido pela gentileza de seu inimigo. Ele, então, escreve uma terceira carta, dessa vez de agradecimento, mas também com uma nova proposta:

Escreveu, portanto, uma terceira carta a Alexandre, agradecendo-lhe por não ter agido como inimigo de sua família, e oferecendo-lhe uma porção maior de seu reino, até o rio Eufrates, outra de suas filhas em casamento, e trinta mil talentos para os outros prisioneiros (Just. *Epit.* 11.12, 8-10).

Alexandre então responde:

A isso Alexandre respondeu que ‘agradecimentos eram desnecessários de um inimigo; que nada havia sido feito por ele para lisonjear Dario, ou para obter os meios de acalmá-lo, com vistas aos resultados duvidosos da guerra ou às condições de paz; mas que agira com certa grandeza de espírito pela qual aprendera a lutar contra as forças de seus inimigos e a não se aproveitar de seus infortúnios’; e prometeu ao mesmo tempo, que ‘cumpriria com os desejos de Dario se ele se contentasse em ser o segundo para ele, e não seu igual; mas que o universo não poderia ser governado por dois sóis, nem poderia a terra com segurança ter dois soberanos; e que, conseqüentemente, ele deve se preparar para se render naquele dia ou para lutar no próximo, e não deve prometer a si mesmo nenhum sucesso melhor do que já havia experimentado’ (Just. *Epit.* 11.12, 11-16).

No dia seguinte às tratativas, ambos os reis preparam seus exércitos, mas na véspera da batalha, Alexandre caiu em um sono profundo, sendo mais tarde acordado por Parmênio. Quando as tropas perguntam o motivo de um sono tão intenso em um momento de tanto perigo, ele responde:

[...] e como aqueles ao seu redor perguntaram a razão de seu sono em meio ao perigo, quando ele estava poupando o sono mesmo em tempo de segurança, ele respondeu que ‘ele havia sido aliviado de grande preocupação, e que seu repouso foi ocasionado pela súbita liberdade de apreensão, uma vez que ele deveria agora se envolver com as forças de Dario em um corpo, considerando

que ele temia que os persas dividissem seu exército, e que a guerra seria muito prolongada' (Just. *Epit.* 11.13, 2-3).

Justino destaca que antes da batalha, cada exército era objeto de admiração um do outro. Se por um lado os macedônios admiravam os persas por sua beleza, estatura e armaduras, os persas ficaram surpresos por terem perdido tantas batalhas e companheiros para um número tão pequeno de soldados. Ambos os reis falam com suas tropas e a batalha tem início.

Assim como no RA, Justino destaca a brutalidade e o derramamento de sangue durante a batalha. Sobre isso ele diz:

Logo depois, a batalha começou. Os macedônios avançaram sobre as espadas que lhes foram apresentadas, com desprezo por um inimigo que tantas vezes haviam derrotado. Os persas, por outro lado, desejavam morrer em vez de serem conquistados. Raramente houve tanto derramamento de sangue em uma batalha (Just. *Epit.* 11.14, 1-2).

Dario, percebendo que seu exército está sendo repellido e derrotado, deseja morrer em combate, porém é convencido por seus oficiais a fugir. Alguns o aconselham a derrubar a ponte do rio Cydnus, mas ele responde que não ia associar sua segurança em detrimento da exposição de tantos de seus seguidores.

Em uma comparação sobre o desempenho e a bravura de cada rei na batalha, Justino destaca que os esforços mais perigosos foram feitos por Alexandre, que sempre estava na linha de batalha mais agressiva, lutando desesperadamente e se colocando na frente de seus soldados. Sobre o desfecho da batalha, Justino resume:

Por esta batalha ele ganhou o domínio sobre a Ásia, no quinto ano após sua ascensão ao trono. Sua vitória foi tão decisiva que depois dela ninguém se aventurou a se rebelar contra ele; e os persas, depois de tantos anos de supremacia, submeteram-se pacientemente ao jugo da servidão (Just. *Epit.* 11.14, 6-7).

Depois de vitória em Gaugamela, Alexandre recompensou seus homens e os deixou descansar por trinta e quatro dias. E, então, ele segue para Susa, onde encontra 40.000 talentos, e em seguida segue para Persépolis.

Uma das passagens que encontra correspondência tanto na Epítome quanto no RA é o dos prisioneiros gregos que haviam sido mutilados durante o cativeiro. No contexto da vitória, eles encontram Alexandre e pedem que sejam libertos. O rei, então, lhes dá autorização para voltar para casa, mas eles preferem que lhes sejam concedidos porções de terra na Pérsia, pois na condição de mutilação que eles se apresentavam, voltar para suas casas apenas envergonharia eles e suas famílias. Apesar da diferença de conceitos entre o RA e o texto clássico, os paralelos se apresentam da mesma forma nas duas obras, como é possível ver respectivamente abaixo:

No túmulo de Ciro estavam gregos que tinham pés, narizes ou orelhas cortadas, e foram atadas em grilhões que foram pregados firmemente ao

túmulo. Eles eram atenienses. Eles imploraram a Alexandre para resgatá-los. Alexandre chorou quando os viu, pois era uma visão terrível. Ele ficou profundamente comovido e deu ordens para que fossem liberados, presenteado com 2.000 dracmas e repatriado para seu próprio país. Eles pegaram o dinheiro, mas pediram a Alexandre que lhes distribuísse terras lá em vez de mandá-los para casa em seu país; olhando como eles fizeram, eles envergonhariam seus parentes. Então ordenou que lhes fossem feitos lotes de terra, e que lhes fossem dados grãos e sementes, além de seis bois cada, ovelhas e tudo o que é necessário para a lavoura, além de outros itens (Ps.-Callisthenes, II. 18).

No curso desses procedimentos, cerca de oitocentos gregos encontraram Alexandre, homens que haviam sido punidos no cativeiro pela mutilação de seus corpos, e que imploraram que, ‘assim como ele havia libertado a Grécia, também os libertaria da crueldade de seus inimigos’. Foi-lhes dada permissão para voltar para casa, mas eles preferiram receber porções de terra na Pérsia, para que, em vez de causar alegria a seus pais com seu retorno, eles simplesmente os chocassem com o horrível espetáculo que representavam (Just. *Epit.* 11.14, 11-12).

O texto segue com a captura de Dario pelos sátrapas persas e sendo levado para uma aldeia dos partos chamada Thara. Justino não detalha o ataque dos persas ao Grande Rei, se bastando apenas em dizer que ele foi transportado ferido, mas ainda vivo, em um veículo coberto, enquanto Alexandre estava em seu encalço. Porém, durante a perseguição, em uma parada para descanso, um dos soldados dos exércitos de Alexandre encontra o veículo com Dario dentro. Justino descreve:

Em sua marcha, ele teve vários encontros graves, e avançou muitos quilômetros sem encontrar nenhum vestígio de Dario. Mas enquanto ele dava tempo para os cavalos descansarem, um dos soldados, indo para uma nascente vizinha, encontrou Dario no veículo, ferido em vários lugares, mas ainda vivo. Um dos cativos persas sendo trazido à frente do príncipe moribundo, sabendo por sua voz que era seu compatriota, disse que ‘ele tinha pelo menos este consolo em seus sofrimentos presentes, que deveria falar com alguém que pudesse entendê-lo e que ele não deve pronunciar suas últimas palavras em vão’. Ele então desejou que a seguinte mensagem fosse dada a Alexandre: “que ele morreu sem ter feito a ele nenhum ato de bondade, mas um devedor a ele pelo maior, desde que ele descobriu que seus sentimentos em relação à mãe e aos filhos eram os de um príncipe, não de um inimigo; que ele havia sido mais feliz em seu inimigo do que em seus parentes, pois por seu inimigo a vida havia sido concedida a sua mãe e filhos, mas tirada de si mesmo por seus parentes, a quem ele havia dado vida e reinos; e que tal retribuição deve, portanto ser feita a eles como seu conquistador” (Just. *Epit.* 11.15, 4-9).

O Grande Rei finaliza rezando aos deuses e aos poderes que protegem os reis, pede que seu funeral seja honesto e não grandioso, e por fim, “como a única promessa de fé de um rei a ser transmitida a Alexandre”, estende a mão e falece (Just. *Epit.* 11.15, 13).

A descrição final de Justino também é dramática, com Alexandre chorando pelo rei, que foi morto de forma tão indigna:

Quando esta informação foi comunicada a Alexandre, ele foi ver o corpo do monarca morto e contemplou com lágrimas uma morte tão inadequada à sua dignidade. Ele também ordenou que seu cadáver fosse enterrado como o de um rei, e suas relíquias fossem transportadas para os sepulcros de seus ancestrais (Just. *Epit.* 11.15, 14).

A respeito da atitude de Alexandre em cobrir o corpo de Dario com seu próprio manto e dar ordens expressas para que o Grande Rei fosse sepultado com honras em Persépolis, provavelmente não foi apenas “um gesto cavalheiresco de Alexandre, motivado por remorso pessoal; ele também tinha outros motivos mais práticos” (GREEN, 2013, p. 329). O fato de Dario não ter abdicado em seu favor o deixava em uma situação delicada, visto que Bessus reivindicava o título de Grande Rei sob o nome de Artaxerxes IV. Sobre a atitude de Alexandre nessa situação, Peter Green destaca:

A única linha possível de Alexandre era comportar-se, desde o momento da morte de Dario, como se fosse de fato o escolhido e legítimo sucessor do Grande Rei. Ele deve caçar Bessus, não como um rival pelo trono, mas como um rebelde e um regicídio. Tendo perseguido o Grande Rei até a morte, ele agora deve trocar rapidamente de papéis e se passar por seu vingador. Quando ele tomou posse do império oriental, deve ser como herdeiro de Dario (GREEN, 2013, p. 329-330).

### **3.4 A morte de Alexandre na Babilônia**

#### **3.4.1 A morte de Alexandre em Ps.-Callisthenes**

O RA descreve os prelúdios e a profunda dramaticidade da morte de Alexandre com detalhes. O primeiro deles acontece na Babilônia, onde uma mulher dá à luz a uma criança humana com os membros inferiores de um leão. Ela leva a criança ao palácio de Ciro para apresentar ao rei. Ele, então, chama os adivinhos para interpretar o presságio daquele nascimento. Aqueles eram os cinco intérpretes caldeus mais instruídos e famosos da região, porém o mais sábio e de maior habilidade deles não estava na cidade no momento. Os intérpretes que lá estavam disseram que o presságio era bom, pois Alexandre seria o mais forte de todos os homens, venceria todos seus inimigos, e seria o senhor do mundo. As partes inferiores em formato de animal selvagem da criança representavam as nações que ele havia subjugado.

No entanto, mais tarde, o outro caldeu veio até Alexandre, e ao ver a forma do presságio, teve a seguinte reação e interpretação:

Quando ele viu a forma que o presságio havia assumido, ele gritou e chorou e rasgou suas roupas, em um frenesi de dor. Alexandre, vendo-o nesse estado, ficou extremamente perturbado e disse-lhe para se recompor e explicar o significado do presságio. ‘Rei’, foi a resposta, ‘você não pode mais ser contado entre os vivos’. Alexandre pediu-lhe que explicasse o presságio em

detalhes, e o caldeu respondeu: ‘Rei mais poderoso de todo o mundo, você mesmo é a parte humana, e os elementos animais são aqueles ao seu redor. Se a parte superior estivesse viva e se movesse como as partes dos animais abaixo, você também estaria, ó rei; mas assim como são as partes dos animais, também são as que estão ao seu redor: elas não têm entendimento e são selvagens em relação aos homens, assim como as que estão ao seu redor estão dispostas a você’. Então o caldeu saiu, ordenando que a criança fosse queimada. Depois de ouvir isso, Alexandre começou a colocar seus ares em ordem (Ps.-Callisthenes, III. 30).

No RA, a morte de Alexandre é orquestrada por Antípatro, que era o governante em exercício na Macedônia. Em uma carta enviada a seu filho, Olímpia conta os excessos de Antípatro e que ele a controlava como queria, inclusive proibindo-a de ir ao Épiro. Alexandre recebe a carta e, sabendo da condição abusiva que Olímpia se encontrava, mandou Crátero e algumas tropas para assumir o lugar de Antípatro na Macedônia.

Sabendo da chegada de Crátero para substituí-lo e temendo ser preso pela forma que tratou Olímpia, Antípatro decide matar Alexandre. Através de uma conspiração envolvendo seus filhos Cassandro e Iolas, sendo esse último um serviçal particular de Alexandre (Diod. Sic. XVII, 118. 1), um plano de envenenamento é colocado em prática:

Ele decidiu matar Alexandre. Caso contrário, temia, seria preso pela forma como tratara Olímpia. Ele ouvira dizer que Alexandre havia superado em muito sua arrogância anterior como resultado de seus grandes sucessos. Então ele armou uma trama e preparou um veneno que não poderia ser carregado em nenhum vaso de bronze, vidro ou barro, porque tal vaso se quebraria instantaneamente. Antípatro colocou o veneno em uma jarra de chumbo e o colocou em outra jarra de ferro; então ele o deu a seu filho e o enviou para a Babilônia e ao encontro do copeiro de Alexandre, Iolas (Ps.-Callisthenes, III. 31).

Quando Cassandro chega na Babilônia, ele fala secretamente com Iolas e pede que ele dê o veneno a Alexandre. Iolas, que era responsável por servir vinho a Alexandre, estava magoado com o rei, pois dias antes tinha sido castigado e ferido gravemente por ter errado no serviço. A mágoa e os laços familiares com Antípatro e Cassandro foram o suficiente para aderir à conspiração.

O plano é colocado em prática durante um jantar oferecido por Medius de Larissa a Alexandre. Medius era um tessálio e foi companheiro de Alexandre na Ásia (BILLOWS, 1990, p. 400). Plutarco o identifica como o principal bajulador do rei (Plut. *Mor*, 65c). No jantar, além do rei, Pérdicas, Ptolomeu, Ólcias, Lisímaco, Eumenes e Cassandro<sup>35</sup> também estavam presentes. Com exceção de Cassandro, todos os mencionados eram inocentes da conspiração,

---

<sup>35</sup> Na recensão  $\gamma$ , Seleuco, Filo e Scamandrius também estão no jantar. No texto do RA, Cassandro é erroneamente listado no grupo dos inocentes. O autor deve tê-lo citado por descuido (STONEMAN, 1991, p. 195).

apesar de vários outros convidados que tinham motivos para estar contrariados com Alexandre (Ps.-Callisthenes, III. 31).

O jantar segue com Iolas servindo o rei, primeiramente em um copo limpo. Depois, com as conversas e a distração generalizada, ele traz outro recipiente, dessa vez envenenado:

Quando Alexandre estava reclinado à mesa, Iolas trouxe-lhe primeiro uma xícara não contaminada. À medida que a conversa se generalizava e, como resultado da bebida, já vinha acontecendo há algum tempo, Iolas trouxe outra xícara, desta vez contendo o veneno. Alexandre, para seu infortúnio, aceitou e bebeu. Imediatamente ele deu um grito alto como se tivesse sido perfurado por uma flecha no fígado. Ele permaneceu consciente por um tempo e lutou contra a dor o suficiente para voltar para sua própria casa. Ele pediu aos convidados que continuassem com a refeição (Ps.-Callisthenes, III. 31).

Após passar mal, Alexandre quis colocar pra fora o excesso de vinho e pediu uma pena a fim de estimular o vômito. Iolas aproveitou para passar mais veneno no objeto e entregou a ele, de forma que, ao inserir a pena na garganta, o veneno o infectou ainda mais rapidamente.

O texto, então, continua com os sintomas de Alexandre ficando cada vez piores e com a fuga de Cassandro para as montanhas. Ele tinha um trato com Iolas de que se Alexandre morresse, ele não seria implicado. Das montanhas, ele manda um emissário pelo mar até a Macedônia para avisar Antípatro que o serviço estava feito.

O texto que segue é bastante dramático, com espaço para uma cena romântica entre Alexandre e Roxane durante uma tentativa de suicídio premeditada pelo macedônio:

Quando a noite caiu, Alexandre ordenou que todas as meninas e meninos que o acompanhavam saíssem de casa, incluindo Kambobaphe e Roxane, sua esposa. Havia uma porta que dava para fora da casa em direção ao rio Eufrates, que atravessa o meio da Babilônia. Ele ordenou que isso fosse aberto e que ninguém ficasse de guarda, como de costume. Quando todos saíram, e já era meia-noite, Alexandre levantou-se da cama, apagou a lâmpada e saiu de casa de quatro, em direção ao rio. Ao se aproximar, ele olhou em volta e viu sua esposa Roxane correndo em sua direção. Ela adivinhou, quando ele mandou todos embora, que ele ia tentar alguma ação digna de sua grande audácia, e o seguiu por uma porta secreta para a escuridão, guiada pelo som de seus gemidos, por mais fracos que fossem. Ele parou, e ela o abraçou e disse: “Alexandre, você está me deixando para se matar?” Ele respondeu: “Roxane, é uma pequena vantagem para você tirar minha glória. Que ninguém mais saiba disso”. Então, com o apoio dela, ele voltou secretamente para casa<sup>36</sup> (Ps.-Callisthenes, III. 32).

No dia seguinte, ele convocou Pérdicas, Ptolomeu e Lisímaco, e se fecharam em um quarto até que Alexandre tivesse concluído seu testamento. Sobre o testamento de Alexandre, Stoneman afirma que é “algo completamente forjado mais tarde” (STONEMAN, 1997, p. 26).

---

<sup>36</sup> Versão contida na recensão A

O texto segue com as tropas macedônicas clamando para ver seu rei e ameaçando os guardas de morte se eles fossem impedidos. A cama de Alexandre, então, é trazida para o pátio, onde seu exército o pudesse ver. Não havia um entre eles que não chorasse ao ver seu rei. Na recensão  $\gamma$ , o cavalo Bucéfalo corre até a cama de Alexandre e surpreende os que assistem, ao derramar lágrimas no leito do rei. Quando a multidão se dissipa, Alexandre chama Olcias e pede que leia o testamento.

O conteúdo e os desígnios do testamento são excessivamente longos, e como não encontra paralelo nas fontes clássicas, sua reprodução completa é desnecessária aqui. Os tópicos pertinentes consistem nos desígnios da administração, sendo Crátero responsável pela Macedônia, Ptolomeu como sátrapa do Egito, e Pérdicas e Antígono ficaram com as terras da Ásia. Por fim, ele nomeia Filipe Arrideu para rei da Macedônia com a seguinte condição:

O rei Alexandre, filho de Amon e Olímpia, nomeia Arrideu, filho de Filipe, para ser o rei da Macedônia no momento. Mas se Roxane tiver um filho de Alexandre, ele deverá ser rei da Macedônia e terá o nome que os macedônios quiserem. Mas se o filho de Roxane for uma mulher, que os macedônios elejam como rei quem quiserem, se não quiserem Arrideu, filho de Filipe (Ps.-Callisthenes, III. 32).

Outro ponto relevante é a introdução do texto, pois apesar do RA associar o triunfo de Alexandre à predestinação, o trecho inicial aponta o elemento teleológico da inerente vitória dos gregos:

Desde que cruzamos as fronteiras marcadas pelos Pilares de Hércules, nosso antepassado, e, pela vontade da Providência a cima, chegamos ao nosso dia predestinado, decidimos enviar e informá-lo de nossas decisões, na crença de que vocês e todos os gregos serão os guardiões mais adequados de nossas conquistas e porque sempre amamos sua cidade (Ps.-Callisthenes, III. 32).

Na recensão A, ao fim da leitura do testamento, Ptolomeu se aproxima do rei moribundo e faz a famosa pergunta que encontra correspondência em vários outros textos clássicos:

Então Ptolomeu aproximou-se dele e disse: “Alexandre, a quem você deixar seu reino?” e ele responde: “Para aquele que é forte, que está disposto e que pode mantê-lo” (Ps.-Callisthenes, III. 32).

Em seus momentos finais, Alexandre dita uma carta para sua mãe e faz seu último discurso:

“Eu, que atravessei toda a terra habitada, e os lugares desabitados, e os lugares de escuridão, não pude escapar do destino. Uma pequena taça pode entregar um homem à morte, e mandá-lo para baixo entre os mortos com uma gota de veneno. O exército, vendo-me compelido a morrer, deseja ajudar e é impotente. Quanto ao resto, ficarei enterrado no Hades” (Ps.-Callisthenes, III. 32).

Por fim, ele pede que seja sepultado em Alexandria e Bucéfalo vem se despedir. Enquanto isso, o escravo<sup>37</sup> que preparou o veneno, pensando que o rei já estava morto se aproximou para ver Alexandre. Nesse momento, o cavalo o ataca, mordendo e arrastando o escravo pela multidão, e sacudindo-o violentamente. Ele rasga e esmaga o escravo, vingando assim seu mestre. Alexandre o olha sorrindo e o cavalo solta seu último suspiro:

Então o ar se encheu de névoa, e uma grande estrela foi vista descendo do céu, acompanhada por uma águia; e a estátua na Babilônia, que se chamava a estátua de Zeus, tremeu. Quando a estrela subiu novamente ao céu, acompanhada pela águia, e desapareceu, Alexandre caiu em seu sono eterno (Ps.-Callisthenes, III. 32).

### 3.4.2 A morte de Alexandre em Diod. Sic. e Curt.

Nesse tópico, o RA será comparado a duas fontes clássicas: Diodoro e Cúrcio. Apesar de já ter sido comparado anteriormente, o relato de Diodoro apresenta um paralelo muito próximo do RA em relação à profecia de morte de Alexandre. Outro motivo é a lacuna que existe no texto de Cúrcio exatamente na parte que trata da morte de Alexandre. A parte que resta aborda-o já padecendo da enfermidade o matou, portanto me parece plausível que ambos os autores sejam citados e comparados.

A obra de Diodoro é repleta de presságios que antecedem a morte de Alexandre, e assim como no RA, a previsão dos caldeus também está presente. O texto conta que após a guerra contra os cossaeus, Alexandre seguiu em direção a Babilônia em uma marcha lenta e descansada. Os caldeus, que tinham reputação em Astrologia e de prever o futuro através dos astros, previram a morte iminente do rei na Babilônia, e instruíram seus representantes a alertar Alexandre sobre a previsão, e que em nenhuma circunstância ele deveria entrar na cidade:

[...] os estudiosos chamados caldeus, que ganharam grande reputação em astrologia e estão acostumados a prever eventos futuros por um método baseado em observações de longa data, escolheram entre eles os mais velhos e experientes. Pela configuração das estrelas, eles souberam da morte iminente do rei na Babilônia e instruíram seus representantes a relatar ao rei o perigo que ameaçava. Eles disseram a seus enviados também que instruissem o rei a não entrar na cidade sob nenhuma circunstância; que ele poderia escapar do perigo se ele reconstruísse o túmulo de Belus que havia sido demolido pelos persas, mas ele deveria abandonar sua rota pretendida e não passar pela cidade (Diod. Sic.XVII, 112. 1-3).

O líder dos caldeus é enviado para alertar Alexandre, mas não tendo a audácia de dirigir-se diretamente ao rei, conseguiu uma audiência privada com Nearco, um dos companheiros de Alexandre. Quando Alexandre soube da profecia através de Nearco, ele ficou alarmado e

---

<sup>37</sup> Ao longo do texto é atribuído a Iolas, filho mais novo de Antípatro, o manuseio do veneno, porém, nesse trecho, a pessoa responsável é citada como escravo.

perturbado. Em princípio, ele acatou à profecia, mudou a rota, instalou seu quartel general a duzentos estádios de distância e mandou a maioria de seus companheiros para a Babilônia. Essa atitude causou estranhamento entre todos, como é descrito a seguir:

Este ato causou espanto geral e muitos dos gregos vieram vê-lo, notadamente entre os filósofos Anaxarco. Quando eles descobriram o motivo de sua ação, eles o encheram de argumentos extraídos da filosofia e o mudaram a ponto de ele desprezar todas as artes proféticas, especialmente aquela que era considerada em alta consideração pelos caldeus. Era como se o rei tivesse sido ferido em sua alma e depois curado pelas palavras dos filósofos, de modo que agora entrava na Babilônia com seu exército (Diod. Sic.XVII, 112. 1-3).

O texto segue com Alexandre recebendo embaixadas com tratados de amizade e alianças, além de congratulações pelas vitórias na centésima edição dos jogos olímpicos. Depois de despachar as embaixadas, Alexandre foi tratar do enterro de Heféstio. Durante a organização do funeral, houve vários outros presságios que antecipavam a morte do rei, como é possível ver na descrição abaixo:

Como parte dos preparativos para o funeral, o rei ordenou que as cidades da região contribuíssem para seu esplendor de acordo com suas habilidades, e proclamou a todos os povos da Ásia que deveriam apagar diligentemente o que os persas chamam de fogo sagrado, até o momento em que o funeral deve ser encerrado. Esse era o costume dos persas quando seus reis morriam, e as pessoas pensavam que a ordem era um mau presságio e que o céu estava predizendo a morte do próprio rei. Houve também nessa época outros sinais estranhos que apontavam para o mesmo evento (Diod. Sic.XVII, 114. 4).

Após o funeral, o rei volta-se para os festivais e comemorações, e quando parecia que seu poder estava no auge, os céus começaram a predizer sua morte. Muitos sinais e presságios foram interpretados:

Certa vez, quando o rei estava sendo esfregado com óleo e o manto real e o diadema estavam sobre uma cadeira, um dos nativos que estava preso foi espontaneamente libertado de seus grilhões, escapou da atenção de seus guardas e passou pelas portas do palácio sem ninguém o impedir. Ele foi até a cadeira real, vestiu o vestido real e cobriu a cabeça com o diadema, depois sentou-se na cadeira e permaneceu quieto. Assim que o rei soube disso, ficou apavorado com o evento estranho, mas caminhou até a cadeira e sem mostrar sua agitação, e perguntou ao homem calmamente quem ele era e o que ele queria dizer com isso. Quando ele não deu nenhuma resposta, Alexandre encaminhou o presságio aos videntes para interpretação e matou o homem de acordo com o julgamento deles, esperando que o problema previsto por seu ato pudesse cair sobre a cabeça do próprio homem. Ele pegou as roupas e sacrificou aos deuses que o mal, mas continuou seriamente perturbado. Ele se lembrou da previsão dos caldeus e ficou zangado com os filósofos que o persuadiram a entrar na Babilônia. Ele ficou impressionado novamente com a habilidade dos caldeus e sua visão, e geralmente criticou aqueles que usaram raciocínio ilusório para argumentar contra o poder do Destino (Diod. Sic. XVII, 116. 2-4).

Logo outros acontecimentos foram interpretados como maus presságios:

Ele [Alexandre] concebeu o desejo de ver o grande pântano da Babilônia e zarpou com seus amigos em vários botes. Por alguns dias, seu barco se separou dos outros e ele estava perdido e sozinho, temendo que nunca pudesse sair vivo. Enquanto sua embarcação avançava por um canal estreito onde os juncos cresciam grossos e pairavam sobre a água, seu diadema foi pego e levantado de sua cabeça por um deles e depois jogado no pântano. Um dos remadores nadou atrás dele e, desejando devolvê-lo com segurança, colocou-o na cabeça e nadou de volta para o barco. Depois de três dias e três noites vagando, Alexandre encontrou seu caminho para a segurança, assim como havia colocado novamente seu diadema quando isso parecia além da esperança, mais uma vez ele se voltou para os adivinhos para saber o significado de tudo isso (Diod. Sic. XVII, 116. 5-7).

Os adivinhos recomendam Alexandre a fazer um grande sacrifício aos deuses o mais rápido possível, porém o rei logo é convidado por Medius para um jantar em comemoração à morte de Hércules. Durante o jantar, Alexandre enche um grande copo de vinho e o bebe de uma só vez, como relata Diodoro:

[...] eles o recomendaram a sacrificar aos deuses em grande escala e com toda a velocidade, mas ele foi chamado por Medius, o tessálio, um de seus amigos, para participar de um comus. Lá ele bebeu muito vinho não misturado em comemoração à morte de Hércules e, finalmente, enchendo um enorme copo, bebeu-o de um só gole. Instantaneamente ele gritou alto como se tivesse sido atingido por um golpe violento e foi conduzido por seus amigos, que o levaram pela mão de volta para seus aposentos (Diod. Sic. XVII, 117. 1-2).

A história segue, então, com a convalescência de Alexandre, e por fim sua morte:

Seus camareiros o colocaram na cama e o atenderam de perto, mas a dor aumentou e o médicos foram chamados. Ninguém foi capaz de fazer nada de útil e Alexandre continuou em grande desconforto e sofrimento agudo. Quando ele, finalmente, despertou com a vida, tirou o anel e o entregou a Pérdicas. Seus amigos perguntaram: 'Para quem você deixa o reino?' E ele respondeu: 'Para o mais forte'. Ele acrescentou que todos os seus principais amigos deveriam organizar um vasto concurso em honra do seu funeral, e estas foram as suas últimas palavras. Assim morreu após um reinado de doze anos e sete meses. Ele realizou feitos maiores do que qualquer outro, não apenas dos reis que viveram antes dele, mas também daqueles que viriam mais tarde até nossos dias (Diod. Sic. XVII, 117. 2-5).

A descrição de Diodoro sobre a morte de Alexandre é o mais próximo do relato do RA. Elementos como os presságios, o jantar oferecido por Medios, o possível envenenamento e o desejo de que seu reino ficasse para o mais forte, estão presentes em ambas as obras. Sobre a morte do rei ser resultado de uma conspiração, Diodoro não se posiciona a respeito do acontecimento, mas menciona que outros autores falam, além de destacar que essa versão só ficou mais popular após a morte de Cassandro, visto que acusar o atual governante de ter assassinado o anterior, não seria uma ideia muito inteligente, como é descrito no trecho abaixo:

Eles dizem que Antípatro, que havia sido deixado por Alexandre como vice-rei na Europa, estava em desacordo com a mãe do rei, Olímpia. A princípio, ele não a levou a sério porque Alexandre não deu ouvidos às queixas dela

contra ele, mas depois, como a inimizade deles crescia e o rei mostrava ansiedade em agradar sua mãe em tudo por piedade, Antípatro deu muitas indicações de seu descontentamento. Isso já era ruim o suficiente, mas o assassinato de Parmênio e Filotas aterrorizou Antípatro, assim como todos os amigos de Alexandre, então, pela mão de seu próprio filho, que era o servidor de vinho do rei, ele administrou veneno ao rei. Após a morte de Alexandre, Antípatro ocupou a autoridade suprema na Europa e então seu filho Cassandro assumiu o reino, de modo que muitos historiadores não ousaram escrever sobre a droga. Cassandro, no entanto, é claramente revelado por suas próprias ações como um inimigo ferrenho das políticas de Alexandre. Ele assassinou Olímpia e jogou fora seu corpo sem sepultamento, e com grande entusiasmo restaurou Tebas, que havia sido destruída por Alexandre (Diod. Sic. XVII, 118. 1-2).

Essa proximidade entre os relatos do RA e a obra de Diodoro agrega mais valor à hipótese de que o RA e os autores clássicos provavelmente partem das mesmas fontes historiográficas para compor seus relatos, apesar da característica fantasiosa primeiro.

Por fim, Quinto Cúrcio também relata a morte de Alexandre, apesar de parte do seu texto ter se perdido. O texto que temos disponível relata apenas os momentos finais do rei, mas conta com a transmissão do anel para Pérdicas e o pedido de que se fizessem jogos em sua homenagem, como poder visto abaixo:

Não era mais o rei, mas o funeral de seu exército visitante, que presenteava os espectadores com lágrimas nos olhos. A dor daqueles ao seu redor se destacava da cama. Enquanto o rei olhava para eles, ele disse: “Vocês encontrarão, quando eu tiver falecido, um rei digno de tais homens”. Tendo ouvido uma palavra incrível, ele permaneceu no mesmo estado de corpo em que se colocou quando estava para se juntar aos soldados, até que foi saudado por todo o exército pela última vez. E aproximando-se dos amigos ordenados - pois sua voz já havia começado a falhar - ele entregou o anel removido ao dedo de Pérdicas, com ordens adicionais, para que ordenassem que seu corpo fosse levado para Hammon. E aos que lhe perguntavam para quem deveria deixar o reino, respondia que deveria ser o melhor; além disso, que já deveria se sustentar e que, por causa dessa luta, grandes jogos fúnebres deveriam ser preparados para ele. Novamente perguntando a Pérdicas quando ele desejava ter as honras celestiais, ele disse que o faria então, quando eles próprios estivessem felizes. Esta era a voz suprema do rei, e pouco depois foi extinta (Curt. X. 5, 1-7).

Quinto Cúrcio também menciona a causa da morte como envenenamento através da conspiração de Antípatro, e assim como Diodoro, ele faz ressalvas sobre esses boatos terem sido reprimidos durante o governo de Cassandro. O trecho em que Cúrcio fala sobre o envenenamento segue abaixo:

A maioria das pessoas acredita que ele foi morto por envenenamento. O veneno fora ministrado Iolas, seu servidor de vinho e filho de Antípatro, que lhe deu o veneno por ordem de seu pai. É certo que com frequência ouviu-se Alexandre dizer que Antípatro aspirava as alturas da realeza, e que se considerava acima do governo, e orgulhoso das riquezas e do título da vitória espartana, que tudo que havia sido conquistado foi graças a ele mesmo, e não

a Alexandre. Por outro lado, também é sabido que veneno que é produzido na Macedônia é tão violento que destrói até ferro, e apenas os cascos dos animais de carga podem suportar esse líquido. A fonte de onde emana esse vírus chama-se Estige. O veneno teria sido levado por Cassandro e entregue a seu irmão Iolas, e por ele colocado no vinho do rei supremo. Essas coisas, por mais que se acreditassem, logo foram extintas pelo poder daqueles a quem o boato havia espalhado. Pois Antípatro invadiu o reino da Macedônia e da Grécia também. Ele então tomou os súditos e matou todos aqueles que eram parentes de Alexandre, mesmo por parentes distantes (Curt. X. 10, 14-19).

O alinhamento dos paralelos demonstra a proximidade tanto em narrativa quanto em arcabouço textual de fonte, de ambas as tradições. Se por um caminho ele é um rei afortunado com a *tyche*, no outro ele é um herói predestinado. Ambos os textos o levaram à “imortalidade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito dessa dissertação foi mostrar que a grandiosidade de Alexandre, a partir de episódios onde sua sorte fica evidente, encontra paralelos em duas tradições de fontes populares, ainda que uma seja historiográfica e outra fictícia. Além disso, é bastante elucidativo o fato de que a figura mítica de Alexandre e sua *tyche* foi construída a partir de vários fatores, seja criação familiar, grandes feitos, auto promoção, e, principalmente, o papel que o RA e as fontes da Vulgata desempenharam nesse processo ao priorizar elementos fantásticos e de apelo popular da vida do macedônio.

O fato de o RA conter características dos contos maravilhosos tem grande relevância em sua difusão e consumo, de modo que ele é considerado o precursor do romance de cavalaria, gênero literário que absorve muito dos contos maravilhosos.

A partir dessas alegações, algumas considerações podem ser feitas:

1) O RA é um texto fictício com personagens e de fundo histórico. Parte de sua base historiográfica foi muito provavelmente inspirada no texto de Cleitarco, assim como a Vulgata. O sucesso dessas duas tradições se dá justamente por conta de Cleitarco, visto que seu texto é resultado de relatos populares de soldados e serviçais que estiveram com Alexandre durante a expedição asiática. De modo geral, uma obra é bem recebida quando o público ou se identifica pessoalmente com a história ou quando ela aborda os ideais valorizados naquele contexto. No caso da Vulgata e do RA, as duas coisas se aplicam. Se por um lado Cleitarco usou relatos populares que apelavam para o belo e o fantástico para seu texto, o RA criou uma figura heroica de Alexandre que, a depender da recensão ou tradução, priorizava características vigentes de cada época e sociedade.

2) O RA, devido às múltiplas recensões e seu consumo difundido, colaborou para essa transformação de pessoa em personagem em um período onde a figura do herói ganhava força, e a recepção popular foi favorável. Isso foi possível com o grande número de traduções e versões que se espalhou pela Europa e pelo Oriente.

3) A assimilação divina que Alexandre fez de si mesmo pode ser dividida em dois períodos: antes de Siwa, caracterizado pela influência de seus pais e sua desenvoltura natural, assim como a emulação de seus heróis Aquiles e Hércules, e após a visita ao oráculo de Siwa, onde foi chamado de filho de Amon. Essa segunda parte foi fundamental para a assimilação, resultando em auto promoção e eventos como a absorção de vestes e práticas persas, como a implementação da *proskynesis*.

4) Se em vida, Alexandre já assimilava sua existência a reinterpretação do mito, após sua morte tanto seus contemporâneos, como escritores tardios deram prosseguimento a essa narrativa mitológica, muitas vezes como argumento de legitimação régia. Essa máxima também se aplica aos autores modernos, considerando que até o início do século XX, o arcabouço historiográfico sobre Alexandre que tinha primazia era a Vulgata. A interpretação muda com o uso que Droysen e Tarn fazem de Arriano, aplicando isso ao modelo exemplar de herói valorizado no contexto dos grandes impérios europeus.

5) Como todo herói de contos maravilhosos, suas aventuras foram inflamadas, recontadas e ganharam proporções épicas. Dessa forma, algumas partes do RA se adequam às estruturas da morfologia do conto maravilhoso, tal qual proposto por Vladimir Propp.

6) Como atestado ao longo da comparação dos paralelos, os eventos que evidenciam a sorte e a fortuna de Alexandre, tanto no RA quanto na Vulgata, são muito próximos, elementos que corroboram com a questão de que ambos se basearam em uma fonte em comum.

7) Apesar do elemento teleológico de destino manifesto apresentada na Vulgata e a predestinação no RA, a grandiosidade de Alexandre é resultado tanto de seus grandes feitos, quanto da interpretação posterior que foi feita deles. Como afirma Amitay, “a influência de Alexandre no mundo dos mitos e da religião, não dependia apenas do que ele fazia, mas também do que outras pessoas pensavam, contavam e escreviam sobre ele” (AMITAY, 2010, p.2).

Alexandre é uma figura que viveu entre o mito e a realidade. Seus feitos e os relatos tardios lhe garantiram a possibilidade de transitar entre a cronologia de um rei excepcional e as aventuras de um herói predestinado. A Vulgata e o RA serviram de vetor primordial para a difusão dessas representações.

À luz da historiografia atual, Alexandre não é um herói monarquista, um filósofo erudito ou um tirano totalitário. Ele foi um conquistador habilidoso e bem sucedido, submetido às vicissitudes de seu tempo e status real, mas que soube usar de suas vantagens pessoais e privilégios para alcançar o sucesso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

ARRIANO. *Anabasis of Alexander, Volume I: Books 1-4*. Translated by P. A. Brunt. Loeb Classical Library 236. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1976.

ARRIANO. *Alexander the Great: The Anabasis and the Indica*. Translated by Martin Hammond. Oxford: Oxford University Press, 2013.

DIODORO DA SICÍLIA. *Library of History, Volume VIII: Books 16.66-17*. Translated by C. Bradford Welles. Loeb Classical Library 422. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963.

JUSTINO. *Epitome of the Philippic history of Pompeius Trogus*. Traduzido por Rev. J.S. Watson. London: Henry G. Bohn, 1853.

PLUTARCO, *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Traduzido por Renan Marques Liparotti. Coimbra: Coimbra University Press /São Paulo: Annablume, 2017.

PLUTARCO. *Lives, Volume VII: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar*. Translated by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library 99. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*. Traduzido por Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão. Coimbra: Coimbra University Press, 2019.

QUINTO CÚRCIO. *History of Alexander, Volume I: Books 1-5; Volume II: Books 6-10*. Translated by J. C. Rolfe. Loeb Classical Library 368, 369. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1946.

PSEUDO-CALÍSTENES. *The Greek Alexander Romance*. Traduzido por Richard Stoneman. New York: Penguin, 1991.

WOLOHOJIAN, Albert Mugrdich. *The Romance of Alexander the Great by Pseudo-Callisthenes*. New York and London: Columbia University Press, 1969.

### Estudos

AMITAY, Ory. *From Alexander to Jesus*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 2010.

ANSON, Edward. *Alexander the Great: Themes and Issues*. London: Bloomsbury, 2014.

- BADIAN, Ernest. *Collected Papers on Alexander the Great*. New York: Routledge, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BILLOWS, Richard A. *Antigonos the One-Eyed and the Creation of the Hellenistic State*. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press: 1997.
- BORZA Eugene. N. Introdução. In: BADIAN, Ernest. *Collected Papers on Alexander the Great*. New York: Routledge, 2012. p. 13-19.
- BOSWORTH, A.B; BAYNHAM, E.J. *Alexander the Great in Fact and Fiction*. New York: Oxford University Press, 2000.
- BOSWORTH, A. B. *Conquest and Empire. The Reign of Alexander the Great*. Cambridge/New York: 1988.
- BOSWORTH, A. B. The Death of Alexander the Great: Rumour and Propaganda. In: *The Classical Quarterly*, vol. 21, no. 1, 1971, p. 112–136. JSTOR, [www.jstor.org/stable/637824](http://www.jstor.org/stable/637824). Acesso em: 03 de outubro, 2021.
- BRIANT, Pierre. *Alexandre, Exégèse des Lieux Communs*. Paris: Gallimard, 2016.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARNEY, Elizabeth Donnelly; OGDEN, Daniel (orgs). *Philip II and Alexander the Great: Father and Son, Lives and Afterlives*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- DROYSEN, Johann Gustav. *Alexandre o Grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- EDDY, Samuel. *The King is Dead. Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism 334-331 BC*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOX, Robin L. *Alexander the Great*. Penguin Books: Londres, 1973.
- FREEMAN, Philip. *Alexandre, o Grande*. Barueri: Amarilys, 2014.
- GREEN, Peter. *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: A Historical Biography*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 2013.

- GREEN, Peter. *Alexandre, o Grande e o Período Helenístico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- HAMMOND, N. G. *O Gênio de Alexandre o Grande*. São Paulo: Madras, 1997.
- HECKEL, Waldemar. *The Conquests of Alexander the Great*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- HOLT, Frank L. *Alexander the Great, and the Mystery of the Elephant Medallions*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 2003.
- KROLL, Wilhelm. *Historia Alexandri Magni (Pseudo-Callisthenes)*. Berlin: Weidmannsche, 1926.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- MARTIN, Thomas R., BLACKWELL, Christopher W. *Alexandre, o Grande*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- NAWOTKA, Krzysztof. *Alexander the Great*. New Castle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.
- NICHOLSON, Oliver. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford; Oxford University Press, 2018.
- O'BRIAN, John Maxwell. *Alexander the Great, The Invisible Enemy: A Biography*. London: Routledge, 1994.
- PRANDI, Luisa. *New evidence for the dating of Cleitarchus (POxy LXXI. 4808)?* HISTOS, vol. 6, p. 15-26, 2012. Disponível em: <https://histos.org/documents/2012A02PrandiNewEvidenceforCleitarchusRevised.pdf>.
- PROPP, Vladimir I. *A Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- RICE, Ellen E. *Alexandre, o Grande*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2005.
- ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian, (orgs). *A Companion to Ancient Macedonia*. Massachusetts/ Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.
- SANT'ANNA, Henrique Modanez de. *A Fabricação de Alexandre Magno. Habilidade Política e Genialidade Militar nas Fontes Antigas (336-331 AEC)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.
- STONEMAN, Richard. *Alexandre, o Grande*. Lisboa: Edições 70, 2008.

- STONEMAN, Richard. *Alexander the Great*. Londres/ Nova York: Lancaster Pamphlets, 1997.
- STONEMAN, Richard. *Alexander the Great: A Life in Legend*. New Haven/London: Yale University Press, 2008.
- STONEMAN, Richard. "Primary Sources from the Classical and Early Medieval Periods" in: Zachariah D. ZUWIYYA. *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Vol 29. Leiden: Brill, 2011.
- STONEMAN, Richard; ERICKSON, Kyle; NETTON, Ian Richard (orgs). *The Alexander Romance in Persia and the East*. Ancient Narrative. Supplementum 15. Groningen: Barkhuis Publishing & Groningen University Library, 2012.
- STONEMAN, Richard. *The Ancient Oracles: Making the Gods Speak*. New Haven, CT: Yale University Press, 2011.
- STONEMAN, Richard. *The Book of Alexander the Great: A Life of the Conqueror*. London: I.B. Tauris, 2012.
- TARN, W. W. *Alexander the Great II: Sources and Studies*. London/ New York/ Melbourne: Cambridge University Press, 1948.
- THOMAS, Carol G. *Alexander the Great in His World*. Blackwell Ancient Lives. Malden: Blackwell Pub, 2007.
- WALSH, John, BAYNHAM, Elizabeth (orgs). *Alexander the Great and Propaganda*. Abingdon, Oxon /New York, NY: Routledge, 2021.
- WORTHINGTON, Ian. *Alexander the Great: A Reader*. London: Routledge, 2003.
- WORTHINGTON, Ian. *By the Spear: Philip II, Alexander the Great, and the Rise and Fall of the Macedonian Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- WORTHINGTON, Ian. *Ptolemy I: King and Pharaoh of Egypt*. New York: Oxford University Press, 2016.
- ZUWIYYA, Zachariah D. *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Vol 29. Leiden: Brill, 2011.